

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL EM REDE  
(PROFLETRAS)  
UNIDADE ITABAIANA

**CARLA MAGDA DA CUNHA SOUSA**

**RETEXTUALIZAÇÃO NO GÊNERO ENTREVISTA:  
PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO DA ORALIDADE À ESCRITA POR DISCENTES  
DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**CARLA MAGDA DA CUNHA SOUSA**

**RETEXTUALIZAÇÃO NO GÊNERO ENTREVISTA:  
PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO DA ORALIDADE À ESCRITA POR DISCENTES  
DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação do Trabalho de Conclusão Final (TCF) apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Sergipe, *Campus Itabaiana*, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Orientador: Prof. Dr. José Ricardo Carvalho da Silva

Itabaiana – SE  
2018

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA PROFESSOR ALBERTO  
CARVALHO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S586r    Sousa, Carla Magda da Cunha  
          Retextualização no gênero entrevista: processo de ressignificação da  
          oralidade à escrita por discentes do 9º ano do ensino fundamental. Carla  
          Magda da Cunha Sousa; orientador: José Ricardo Carvalho da Silva. –  
          Itabaiana, 2018.  
          176 f.; il.

          Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal  
          de Sergipe, 2018.

          1. Letras língua portuguesa. 2. Oralidade. 3. Escrita. 4. Entrevista.  
          I. Silva, José Ricardo Carvalho da. II. Título.

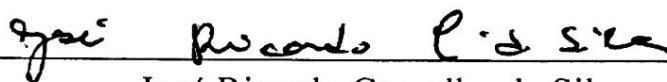
CDU 811.134:303.62

**CARLA MAGDA DA CUNHA SOUSA**

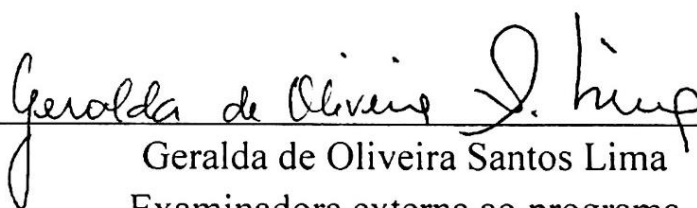
**RETEXTUALIZAÇÃO NO GÊNERO ENTREVISTA:  
PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO DA ORALIDADE À ESCRITA POR DISCENTES  
DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Aprovado em 10 de maio de 2018

**BANCA EXAMINADORA**



José Ricardo Carvalho da Silva  
Presidente da Comissão Julgadora



Geralda de Oliveira Santos Lima  
Examinadora externa ao programa



Valdinar Custódio Filho  
Examinador externo à instituição

## **AGRADECIMENTO ESPECIAL**

Ao professor Dr. José Ricardo Carvalho da Silva, pela pessoa e profissional que é. Agradeço pela orientação responsável, inteligente e compreensiva, e, sobretudo, pela permanente confiança e incentivo ao trabalho realizado. Minha eterna gratidão por todo conhecimento transmitido!

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, em primeiro lugar, pela presença constante nesta árdua jornada, principalmente nos momentos de fraqueza em meio às dificuldades.

Ao meu pai, minha base e espelho para amar a Língua Portuguesa. Tenho muito orgulho de ter um pai tão dedicado à vida estudantil de seus filhos.

À minha mãe, que mesmo não estando presente nesse plano espiritual, tenho certeza de que está muito feliz e honrada com mais essa conquista. Como eu queria que vivenciasse esse momento!

Aos meus sobrinhos, em especial Biel e Dudu, pois estão presentes na minha rotina diária. Saibam, seus dois sapecas, que cada sorriso, cada beijo e cada abraço foram meu estímulo nessa árdua caminhada. Amo vocês incondicionalmente!

À minha maninha Cassiane, pelo incentivo, motivação, compreensão e solidariedade em todo o percurso. Tenha certeza de que és sinônimo de força e perseverança. Quando eu pensava em desistir, você, sem perceber, me dava estímulo para continuar. Amo-te muito! Palavras são incapazes de demonstrar o quanto és valiosa para mim!

Aos meus amigos, pela compreensão da ausência em alguns momentos, por me apoiarem e torcerem pelo meu sucesso. Em especial a Charlene, por sempre se preocupar, apoiar e se prontificar a me ouvir nos momentos de fraqueza. E à minha amiga Edicleide, que com sua positividade sempre me incentivou e valorizou meu potencial. Muito obrigada por tudo!

Aos professores membros da Banca de Qualificação, Dr<sup>a</sup> Leonor Werneck dos Santos e Dr<sup>a</sup>. Geralda de Oliveira Santos Lima, pelas contribuições realizadas.

A todos os professores do Mestrado Profissional em Letras do Campus Itabaiana da Universidade Federal de Sergipe – Profletras, pela contribuição em todo processo de minha formação neste mestrado. Em especial ao nosso eterno “titio”, o prof. Dr. Carlos Magno, pela disponibilidade em auxiliar a todos os alunos da turma, meu agradecimento em particular.

À Secretaria da Educação do município de Itabaiana, Sergipe, pela licença concedida para um melhor aproveitamento dos meus estudos. Jamais esquecerei tal gesto.

Aos colegas da 3<sup>a</sup> turma do Mestrado Profissional em Letras – Profletras, pela amizade,

brincadeiras, incentivo, aprendizado e socializações realizadas. Em especial à colega e companheira de todo este percurso, Josivânia, e à companheira de desabafos, força e incentivo, Suzete. Nunca esquecerei nosso bordão “Somos os melhores juntos!”. Sem vocês eu não teria conseguido!

À Secretaria do Profletras, especialmente Andréa, primorosa profissional, sempre paciente e solícita a nos ajudar. Muito obrigada!

Aos alunos, professores, funcionários e direção do Colégio Estadual Professor Nestor Carvalho Lima, pelo acolhimento e apoio necessários à realização da pesquisa.

À entrevistada, pela disponibilidade e competência.

E, finalmente, à CAPES, pela implantação do programa e concessão parcial da bolsa.

*Dizem que a vida é para quem sabe viver, mas ninguém nasce pronto. A vida é para quem é corajoso o suficiente para se arriscar e humilde o bastante para aprender.*

*Clarice Lispector*



## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão Final está redigido no formato de uma dissertação e investiga o processo de retextualização de entrevistas acerca da temática da gravidez na adolescência como proposta didática para o ensino de Língua Portuguesa. Os sujeitos escolhidos para a realização desta pesquisa foram 36 alunos de uma classe do 9º ano do ensino fundamental de uma escola estadual, em Itabaiana-SE. Acreditamos que o gênero discursivo entrevista – nas modalidades oral e escrita da língua – pode promover desafios sociocognitivos no processo interacional em atividades de produção textual. Para tanto, utilizamos como metodologia de pesquisa o estudo de caso, analisando uma proposta de sequência de atividades desenvolvidas em sala de aula com as seguintes etapas: leitura e caracterização do gênero entrevista; proposição da publicação de uma entrevista com a temática da gravidez na adolescência; elaboração de roteiro de perguntas de uma entrevista; realização de uma entrevista com um profissional da área de saúde; e, por fim, realização de atividades de transcrição e retextualização da entrevista oral para o escrito com publicação em uma página da rede social *Facebook*, da escola. Para o alcance de nosso trabalho foram utilizados como apoio teórico os trabalhos de Marcuschi (2010), Bakhtin (2011), Bronckart (2003), Schneuwly e Dolz (2004), Medina (1990), Fávero (1998,2000), dentre outros. A análise dos dados revelou que o processo de passagem do texto oral para o escrito em atividades de retextualização, com o gênero entrevista, pode contribuir para a melhoria da compreensão interpretativa e da produção textual escrita de alunos do ensino fundamental.

**Palavras-chave:** Retextualização. Gênero entrevista. Oralidade. Escrita. Práticas sociais.

## ABSTRACT

This Final Conclusion Paper is written in the format of a dissertation and investigates the process of retextualizing interviews about the theme of pregnancy in adolescence as a proposal for didactic intervention for teaching Portuguese Language. The subjects selected for this research were 36 students from a 9th grade elementary school from a state school in Itabaiana-SE. We believe that the discursive genre interview - in the oral and written modalities of the language - can promote sociocognitive challenges in the interactional process in textual production activities. To do so, we used as a research methodology the case study, analyzing a proposal of a sequence of activities developed in the classroom with the following steps: reading and characterization of the interview genre; proposing the publication of an interview with the subject of teenage pregnancy; preparation of a questionnaire for interviewing, interviewing with a health professional; and, finally, carrying out transcription and retextualization of the oral interview for writing with a publication on a social network page Facebook, from school. For the scope of our work, the works of Marcuschi (2010), Bakhtin (2011), Bronckart (2003), Schneuwly and Dolz (2004), Medina (1990), Fávero (1998,2000) and others . Data analysis revealed that the process of transferring the oral text to writing in retextualization activities, with the interview genre, can contribute to the improvement of the interpretative understanding and the written textual production of elementary school students.

**Keywords:** Retextualization. Genre interview. Orality. Writing. Social practices.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Modalidades da fala e escrita no gênero .....	26
Quadro 2 – Projeto de Norma Urbana Oral Culta (NURC/SP) .....	50
Quadro 3– Síntese da sequência de atividades .....	58
Quadro 4 – <i>Corpus</i> das entrevistas analisadas .....	70
Quadro 5 – Entrevista Blog da Criança.....	72
Quadro 6 – Atividade interpretativa em sala de aula .....	77
Quadro 7 – Entrevista Blog Jovem amor materno.....	81
Quadro 8– Recomendações para a realização da entrevista. ....	88
Quadro 9 – Transcrição da 1ª pergunta da entrevista com Camila Pitanga .....	91
Quadro 10 – Transcrição x retextualização da entrevista (analisando a primeira operação) ...	95
Quadro 11 – Transcrição x retextualização da entrevista (analisando a segunda operação) ...	97
Quadro 12 – Transcrição x retextualização da entrevista (analisando a terceira operação) ....	98
Quadro 13 – Transcrição x retextualização da entrevista (analisando a quinta operação) ....	100
Quadro 14 – Transcrição x retextualização da entrevista (analisando a sexta operação) .....	101
Quadro 15 – Transcrição x retextualização da entrevista (analisando a sétima operação) ....	103
Quadro 16 – Transcrição x retextualização da entrevista (analisando a oitava operação).....	103
Quadro 17 – Transcrição x retextualização da entrevista (analisando a nona operação) .....	104
Quadro 18 – G1: Transcrição e retextualização da 1ª pergunta da entrevista com a enfermeira e sua respectiva resposta – observando as operações 1 e 2.....	108
Quadro 19 – G2: Transcrição e retextualização da 2ª pergunta da entrevista com a enfermeira e sua respectiva resposta – observando a operação 3. ....	111
Quadro 20 Terceira operação: verificando pronome egótico .....	113
Quadro 21 G4 – Transcrição e retextualização de trecho da 6ª pergunta da entrevista com a enfermeira e sua respectiva resposta – observando a operação 4.....	113
Quadro 22 G4 – Transcrição e retextualização de trecho da 6ª pergunta da entrevista com a enfermeira e sua respectiva resposta – observando a operação 5.....	116
Quadro 23 G5 – Transcrição e retextualização de trecho da 8ª pergunta da entrevista com a enfermeira e sua respectiva resposta – observando a operação 6.....	117
Quadro 24 G3 – Transcrição e retextualização de trecho da 4ª pergunta da entrevista com a enfermeira e sua respectiva resposta – observando a operação 7.....	120
Quadro 25 G6 – Transcrição e retextualização de trecho da 10ª pergunta da entrevista com a enfermeira e sua respectiva resposta – observando as operações 8 e 9. ....	123

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Contínuo dos gêneros no âmbito de fala e escrita.....	27
Figura 2 – Fluxo do processo de retextualização.....	45
Figura 3 – Modelo das operações textuais- discursivas na passagem do texto oral para o texto escrito. ....	46
Figura 4 – Documentário “Meninas” .....	69
Figura 5– Atividade de entrevista realizada pelos alunos.....	84
Figura 6 – Entrevista televisiva - Eliana Barbosa entrevista Doutora.Isméri Seixas. ....	86
Figura 7 - Alunos assistindo à entrevista televisiva.....	86
Figura 8 – Entrevista com a atriz Camila Pitanga ao programa Fantástico. ....	93

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Questionário investigativo – Pergunta 01 .....	60
Gráfico 2 – Questionário investigativo – Pergunta 02 .....	61
Gráfico 3 – Questionário investigativo – Pergunta 03 .....	62
Gráfico 4 – Questionário investigativo – Pergunta 04 .....	63
Gráfico 5 – Questionário investigativo – Pergunta 05 .....	64
Gráfico 6 – Questionário investigativo – Pergunta 06 .....	64
Gráfico 7 – Questionário investigativo – Pergunta 07 .....	65
Gráfico 8 – Questionário investigativo – Pergunta 08 .....	66
Gráfico 9 – Questionário investigativo – Pergunta 09 .....	67
Gráfico 10 – Questionário investigativo – Pergunta 10 .....	68
Gráfico 11 – Questionário avaliativo – Pergunta 01 .....	127
Gráfico 12 – Questionário avaliativo – Pergunta 02 .....	128
Gráfico 13 – Questionário avaliativo – Pergunta 03 .....	129
Gráfico 14 – Questionário avaliativo – Pergunta 04 .....	130
Gráfico 15 – Questionário avaliativo – Pergunta 05 .....	131
Gráfico 16 – Questionário avaliativo – Pergunta 06 .....	132
Gráfico 17 – Questionário avaliativo – Pergunta 07 .....	132
Gráfico 18 – Questionário avaliativo – Pergunta 08 .....	133
Gráfico 19 – Questionário avaliativo – Pergunta 09 .....	134
Gráfico 20 – Questionário avaliativo – Pergunta 10 .....	135

## **LISTA DE SIGLAS**

ISD	Interacionismo Sociodiscursivo
NURC	Projeto de Norma Urbana Oral
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
1.1 PROBLEMAS DE INVESTIGAÇÃO .....	17
1.2 OBJETIVOS .....	19
1.3 JUSTIFICATIVA PARA O TEMA DA ENTREVISTA .....	19
1.4 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO.....	20
<b>2 GÊNEROS TEXTUAIS E APLICABILIDADE NA SALA DE AULA .....</b>	<b>22</b>
2.1 OS GÊNEROS NO CONTEXTO ESCOLAR.....	22
2.2 OS GÊNEROS DO DISCURSO SOB A PERSPECTIVA DE BAKHITIN.....	24
2.3 A RELAÇÃO ENTRE FALA E ESCRITA.....	26
<b>3 GÊNERO ENTREVISTA .....</b>	<b>29</b>
3.1 O QUE É ENTREVISTA? .....	29
3.1.1 Por que a escolha deste gênero?.....	30
3.2 GÊNERO ENTREVISTA COMO APLICABILIDADE NO ENSINO-APRENDIZAGEM: A ENTREVISTA JORNALÍSTICA.....	31
3.3 ENTREVISTADO X ENTREVISTADOR .....	36
3.4 O GÊNERO ENTREVISTA SOB A PERSPECTIVA SOCIOINTERACIONISTA .....	38
<b>4 RETEXTUALIZAÇÃO: RESSIGNIFICAÇÃO DA ORALIDADE À ESCRITA ATRAVÉS DO GÊNERO ENTREVISTA.....</b>	<b>43</b>
4.1 CONHECENDO A RETEXTUALIZAÇÃO .....	43
4.2 COMPREENDENDO AS OPERAÇÕES E AS ESTRATÉGIAS DE RETEXTUALIZAÇÃO ....	44
4.2.1 O papel da transcrição na atividade de retextualização .....	48
4.3 A RETEXTUALIZAÇÃO COMO MECANISMO DE ENSINO-APRENDIZAGEM.....	51
<b>5 CONHECENDO OS SUJEITOS ENVOLVIDOS E O <i>CORPUS</i> PARA ANÁLISE DE DADOS .....</b>	<b>54</b>
5.1 O ESTUDO DE CASO .....	54
5.2 OS SUJEITOS ENVOLVIDOS NA PESQUISA .....	55
5.2.1 A instituição escolar .....	55
5.2.2 Os alunos .....	56
5.2.3 A professora-pesquisadora.....	56
5.2.4 Os entrevistados .....	56
5.3 GERAÇÃO DE DADOS PARA A PESQUISA.....	57
5.3.1 Instrumentos utilizados.....	57
5.3.2 O processo para a geração de dados .....	57
<b>6 METODOLOGIA, ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA .....</b>	<b>59</b>

7.1 QUESTIONÁRIO INVESTIGATIVO .....	59
7.2 PROJETO DE ENSINO .....	68
7.2.1 Conhecendo o tema - Módulo I.....	68
7.2.2 Aprofundando a temática e os conhecimentos sobre o gênero entrevista - Módulo II.....	70
7.2.3 Da fala para a escrita: realizando transcrições - Módulo III .....	89
7.2.4 Da fala para a escrita: conhecendo a retextualização - Módulo IV .....	93
7.3 ANALISANDO OS PROCEDIMENTOS E RESULTADOS OBTIDOS ATRAVÉS DA RETEXTUALIZAÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA PELOS ALUNOS .....	105
7.4 APRESENTAÇÃO DA ENTREVISTA À COMUNIDADE ESCOLAR .....	125
7.5 QUESTIONÁRIO AVALIATIVO .....	126
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>136</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>138</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>142</b>
APÊNDICE I – Roteiro de perguntas da entrevista realizada com a enfermeira.....	142
APÊNDICE II – Questionário investigativo .....	143
APÊNDICE III – Questionário avaliativo.....	144
APÊNDICE IV- Transcrição e retextualização da entrevista realizada com a atriz Camila Pitanga...	145
APÊNDICE V - Transcrição e retextualização da entrevista realizada com a enfermeira .....	153
<b>ANEXOS .....</b>	<b>171</b>
ANEXO I – Termo de Confidencialidade .....	171
ANEXO II – Termo de Compromisso para coleta de dados em arquivos.....	172
ANEXO III – Termo de Consentimento Livre Esclarecido .....	172



## 1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que há um baixo desempenho do aluno, principalmente do ensino fundamental, em relação à proficiência em leitura e produção textual. Na maioria dos casos, a depender da prática de oralidade em que está inserido, o discente não tem dificuldade em se expressar oralmente, pois é uma prática corriqueira, mas tem muita resistência no momento em que vai produzir um texto escrito. Esse fracasso está associado a inúmeros fatores, mas, sem dúvida, a escola é determinante, bem como professores de Língua Portuguesa e livros didáticos, que privilegiam a decodificação de sons e letras e, na maioria das vezes, a leitura e a escrita são estudadas em frases soltas, descontextualizadas. Dessa forma, nesta pesquisa, buscou-se promover reflexões sobre o uso da língua, despertar o senso crítico do aluno, tentar compreender como os alunos do ensino fundamental, especificamente, podem melhorar a tessitura textual através da realização de atividades de retextualização de entrevistas orais em entrevistas escritas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998)<sup>1</sup> acreditam que o domínio da língua oral e escrita são fundamentais para participação social e efetiva do indivíduo, pois é através dessa participação que ele adquire e partilha informações. Com isso, amplia sua visão de mundo e produz conhecimentos. Portanto, o trabalho com o gênero textual, seja ele oral ou escrito, garante aos alunos o acesso a diversos saberes linguísticos, contribuindo para o exercício de cidadania.

A escrita é uma prática presente em quase todos os momentos de nossas vidas, e este fato tem contribuído bastante para o reconhecimento da infinidade de gêneros existentes nessa modalidade de comunicação. Ela está ligada diretamente aos diversos aspectos e estratégias concernentes à prática social, o que nos permite, por exemplo, decifrar a diferença entre a realidade e o ficcional e interpretar o sentido das coisas que nos rodeiam. Assim, na oralidade, a retextualização é uma prática intrinsecamente natural às pessoas, é um evento peculiarmente espontâneo no cotidiano dos falantes. Já na escrita, ela pode ser considerada uma atividade cognitiva muito complexa, haja vista requerer a ação de muitas habilidades interdependentes em sua diversidade textual, de operações e processos psicolinguísticos aos quais os alunos executam até chegar ao produto final do texto, e em sua pluridimensionalidade dos problemas de escrita.

As complexidades inerentes a esse processo são apreendidas em progressão linear,

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/prova-brasil>> Acesso em: 19 jun. 2017.

seguindo uma linha reta de conhecimento, que vai de um texto a outro, e em espiral, voltada a uma aprendizagem referente a um ensino-aprendizagem que abrange todos os níveis escolares de uma comunidade discursiva, a saber: argumentação, entrevista, narração, explicação etc., diferenciando somente no âmbito do gênero textual e seu uso de acordo com os tempos verbais; os organizadores textuais; progressão anafórica; esquema dos actantes, dentre outros (DOLZ, 2004). Mediante o exposto, iremos nos debruçar na análise da escrita dentro do âmbito da retextualização com o gênero entrevista, haja vista as práticas de retextualização orais e escritas acontecerem diariamente e em todo momento de interação entre pessoas que compartilham um gênero discursivo e uma língua em comum.

Com efeito, o gênero entrevista ajuda a ampliar a compreensão da oralidade e escrita quando examinamos a passagem do texto oral para o escrito em atividades de retextualização. Sob essa orientação destacam-se as propriedades e forma de funcionamento da linguagem do texto oral, como ritmo, entonação, sintaxe, forma de organização dos enunciados, expressão facial e corporal, vestuário e pausas no evento comunicativo.

Entendemos que a entrevista, por ser um gênero sociointerativo discursivo, é capaz de expandir o processo de comunicabilidade, promovendo a capacidade interpessoal em se posicionar acerca de vários assuntos de caráter social. Deste fato, posto que a temática abordada na entrevista abranja estes pontos, nos posicionamos na relevância deste gênero por ser um norte a guiar os alunos na compreensão de si mesmos e dos vários assuntos que ocorrem na sociedade, tais como a temática da gravidez na adolescência – de acordo com a entrevista – e somar às suas vidas para o desenvolvimento de competências linguística, de mundo, organizacional e de foco.

Propôs-se, então, ao utilizarmos o gênero entrevista e o processo da retextualização, que os alunos, através da realização de atividades sociointerativas, refletissem acerca da temática abordada, além de, ao transcreverem os áudios da entrevista, fossem capazes de observar as ocorrências típicas da fala na modalidade oral e conseguissem apresentar esses casos através do texto escrito, de forma clara e objetiva, desenvolvendo diversas habilidades, como a escuta, a escrita e a leitura.

## 1.1 PROBLEMAS DE INVESTIGAÇÃO

Para Penteado e Garrido (2010, p. 36), “Denomina-se pesquisa-ensino a que é realizada durante e como ato docente, pelo profissional responsável por essa docência”. Dessa forma, o professor-pesquisador, por estar insatisfeito em algum aspecto de sua docência é motivado para

esta pesquisa, com o intuito de alcançar uma resposta para algum problema apresentado no processo ensino-aprendizagem.

Assim, esta investigação buscou responder à seguinte questão-norteadora:

- Como o gênero discursivo entrevista, na oralidade e na escrita, pode contribuir para a melhoria da tessitura textual de alunos do Ensino Fundamental através de atividades de retextualização?

O gênero entrevista possui um importante desempenho social, sendo fundamental para a transmissão de informações, a concepção de uma posição crítica frente à sociedade. Dessa forma, a língua escrita não precisa ser o foco fundamental nas aulas de Língua Portuguesa. O trabalho com a oralidade necessita ser colocado em execução e deve ser prezado em sala de aula, porque existem numerosos acontecimentos comunicativos, internamente e externamente à escola.

A oralidade está continuamente presente na vida do indivíduo, porém a escola nem sempre observa tal fato; afinal, a língua é composta por fala e escrita. É de importância realçar a necessidade de um trabalho de conexão entre fala/escrita pela escola, por apreendermos que o estudo da oralidade ocorre em conjunto com a escrita.

A despeito da integração fala/escrita, esta pode ser ofertada em sala de aula por meio dos exercícios de retextualização; este delibera-se como o procedimento de produzir um novo texto por meio de um ou mais textos-base.

Existem diversas maneiras de conciliar o estudo da fala e escrita em exercícios escolares. Os docentes devem buscar meios para trabalhar atividades que permitam ao educando ajuizar sobre sua própria língua. Assim, ao indicar exercícios de retextualização fala-escrita, o docente deixa que os educandos consintam em serem coadjuvantes para serem os principais indivíduos dos exercícios administrados em sala de aula, interagindo mais com os docentes e amigos, identificando a grandeza da nossa língua e a multiplicidade de seus meios de utilização, quer seja no modo escrito, quer seja na oralidade.

O exercício de retextualização permite a relação entre fala e escrita e, a despeito do conhecimento dessas ligações estarem se comprovando na contemporaneidade, ainda existem escassas investigações nesse campo, especialmente, as direcionadas para o Ensino Fundamental.

Acredita-se que, gerando-se exercícios de retextualização, o estudo da oralidade receberá ênfase e, ao estabelecer relações entre língua falada e língua escrita, os meios de

utilização da língua materna serão melhores entendidos. É exatamente sobre isso que Marcuschi (2010) explana, quando ajuíza sobre o que a instituição escolar pode apresentar ao educando: quando já é notado no educando determinada aptidão de comunicação não se deve passar o que ele já sabe, nem bloquear as competências já acomodadas de interação.

De tal modo, a resposta pode ser oferecida no grau em que se postula que a instituição escolar não ensina língua, mas meios de utilização da língua e maneiras de comunicação escrita e oral. O cerne do trabalho será a língua no conjunto da concepção, produção e análise textual.

## 1.2 OBJETIVOS

Este trabalho tem como objetivo geral desenvolver no aluno as capacidades necessárias para melhoria da produção textual escrita, através do processo de retextualização de entrevista oral para a escrita, acerca da temática gravidez na adolescência.

São objetivos específicos dessa pesquisa:

- Produzir uma entrevista jornalística audiogravada sobre a gravidez na adolescência, com especialista na área de saúde, empregando os elementos característicos desse gênero textual;
- Identificar como as modalidades oral e escrita da língua se articulam nas práticas de linguagem, bem como transformar o texto oral em escrito, através de atividades de retextualização;
- Postar, na página do *Facebook* da escola, a entrevista retextualizada, promovendo reflexão acerca do tema, assim como contato com o gênero entrevista, a toda comunidade escolar.

## 1.3 JUSTIFICATIVA PARA O TEMA DA ENTREVISTA

A gravidez na adolescência é avaliada como um problema de saúde pública no Brasil e em outros países. As adolescentes estão em uma fase de desenvolvimento e, no mesmo momento, prestes a serem progenitoras. A função de ser mãe e ser adolescente gera uma confusão para estas; e no momento do nascimento é onde os problemas advêm. É um período muito terno para essas adolescentes, e que causa temor, ansiedade, isolamento e rejeição. As adolescentes grávidas possuem dois tipos de dificuldades: uma pela ausência de seu corpo acriançado, e outro por um corpo jovem que acabou de ser obtido, que está se demudando outra

vez pela gravidez.

Estas mudanças corporais advindas de um corpo em desenvolvimento para o de uma gravidez, são vivenciadas, na maioria das vezes, com certo assombro pelas adolescentes. Torna-se de suma importância o consentimento e a ajuda quanto às alterações que estão acontecendo, por parte do parceiro, da família, dos amigos e, especialmente, dos pais.

A instituição escolar acaba não oferecendo uma estrutura apropriada para amparar uma adolescente grávida. O efeito é que a adolescente acaba largando os estudos meio à gestação ou posteriormente ao nascimento do bebê, acarretando implicações para o seu futuro.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a orientação sexual ingressou de acordo com o aumento de acontecimentos de gravidez indesejada entre adolescentes e da temeridade de contágio de doenças sexualmente transmissíveis. A sugestão dos PCN é diligenciar o tema de orientação sexual em todas as etapas de escolarização e não como matéria de uma ciência.

Dessa forma, há também os riscos para com a mãe e o bebê quanto ao atendimento médico pré-natal; pois este pode ser de má qualidade. Isto advém porque, na maioria das vezes, a adolescente acaba ocultando a gravidez até a etapa mais avançada, anteparando um auxílio pré-natal desde o começo da gestação. Além disso, há a probabilidade de gestações consecutivas, os riscos de aborto e os problemas para a amamentação.

Portanto, a gravidez de adolescentes precisa ser afrontada como uma dificuldade não exclusivamente médica, mas da sociedade em um todo. É de suma importância que a família e escola se unam no combate à gravidez nessa etapa da vida da adolescente.

#### 1.4 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Concluindo este capítulo inicial, será apresentado um esboço das abordagens encontradas nos capítulos seguintes.

Permeará, no capítulo dois desta pesquisa, a relevância dos gêneros textuais e a aplicabilidade em sala de aula com alunos do Ensino Fundamental. Para tanto, iremos nos respaldar nos princípios teóricos de Bakhtin (2002) e Bronckart (2003), que defendem, respectivamente, a significância dos gêneros em seus mais variados contextos da comunicação, como também o caráter sociointeracional presente no evento comunicativo. Este capítulo mostrará, também, a relação entre a fala e a escrita a partir do gênero textual para construção de sentidos da fala para a escrita.

No intuito de esquadrihar a escolha, para esta pesquisa, do gênero entrevista, o capítulo três detalhará este gênero, bem como a sua importância como aplicabilidade no ensino-

aprendizagem para o aluno do 9º ano do ensino fundamental, fundamentando nossas assertivas sobre gênero nas postulações de Schneuwly e Dolz (2004), Marcuschi (2010) e Medina (1990), que caracterizam a conjuntura do gênero entrevista em sua situação real de uso, bem como sua importância para a vida do aluno.

No capítulo quatro iremos falar da retextualização, conhecer este processo e como pode ser um essencial mecanismo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, as nove operações de retextualização da fala para a escrita defendidas por Marcuschi (2010) serão esmiuçadas neste capítulo, bem como o papel da transcrição na atividade de retextualização.

No quinto capítulo iremos conhecer os envolvidos na pesquisa, além do material que serviu de base para darmos início às atividades e geração de dados para a realização da sequência de atividades.

No último capítulo, a metodologia, análise e discussão dos dados serão apresentados. Assim, os alunos através do gênero entrevista e aplicabilidade real em seu uso do processo de retextualização darão prosseguimento às atividades realizadas: realização, transcrição e retextualização da entrevista e, após o término do trabalho, uma sequência de atividades será sistematizada pela professora-pesquisadora para uso de futuros pesquisadores da área, professores e alunos e asseverar a relevância do gênero como propósito comunicativo.

Por fim, nas considerações finais, iremos retomar a relevância das atividades realizadas e refletir sobre os resultados obtidos.

## **2 GÊNEROS TEXTUAIS E APLICABILIDADE NA SALA DE AULA**

Os gêneros textuais exercem um relevante papel social quando o contexto é comunicação. A linguagem é uma das mais competentes formas de comunicação, pois nos consente em interatuar com indivíduos, assim como modificar nossa fala conforme nossas obrigações. Dessa infindável obrigação que a pessoa tem de comunicar-se com o outro, surgiram os gêneros textuais.

Gêneros textuais são múltiplos e exercem um papel social característico. Ademais, podem ter mudanças ao longo do tempo, apesar de que muitas vezes resguardam particularidades preponderantes.

Os gêneros são empregados em todas ocasiões que os falantes estão implantados em determinada circunstância comunicativa. Apesar do indivíduo estar inconsciente, seleciona-se um gênero que melhor corresponde àquilo que se ambiciona comunicar aos interlocutores, sempre com a finalidade de sobre ele alcançar algum efeito. Exemplo de gêneros textuais são: notícia, carta, poema, entrevista etc.

O gênero usado neste trabalho foi a entrevista, que possui caráter expositivo, o qual tem a função de exibir determinado pensamento por meio de recursos como a entrevista, que, logo, possui em uma de suas funções, a função informativa, conduzida por meios de comunicação. Aborda-se sobre um texto caracterizado pela oralidade e feito pela comunicação com duas pessoas.

### **2.1 OS GÊNEROS NO CONTEXTO ESCOLAR**

Profissionais de várias áreas do âmbito da educação têm pronunciado muitas declarações sobre as carências na utilização da linguagem escrita e oral em sala de aula. De tal modo, trabalhar isso, na prática, virou um desafio para o docente de Língua Portuguesa. Este tema tem sido ministrado e abordado em várias esferas da educação, porém, ainda é um agente de aflição.

Hoje em dia foram inseridas novas sugestões para o ensino e aprendizado, induzindo em importância alguns fatores como a influência mútua entre alunos, a interdisciplinaridade, transversalidades temáticas etc. Neste ponto de vista, a escola mira não mais trabalhar o conhecimento de uma disciplina de uma maneira separada, mas incluí-lo às demais disciplinas, ao dia a dia do educando e ao contexto social.

Assim sendo, não se instrui mais a língua materna na instituição escolar como um conjugado de princípios gramaticais em que o educando deve assimilar para conseguir uma

capacidade na oralidade e na escrita. É conciso que o ensino e aprendizado da língua advenham inclusos a uma situação vasta.

O modo de manifestar a língua na sociedade advém por meio da heterogeneidade de gêneros textuais presentes nos domínios sociais, com os quais conservamos uma relação diária por meio de jornais, televisão, internet, entre outros. Por isso é importante trabalhar os gêneros textuais no contexto escolar, é uma condição para expandir os conhecimentos do educando para com a língua.

A instituição escolar tem um desempenho importante na socialização do saber, pois é nesta que o educando vai determinar a utilização e o meio em que cada gênero é agregado na oralidade e na escrita, socialmente.

Conquanto que o indivíduo se prive da língua desde a tenra idade para motivos de comunicação social, é na instituição escolar que ele vai contrair conhecimento sobre a língua. Cabe ao indivíduo entender os gêneros viventes, e a escola vira um ambiente favorável para obtenção desse conhecimento. Se não houvesse os gêneros, a comunicação verbal seria quase impraticável. Neste ponto de vista, faz-se importante que o docente adquira um ver extenso de como ensinar.

Assim sendo, ao se ministrar os gêneros textuais em sala de aula, tendo em consideração os fatores que comete com que esse gênero ocupe um espaço importante no âmbito social, colabora-se para uma educação fundamental, pois, a partir da distinção de texto, é admissível trabalhar as díspares manifestações da linguagem, de maneira que acate os comprometimentos fundamentais dos educandos ao utilizar a linguagem nas práticas sociais.

O que necessita ser instruído não contesta às imposições de organização clássica de conteúdos na gramática escolar, mas aos aspectos que necessitam ser tematizados em desempenho dos comprometimentos exibidos pelos educandos nos exercícios de produção, leitura e escuta de textos. As práticas de linguagem localizadas (ou seja, os textos-discursos) são os utensílios maiores do desenvolvimento humano, não apenas sob o ângulo das noções e dos saberes, contudo, especialmente, sob o das competências de atuar e da identidade dos indivíduos.

O docente de língua materna deve atentar-se a trabalhar a língua como um pré-requisito volvido para a prática. Consequentemente, ao aprontar as aulas, é essencial avaliar se elas estão coesas com o contexto social atual, uma vez que o educando já se encontra em contato com a língua na sociedade a qual está implantado.

No ensino da língua, por meio de textos, é imprescindível avaliar que os textos se organizam sempre inclusos a certas advertências que os diferenciam como pertencentes a este



ou àquele gênero. Deste modo, observa-se que, ao projetar uma aula de língua materna, o docente está inteiramente ligado à questão dos gêneros, que são de grande relevância, porque é através deles que o sujeito desempenha a comunicação social e faz a analogia entre as várias formas de significação da língua na prática social.

Ao conseguir relação com esses gêneros e analisá-los na escola, o educando vai agregando o conhecimento que ele já tem para contrair um novo conhecimento, de tal modo ele vai contraindo a capacidade para produzir seu próprio texto e empregá-lo no cotidiano.

A relação com textos no nosso cotidiano exercita nossa competência de distinguir os fins para os quais este ou aquele texto é feito. O grau de linguagem, o jogo entre conteúdos explícitos e tácitos e a consideração às relações de interlocução volve, assim, um texto correspondente ou não à sua posição de produção/leitura.

Portanto, é de suma importância a intercessão do docente como intermediário para que o educando possa formar essa analogia entre o saber já contraído e o novo conhecimento, e, deste modo, alcançar um nível satisfatório na comunicação através de uma língua e, ao mesmo momento, tornar-se um indivíduo crítico capaz de se manter atualizado e evoluir-se ao lado das alterações linguísticas, sociais e culturais no âmbito em que vive.

## 2.2 OS GÊNEROS DO DISCURSO SOB A PERSPECTIVA DE BAKHITIN

Para a concepção bakhtiniana, deve existir uma relação entre as nossas palavras e as palavras do outro, isso é que movimenta a sociedade. O teórico Bakhtin (2011), afirma que na comunicação discursiva real, o indivíduo que ouve ocupa um ativo caráter responsivo, embora isso não ocorra prontamente à pronúncia do enunciado.

Este autor ainda utiliza a terminologia “gêneros do discurso”, conceituando-os à luz de um espectro de linguagem como uma influência mútua social, isto é, num ponto de vista sócio histórico, no qual o discurso não se edifica sobre o mesmo, mas se sofisticava em lugar do outro. Todos os domínios da atividade humana, por mais variantes que sejam, estão continuamente pertinentes com o emprego da língua.

O uso da língua executa-se em formas orais e escritas, que decorrem dos complementares duma ou doutro domínio da atividade humana. O enunciado incide sobre as condições características e os desígnios de cada um desses domínios, não só por sua temática e por seu caráter verbal, isto é, pela preferência atuada nos atributos lexicais, fraseológicos e gramaticais; e ainda, principalmente, por sua constituição composicional.

De acordo com Bakhtin (2011), a linguagem é o fundamental elemento por meio do qual

o homem se comunica e interatua, exercendo seus desígnios nos mais distintos contextos. Para ele, todos os domínios da atividade humana, por mais variantes, estão sempre pertinentes com o emprego da língua. Não é de admirar que o costume e os estilos desse emprego sejam tão variáveis como os próprios domínios da atividade humana. O autor supracitado (id. 2011) profere que o gênero continuamente é e não é no mesmo momento, sempre é novo e velho. Bem como a sociedade, os gêneros também se transformam para acatar às necessidades desta mesma sociedade.

Exemplo disso é a carta, muito comum em épocas antecedentes e atualmente deu espaço para o e-mail, visto que a sociedade contemporânea busca rapidez na transferência dos conhecimentos. Porém, mesmo suprimindo essa necessidade, a sociedade não deixou de ter a carta. O que aconteceu foi uma alteração, uma modernização do gênero carta, para melhor receber a sociedade.

Em relação a isso, Bakhtin (2011) expõe que cada domínio distingue seus gêneros, adequados à sua característica, aos quais retribuem determinados caracteres. Entende-se que os gêneros têm modificações em decorrência do momento histórico em que estão localizados. Cada ocasião social dá procedência a um gênero com suas propriedades peculiares. Tendo-se em consideração a grande porção de circunstâncias comunicativas e que essas só são aceitáveis graças ao emprego da língua, pode-se compreender que ilimitados também serão os gêneros.

O mesmo autor (Id., 2011) relaciona o desenvolvimento de novos gêneros à manifestação de novos domínios da atividade humana, com desígnios discursivos característicos. Esta diferença fez com que Bakhtin reconhecesse a existência de dois grupos de gêneros: primários e secundários.

Os primários têm relação às circunstâncias comunicativas realizadas na esfera privada com uma função específica, como a carta íntima ou uma conversa. Prevalece no gênero primário o uso da modalidade oral. Os gêneros secundários se realizam na esfera pública, originam-se de situações comunicativas complexas que se remetem a diferentes linguagens e discurso para compor a sua unidade, como o teatro, o romance, etc.

Além disso, Bakhtin, ao indicar o trabalho com a palavra, está sugerindo não se trabalhar com ela como uma integração prescindida, sem vida; sem unir-se a atividades humanas. E a vida está consecutivamente em oscilação, pode ser contemplada de ângulos desiguais, se reconstrói invariavelmente, oferece acepções atualizadas. De tal modo, também, a linguagem vive esse vaivém de ser a própria e ser dessemelhante ao mesmo momento.

### 2.3 A RELAÇÃO ENTRE FALA E ESCRITA

Uma importante questão que permeia as discussões relacionadas ao ensino de Língua Portuguesa diz respeito ao tratamento de textos escritos e falados e a aplicabilidade destes em sala de aula. Segundo Goulart (2005), a escola brasileira privilegia as atividades com textos escritos em detrimento das atividades com textos orais. Com isso, percebemos uma grande diferença ao ensinar o texto escrito e o texto falado devido à atenção que é dada ao escrito, mesmo não sendo intencional. A oralidade, assim como a escrita, desenvolve um importante papel na sala de aula de Língua Portuguesa. Marcuschi (2010, p. 46) defende que

[...] tanto a fala como a escrita, em todas as suas formas de manifestação textual, são normalizadas (não se pode dizer que a fala não segue normas por ter enunciados incompletos ou por apresentar muitas hesitações, repetições e marcadores não-lexicalizados [...])

Assim, diversos autores defendem a importância do trabalho da oralidade em sala de aula. Marcuschi (2008, p. 25) define a oralidade como “[...] uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora”. Dentre outros fatores, este é um pelo qual optamos por investigar a importância do gênero entrevista e sua retextualização.

Há práticas sociais que abordam, preferencialmente, a escrita e, outras, a oral. Com relação ao uso da língua, como já mencionado, fala e escrita não são responsáveis por domínios dicotômicos. As diferenças entre as duas se dão dentro de um continuum tipológico de práticas sociais de produções de texto. Apesar de fazer parte do mesmo sistema linguístico, é impossível fazer uma separação das duas modalidades.

Segundo Marcuschi, (2010, p.40), como observamos no quadro a seguir, temos textos que se enquadram somente na modalidade oral e outros que se enquadram somente na modalidade escrita, mas também temos uma série de textos que são considerados mistos, ou seja, que se entrecruzam entre as duas modalidades.

**Quadro 1** – Modalidades da fala e escrita no gênero

GÊNERO TEXTUAL	MEIO		CONCEPÇÃO	
	Sonoro	Gráfico	Oral	Escrita
Conversação Espontânea [a]	X		X	
Texto Científico [c]		X		X
Noticiário de Tv [d]	X			X



lexicais, estilo, grau de formalidade etc., que se dão num contínuo de variações, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de contínuos sobrepostos (MARCUSCHI, 2010, p. 42).

Portanto, ao utilizarmos o contínuo dos gêneros, verificamos que tanto a fala quanto a escrita apresentam variações e a partir desse critério de análise evitam-se dicotomias estritas. Deste fato, ressaltamos que essas variações e diferenças entre fala podem ser observadas não através da perspectiva do sistema, mas do uso.

De maneira geral, o ensino dos gêneros orais desenvolve nos alunos uma sensibilidade para reconhecer a intencionalidade implícita ou conteúdos persuasivos ou discriminatórios presentes nas mensagens veiculadas à comunicação. Portanto, cabe à escola oferecer essas práticas educativas proporcionando uma progressão linguística aos estudantes. A escola deve apresentar os gêneros orais e escritos que fazem parte do dia a dia do aluno.

### 3 GÊNERO ENTREVISTA

Neste capítulo, iremos aprofundar o conhecimento do gênero entrevista sob a perspectiva sociointeracionista, bem como detalhar o porquê da escolha deste gênero e sua aplicabilidade no processo de ensino-aprendizagem.

#### 3.1 O QUE É ENTREVISTA?

Entrevista é todo ato comunicacional que nos faz interagir mediante um emissor e um receptor na conversação, podendo ser formal ou informal, a depender do contexto situacional e cultural à qual se dá o processo do diálogo. É uma técnica importante que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas, ou seja, salienta-se a interação social entre entrevistado e entrevistador, na criação de um vínculo de interesses mútuos no evento comunicativo.

De acordo com a ideia defendida por Dolz e Schneuwly (1999, p.12), a entrevista possui conexão fundamental com o âmbito da mídia quando comparada a outros gêneros existentes, haja vista “[...] seu lugar social de produção é a imprensa escrita, o rádio ou a televisão. A exigência de mediatização preside todas as atividades que se depreendem daí”. Nesse sentido, para compreendermos a extensão do gênero entrevista é imprescindível o estudo de como o gênero se configura e sua relação intrínseca com o universo discursivo à qual faz parte.

Somando-se a isso, para Morin (1973, p. 115): "Uma entrevista é uma comunicação pessoal tendo em vista um objetivo de informação." De acordo com o autor, essa explicação considera a entrevista criada pela informação social, mesmo havendo uma disparidade na origem da informação.

A entrevista é uma intervenção, sempre orientada para uma comunicação de informações. Mas este processo informativo, sempre presente, pode não ser o processo nem o fim essencial da entrevista; é o processo psico-afetivo ligado à comunicação que pode ser o mais importante, embora de maneira diferente, tanto no domínio das ciências humanas quanto no domínio dos veículos de massa (MORIN, 1973, p. 116).

As questões do gênero entrevista deixam claro que não há distinções conceituais enfatizadas entre o controle discursivo da comunicação social, tendo em vista o elemento comum da comunicação humana. Porventura, as distinções entre as diversas áreas se mostrem de modo mais claro em relação ao caráter não-público, às vezes, até mesmo reservados das informações. Estas ficam restritas aos seus interlocutores; já a entrevista tele participativa se volta a todos, sendo uma ferramenta de comunicação de massa.

Morin (1973) declara que a entrevista tem como meta o conhecimento da informação. Mesmo ele reconhecendo que a informação é a finalidade comunicativa da entrevista, nos setores da psicologia social e da comunicação de massa, o autor estabelece diferença na origem da informação: na comunicação social, a informação está ligada a um fim extraordinário, ao mesmo tempo que, na psicologia social, a informação objetiva seu enquadramento num sistema metodológico, hipotético e verificador. Declarando que a finalidade comunicativa do gênero discursivo entrevista jornalística ultrapassa o caráter informativo, ele reconhece o fenômeno psicoafetivo como uma variante constitutiva da mesma comunicação ao dizer que “[...] em todos os casos a palavra informação é insuficiente para esgotar a natureza da entrevista” (MORIN, 1973, p. 116). No entanto, essa implicação psicoafetiva pode prejudicar a objetividade da finalidade informativa da entrevista, na medida em que a informação pode ser transformada ou falsificada.

Medina (1990) antes de mostrar o seu pensamento sobre o gênero entrevista, faz um questionamento sobre as duas visões que o cercam: na primeira, o gênero é visto como uma eficaz técnica para obtenção de respostas pré-pautadas por um questionário; na segunda, é visto como uma ferramenta de comunicação humana, na qual as relações interpessoais são criadas pelo diálogo. Para a autora, a definição do gênero entrevista está diretamente relacionada a esses dois conceitos: o da técnica, se o foco estiver apontado para a consciência profissional; e o do diálogo, se o foco estiver voltado à comunicação humana. Isso posto, ela considera que

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação (MEDINA, 1990, p. 8).

Nota-se visivelmente, por essa resolução, que a escritora entende o gênero entrevista como uma ferramenta da comunicação humana. Ela ainda declara que a entrevista, se vista sob a interpretação unicamente da técnica, é fria nas relações entrevistado-entrevistador, não atingindo os parâmetros possíveis da inter-relação.

### 3.1.1 Por que a escolha deste gênero?

A escolha do gênero entrevista não foi aleatória, pois permeia seu caráter essencialmente oral, e por também nos remeter à particularidade sociointeracionista presente neste gênero interativo, posto que, neste estudo, intentamos aprofundar a oralidade e a escrita dos alunos em citado gênero. Deste fato, a relevância da escolha deste gênero se deu porque na fala e escrita do gênero entrevista – usando a gravação dos diálogos entre entrevistadores e entrevistada, os

dados utilizados na retextualização da interlocução nos mostram que é possível melhorar a tessitura textual e ampliar o campo cognitivo dos alunos.

Somando-se a isso, sabemos que esse contexto jornalístico ao qual está inserido o gênero entrevista é fator que iremos desvendar nesse trabalho, haja vista o teor essencialmente argumentativo ao qual discorreremos nesse gênero. Neste sentido, utilizando o contexto argumentativo que se estabelece no gênero entrevista, a argumentação se trata de um ponto de vista que pode propor ou mesmo refutar uma tese definida, haja vista esta trabalhar com um viés que tenta persuadir o interlocutor; conquanto, nesse contexto, a tessitura textual desse gênero é caracterizada como argumentativa.

### 3.2 GÊNERO ENTREVISTA COMO APLICABILIDADE NO ENSINO-APRENDIZAGEM: A ENTREVISTA JORNALÍSTICA

Nesta dissertação, optamos por permear o âmbito do gênero entrevista por seu caráter intrinsecamente oral e por pressupor interação entre duas pessoas no discurso. Deste fato, sabe-se que a entrevista é uma das formas mais comuns de se obter dados para notícias e reportagens. Nesse sentido, postulamos que há diferentes objetivos quando se vai entrevistar uma pessoa ou um grupo de pessoas. Conforme o que pretendemos do entrevistado, têm-se variados tipos de entrevista, como a entrevista “de ilustração, na qual elenca aspectos biográficos do entrevistado, registrando suas preferências, ideias, local onde mora, a forma de falar, dentre outros; entrevista coletiva, em que o entrevistado responde às várias perguntas dos repórteres, de diferentes veículos de informações; a entrevista noticiosa, que extrai do entrevistado informações sobre fatos que vão se tornar notícias; e a entrevista de opinião, que levanta a opinião do entrevistado sobre o assunto pesquisado.

Portanto, temos, também – a exemplo desse gênero – “[...] a entrevista jornalística, entrevista médica, entrevista científica, entrevista de emprego etc.” (HOFFNAGEL apud PINTO, 2007, p. 187). A comunicação social<sup>2</sup> é algo passível de refletir no escopo jornalístico, com um objetivo peculiar. Nesse sentido, o escritor que permeia esse gênero exibe um feitio que distingue a entrevista científica da entrevista jornalística: enquanto a primeira interessa a um público menor e exclusivo, a outra atinge um público maior e variado.

---

<sup>2</sup> "Comunicação Social" é a de que se trata da área do conhecimento humano responsável pelo estudo dos fenômenos relacionados aos meios de comunicação, principalmente dos veículos e meios de massa, como a internet, a imprensa, a televisão, o rádio e o cinema, e os efeitos destes em relação à sociedade. Disponível em: <<https://esamc.br/blog/post/208/afinal-o-que-e-comunicacao-social>> Acesso em: 8 set. 2017.



Conforme Schneuwly e Dolz (2004), no presente momento da ideia referente ao gênero discursivo entrevista jornalística, ainda existem ideais diferentes sobre a relevância assimétrica do entrevistador em relação aos outros interlocutores na constituição da entrevista. A assimetria existente entre os interlocutores da entrevista jornalística em benefício do entrevistador pode ser reparada nas considerações de Schneuwly; Dolz:

[...] uma prática de linguagem altamente padronizada, que implica expectativas normativas específicas da parte dos interlocutores, como no jogo de papéis: o entrevistador abre e fecha a entrevista, faz perguntas, suscita a palavra do outro, incita a transmissão de informações, introduz novos assuntos, orienta e reorienta a interação; o entrevistado, uma vez que aceita a situação, é obrigado a responder e fornecer as informações pedidas (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 73).

Schneuwly; Dolz (2011) salientam a especialidade jornalística das entrevistas: “Seu lugar social de produção é a imprensa escrita, o rádio ou a televisão. A exigência de mediatização preside todas as atividades que se depreende daí”. Isso mostra que a entrevista possui uma forte ligação com a mídia. Apresentam a entrevista radiofônica como “[...] um gênero a conhecer e a dar a conhecer aos outros”, indicando-a assim:

A entrevista é um gênero jornalístico de longa tradição, que diz respeito a um encontro entre um jornalista (entrevistador) e um especialista ou uma pessoa que tem um interesse particular num dado domínio (entrevistado). Uma entrevista consiste, então, em fazer falar essa pessoa expert a respeito de diversos aspectos de um problema ou de uma questão, com o intuito de comunicar as informações fornecidas a terceiros, que representam, teoricamente pelo menos, a demanda de informações. [...] Na entrevista radiofônica, o papel dos participantes e as trocas aí implicadas pressupõem sempre a presença de um terceiro: o público. Além disso, a coestão direta, em tempo real, das trocas, apesar da possibilidade de certas manipulações durante a difusão, permanece uma de suas características constitutivas (SCHNEUWLY; DOLZ, 2011, p. 73).

Este plano recomenda um trabalho com a oralidade, com uma extensão ainda maior, pois visa aos estudos referentes à oralidade e à escrita. Contudo, achamos adequado abrir esse espaço para cuidar particularmente dos gêneros orais em função do que já estabelecemos na formação desse trabalho: a indispensabilidade de aprimorar os estudos com a oralidade, pois, mesmo estando constantemente presente tanto nas salas de aula quanto na rotina de todas as pessoas, a escola deve atribuir-lhe a devida atenção. Vários linguistas denunciam que o ensino escolar da língua oral e de seu uso ocupa um lugar limitado.

De acordo com Dolz; Schneuwly (2011):

Os meios didáticos e as indicações metodológicas são relativamente raros; a formação dos professores apresenta importantes lacunas. No entanto, os textos oficiais afirmam claramente que o texto oral constitui um dos domínios prioritários do francês. (DOLZ; SCHNEUWLY, 2011, pp. 125-126)

A primeira indagação se fundamenta em consequência do número ilimitado dos gêneros discursivos que existem no espaço comunitário. Schneuwly e Dolz (2004) respondem à

indagação afirmando que a escola deve dar mais atenção ao ensino dos gêneros discursivos de domínio público e que ainda não são compreendidos pelos estudantes. A segunda indagação também se fundamenta, porque a escola é visada como uma agência de ensino e aprendizagem da área escrita da língua.

Dessa forma, a reescritura do texto é compreendida como uma atividade que envolve operações complexas, como o de mudança do texto falado para o escrito e do escrito para o falado, que intercedem tanto no código como no sentido e comprovam uma série de características, nem sempre bem compreendidas da relação oralidade e escrita. Portanto, o serviço com a retextualização permite refletir sobre a relação oral e escrito, pretendendo a superação do ponto de vista dicotômico, ainda tendo mais valor no ensino de Língua Portuguesa, por intermédio do estudo dessas áreas a partir da relação de contínuo.

Costa (2009), ao exibir o vocabulário “entrevista”, em seu “Dicionário de Gêneros Textuais”<sup>3</sup>, descreve-o na área jornalística e homologa que:

No discurso jornalístico, pode ser definida como uma coleta de declarações, informações, opiniões tomadas por jornalista(s) para divulgação através dos meios de comunicação (imprensa falada, escrita, televisiva, internet). Pode designar também uma matéria jornalística – chamada pingue-pongue – que é redigida em forma de pergunta-resposta. Entrevista rápida com perguntas e respostas breves (COSTA, 2009, p. 103)

Salientando a área jornalística como bastante ampla, já que contém vários gêneros, pode-se imaginar que a escola deve desfrutar dessa perspectiva de entrevista para o seu exercício didático-pedagógico.

Em meio aos dois, determina-se uma relação díspar, em que o entrevistado tem o entendimento do tema e o poder da palavra, enquanto o entrevistador deve se delimitar a organizar as perguntas.

A grande diferença compreende os desacordos linguísticos, sociais e culturais entre os interlocutores, em que um desses executa o papel de monitor na interação. Deve-se impor a esse interlocutor um papel menor. No entanto, é de grande importância notar que ele necessita estar firme em relação ao que vai questionar.

Ainda que o procedimento da reescritura da categoria oral do gênero discursivo da entrevista jornalística para a categoria escrita correspondesse, num primeiro momento, satisfatoriamente aos propósitos estabelecidos, foi realizado o aumento da proposta com a

---

<sup>3</sup> Neste momento de mudança de paradigma que atualmente domina o ensino do português em nosso país, é extremamente oportuna e valiosa a contribuição que Sérgio Roberto Costa oferece aos professores e aos formadores de professores, com a publicação deste Dicionário de Gêneros Textuais (COSTA, 2008, p. 7).

retextualização da categoria escrita da entrevista, com o objetivo de colocar as operações linguísticas, textuais, discursivas e cognitivas ligadas nesse seguimento. Cria-se, assim, um jogo interlocutivo de mudança de ordem de fala (e de informações), em que ambos buscam mostrar conhecimento sobre o tema do assunto.

De acordo com Fávero<sup>4</sup> (2000), da mesma forma enfatiza a grande presença do gênero entrevista no presente, ao caracterizá-la da seguinte forma:

A entrevista é uma atividade em que, não somente pessoas ligadas à área de comunicação, como os jornalistas, mas todos nós, de uma forma ou de outra estamos envolvidos, quer como entrevistadores, quer como entrevistados. Seu objetivo é sempre o inter-relacionamento humano [...] (FÁVERO, 2000, p. 79-80).

A escritora admite a correlação da entrevista ao âmbito jornalístico, porém, vai além, ao mencionar que todos estamos incluídos com o gênero, em nossos inter-relacionamentos. Ressaltam-se três momentos importantes em uma entrevista: o tempo da elaboração, o da entrevista devidamente dita e o da edição. Se for uma entrevista falada, seu registro no tempo é muito importante. Porém, quando a entrevista for digitada, pode ter diversas revisões e reescrituras até elaborar o produto final.

Conforme a autora, é importante notar que o método interacional nas entrevistas pode se dar de maneiras diferentes. Tem um conjunto de traços que provam o projeto de dominância criado ao longo da conversa, embora, a princípio, tenha alguma relação de igualdade (um sujeito que pergunta, outro que responde). No entanto, a interação fixa-se não somente na cumplicidade e solidariedade, pois é capaz de haver certa concorrência, “na medida em que os interlocutores fazem parte de um jogo de linguagem que se instaura através de um processo de negociações, trocas, normas partilhadas, concessões”. E nessa conversação surge, com certa constância, a gesticulação que também é criada em meio ao intercurso conversacional.

O estudo da gestualidade é impulsionado tanto pela desvalorização de sua função social, já que a verbalização é dominante, como pela possibilidade prática de sua extensão, através dos meios de comunicação visual. Entretanto, cabe lembrar que os gestos são sempre expressivos, constituem uma linguagem original, universal e verdadeira (FÁVERO; ANDRADE, 1998, p. 160).

O caso de as entrevistas terem sido registradas em áudio proporcionou que os alunos equiparassem às transcrições posteriormente com o áudio, momento em que ficaram mais claras as singularidades do texto oral. A respeito desse momento, diz Fávero:

No momento da edição, a entrevista pode manter-se oral (rádio, televisão), ou passar

---

<sup>4</sup> Professora Titular de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP) e Professora Titular de Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).

para a escrita (jornais, revistas). As escritas perdem muito das características da língua falada: sendo o texto reescrito, desaparecem repetições, correções, paráfrases, hesitações e outras marcas do texto oral (FÁVERO, 2000, p. 83).

Os estudantes deveriam estar conscientes disso, pois a professora-pesquisadora intentava levar os alunos a compreenderem as relações entre o texto oral e o texto escrito, que em décadas anteriores, eram tratados como dicotômicos: a escrita era julgada “correta” devido ao poder a ela dado pelo “prestígio social”.

Adentrando no universo do gênero, para Schneuwly (2004), o “[...] gênero é um instrumento” responsável por mediar uma atividade específica, desta forma, dando corpus à mesma. Com efeito, ainda conforme o autor (Id.) sugere, os gêneros devem ser estudados em agrupamentos, pois é uma forma de abranger uma constelação de multiletramentos para o ensino-aprendizagem, para que os discentes possam se tornar pessoas capazes e com discernimento para distinguir a variedade de gêneros com o intuito de poderem se posicionar em seu uso real para o cotidiano, assim, dando aplicabilidade e suporte para os mesmos no âmbito da escola e fora dela, propiciando pleno valor e desenvolvimento da cidadania.

Nesse sentido, quando estudamos especificamente o gênero entrevista, mais diretamente a entrevista jornalística, com os alunos, incitamos a seu caráter peculiarmente interacional e de cunho social. Contanto, defendemos que o trabalho com os inúmeros gêneros do discurso seja algo a se somar ao conhecimento de mundo do aprendiz, por estes serem passíveis de despertar o senso crítico e, conseqüentemente, o discernimento.

Sendo assim, o trabalho contínuo com os gêneros e o uso de atividades que estimulem a participação discente poderá desenvolver sua criticidade, se estimulada pelo professor. Nessa perspectiva, é importante privilegiar gêneros do cotidiano, visto que os textos geralmente tratam de fatos comuns e utilizam de linguagem simples, os quais podem despertar a curiosidade dos alunos.

Marcuschi (2008) ainda afirma que é muito importante conhecer os vários gêneros textuais que circulam em nossa sociedade, posto que estes são detentores de viés sociointeracional, e, apreender o saber que os gêneros podem nos passar, nos torna pessoas mais críticas para compreender os diversos eventos que ocorrem socialmente, permitindo equilíbrio de ideias nas mais variadas esferas discursivas. No entanto, quando voltamos tal assunto para o contexto escolar, compreendemos que os gêneros se configuram como um dos principais entraves no ensino de Língua Portuguesa, o que reflete, muitas vezes, a falta de contextualização/discussão a partir das atividades de leitura realizadas em sala de aula.

### 3.3 ENTREVISTADO X ENTREVISTADOR

Como em nossa pesquisa a entrevista trabalhada foi a de cunho jornalístico, então postulamos esta ser classificada numa dicotomia de interação entre entrevistador e entrevistado. Nesse âmbito, em relação ao entrevistador, Medina (2002) assevera que são necessárias algumas características e posições a serem definidas e construídas, pois estas contribuirão para o sucesso do trabalho jornalístico: a necessidade da produção de uma pré-pauta, que consiste em anotar com antecedência réplicas e possíveis tréplicas inerentes à temática, a qual situe o entrevistador em uma posição sapiente em relação ao tema e ao conhecimento do entrevistado; o preparo do entrevistador, através de um estudo antecipado do tema, como forma de se sentir confortável no momento de inquirir o entrevistado, tendo uma visão social do tema, seja este político, econômico, psicológico e de conhecimentos sobre os fatos culturais. Todos estes fatores ajudarão no desenvolvimento de um perfil positivo durante a entrevista.

Ainda sobre a formação do entrevistador, a autora afirma que: “Desenvolver o encadeamento de perguntas, interferências, interrupções, reorientações no discurso do entrevistado é, sem dúvida, a demonstração de um desempenho maduro do repórter (MEDINA, 2002, p. 29).

O gênero entrevista dentro do contexto de comunicação da fala, apesar de estar inserido no espaço de criação, em tempo real, de enunciados, insere-se dentro de um leque de possibilidades quanto ao seu caráter dêitico, ligado à coerência, à interação e, em muitos casos, à improvisação, e faz com que o caráter mútuo de trocas de informações torne o evento comunicativo um espaço de ensino-aprendizagem do gênero discursivo.

A variedade de personalidades dos entrevistados exige do entrevistador várias habilidades na administração de uma entrevista, abstendo-se de eventuais desvios de seus objetivos e propósitos, produzidos por distrações pessoais ou relativos da natureza da própria entrevista, como simulação, respostas evasivas etc.

Sobre a situação inicial de uma entrevista, a autora afirma:

Mesmo tomando como referência uma situação ideal de empatia entre entrevistador e entrevistado, o que se coloca de imediato, em todas as entrevistas, é uma dinâmica de bloqueio e desbloqueio. De fato, as pessoas andam armadas umas em relação às outras. Então, no que se refere ao contato com jornalistas, o caso é mais grave (MEDINA, 1990, p. 30).

Apesar desses princípios valorizarem o caráter técnico-profissional da entrevista nos campos científicos em função de sua informação ser ligada a um fim prático, os autores focalizam o processo psicoafetivo presente na entrevista como o fundamental elemento

associado à comunicação entre os sujeitos sociais.

Algumas pessoas, no desempenho de suas obrigações profissionais, dedicam uma grande fração de seu tempo entrevistando. Contanto, advogados, professores, médicos, enfermeiras, jornalistas, ministros, conselheiros, empregadores, chefe de pessoal, todos dialogam frequentemente com pessoas procurando informações, auxiliando ou aconselhando. Segundo Annette Garrett (1977, p. 15), “[...] adquirem assim um variado desenvolvimento na arte de entrevistar, às vezes conscientemente, com mais frequência, porém, inconscientemente”.

Referente a essa organização dos atores sociais em objetivos ou subjetivos, racionais ou afetivos, Garrett destaca

Os assistentes sociais (entrevistadores) às vezes opõem o que chamam situação real do cliente (entrevistado) aos seus problemas emocionais. Essa separação não é feliz, porque nos faz muitas vezes agir como se as duas áreas se excluíssem reciprocamente (GARRETT, 1977, p. 27).

Para Garrett (1977, p. 17), “[...] a entrevista é uma arte, uma boa técnica, que pode ser desenvolvida e mesmo aperfeiçoada, principalmente pela prática contínua”.

A exemplo disso, com base nessas resoluções, pode-se certificar que, na área das Ciências Sociais, a entrevista é ligada à obtenção de informações.

Segundo Garrett:

A entrevista se processa entre os seres humanos, os quais, sendo marcadamente individualizados, não podem ser reduzidos a uma fórmula ou padrão comum. Sem dúvida, existem certos traços psicológicos que caracterizam, quase sempre, a maioria das pessoas (GARRETT, 1977, p. 16).

São pontos que retratam a dificuldade em produzir um perfil que encaixe todas as particularidades do entrevistado. Essa complexidade não se restringe a certas peculiaridades do entrevistado, mas também às do entrevistador, ou seja, àquele que é entrevistador e o que é entrevistado, pessoas isoladas, que se envolvem no âmbito da relação sociodiscursiva da entrevista, exercem influência mútua na construção de seus respectivos perfis.

Para ter a habilidade de um fenômeno em complexidade psicossocial inquestionável como a entrevista, o repórter precisa entender que sua relação com a fonte ultrapassa o objetivo técnico, por meio da valorização de seu papel social materializado em uma interação discursiva intensa.

Tanto a fala quanto a escrita acompanham a organização da sociedade, devido à língua manter relações complexas com suas representações sociais. Mediante as assertivas de Bakhtin (2002), Schneuwly (2004) e Marcuschi (2008), defendemos o contexto de relevância do gênero entrevista como precursor no estabelecimento da perspectiva do interacionismo sociodiscursivo com os alunos do 9º ano do ensino fundamental. A partir do trabalho com os gêneros, mais

especificamente com o gênero entrevista, alunos desenvolverão sua capacidade de compreender tanto os textos orais, quanto os escritos, adequando sua participação no meio social.

### 3.4 O GÊNERO ENTREVISTA SOB A PERSPECTIVA SOCIOINTERACIONISTA

Tentando compreender o esquema de funcionamento do Interacionismo Sociodiscursivo, abordaremos a complexidade não linear que é apresentada na fala e escrita inserida numa conjuntura comunicacional de interação, e nas variações sofridas no ato locutório de emissão e recepção da síntese sociointeracionista.

Ao adotarmos o gênero entrevista neste estudo, permeamos a perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) de Bronckart (2003, 2006, 2008). Desta forma, reconhecemos, portanto, a relevância de ensinar gêneros textuais, pois o sujeito interage num determinado grupo social por meio de textos, que, por sua vez, organizam-se em gêneros específicos para cada ocasião social. Nesse sentido, de acordo com Marcuschi (2010, p. 37): “Do ponto de vista dos usos quotidianos da língua, constatamos que a oralidade e a escrita não são responsáveis por domínios estanques e dicotômicos. Há práticas sociais mediadas preferencialmente pela escrita e outras pela tradição oral”.

Para compreendermos a aplicabilidade do gênero estudado para o ensino-aprendizagem, nos respaldamos na relevância do sociointeracionismo presente nas entrevistas, em que há um contexto específico para realização do enunciado e êxito na comunicação. Nesse sentido, o ISD apregoa a linguagem como um fenômeno social e histórico, ou seja, um lugar de plena troca, interação. Ainda discorre que o texto é uma homogeneidade palpável e concreta da comunicação, sendo o gênero sua realização, aquilo que dá corpus à sua existência (SCHNEUWLY, 2004) para que ocorra a interação interpessoal.

Neste estudo, intentamos permear o universo de citado gênero por meio de entrevista realizada com alunos do ensino fundamental, tendo um profissional da área de saúde como respondente do questionário de perguntas elaboradas pelos discentes.

Bakhtin (2003, p. 261-262) defende a ideia de que gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados, em cuja constituição entram elementos referentes à composição, ao conteúdo e ao estilo. Para o autor, é na produção de enunciados e dos gêneros discursivos que são inseridas as intenções comunicativas e as necessidades sociointerativas do sujeito, ou seja, o aluno ao ler e escrever, falar e ouvir, ativa seu conhecimento prévio sobre o gênero ao qual ele teve acesso nas suas relações com a linguagem. De acordo com Vaz (2009),

A Entrevista seria um gênero de enunciação objetivizada marcado pela alternância verbal formalmente delimitada entre os interlocutores. Esse gênero coloca em cena duas instâncias enunciativas que interagem sob a forma de perguntas e de respostas, palavra e contrapalavra, criando, segundo Moirand (2000, p. 106), uma representação estereotipada de interação didática, na qual pode inscrever-se a intertextualidade própria a um domínio específico do saber que é entrecortado por questões do entrevistador pretensamente apresentando as questões do público-leitor. Interessante observar que, muito embora a pessoa do entrevistador seja sempre citada no início da matéria, as perguntas ali transcritas o são não em seu nome, mas no nome do órgão de imprensa, que dá assim à voz pessoal do jornalista uma função ecóica, e assume a responsabilidade face ao que é por ele enunciado.

A referida abordagem, que avalia o gênero entrevista no processo de retextualização, mostra-se relevante ao analisar como se dá o ensino de gêneros textuais em sala de aula de Língua Portuguesa ao buscar embasamento nos pressupostos teóricos do Interacionismo Sociodiscursivo de Bronckart (2006), ao conceber que o estudo das relações entre linguagem e atividade humana deve ser analisado de modo integrado dentro da perspectiva dos limites sociais e discursivos. No tocante ao ensino de gêneros textuais, é nos textos que essas atividades são concretizadas.

Van Dijk (2002) elabora um conceito de contexto que apresenta um caráter sociocognitivo a ser utilizado como forma mediadora, isto é, que ajude a entender a relação entre as estruturas discursivas e as estruturas sociais. Segundo van Dijk (2005, p.75), contexto é a “[...] representação mental que os participantes fazem das propriedades relevantes da situação social na qual eles interagem, e na qual produzem e compreendem os textos escritos e falados”.

Desde o início de seus estudos, van Dijk mostra a relevância do contexto no processo de produção de sentidos estabelecido pelos usuários da língua. Em um texto intitulado Contexto e cognição: esquemas de conhecimento e compreensão dos atos de fala, van Dijk (1977, p. 217) afirma que

antes que os usuários da língua sejam capazes de relacionar as informações recebidas ao conhecimento linguístico mais geral e a outros tipos de conhecimentos na sua memória, eles devem analisar o contexto com relação ao qual um determinado ato de fala é realizado.

Portanto, essa representação mental, à qual intentamos trabalhar nos alunos por meio do gênero entrevista, foi elaborada por cada sujeito e funciona como uma ponte entre as estruturas sociais e discursivas. Não é por acaso que ao elaborarmos um discurso, não podemos perder de vista nosso interlocutor, no âmbito de um contexto específico, e levando em consideração suas crenças poderemos decidir quais as formas mais propícias de alcançar o nosso interlocutor na entrevista.

Neste sentido, já com a prática da entrevista, um fato que não podemos desconsiderar é



que apesar dos alunos compartilharem de um mesmo cenário do discurso, ou seja, dentro de um contexto de enunciado da entrevista, as percepções são distintas. E, para asseverar essas asserções, van Dijk (2002, p.163) discorre que

[...] não são o gênero, a classe social a etnia ou o poder, vistos como elementos “objetivos”, que controlam a produção ou a compreensão de textos escritos ou falados, mas, isto sim, se e como os participantes interpretam, representam e fazem uso de tais restrições “externas”, e especialmente como eles o fazem em interações situadas.

Consoante Bakhtin (2008), a concepção de gênero textual é indissociável na relação existente entre língua e sociedade. As variadas esferas de atividade humana, denominadas pelo teórico de domínios ideológicos, dialogam entre si a fim de produzirem, cada um em sua própria esfera, as formas relativamente estáveis de enunciados que são classificados de gêneros discursivos. Devido a isso, a linguagem permite construir entre os sujeitos, por meio da interação, a realidade social.

Os variados gêneros, em toda esfera da comunicação, estão imbricados na estrutura sociodiscursiva e cognitiva do discente. No entanto, os leitores necessitam da prática do letramento para uma melhor desenvoltura social e de compreensão do mundo. Dessa forma, são os eventos comunicativos e de interação que farão com que o aluno consiga expandir sua capacidade de compreensão e discernimento dos gêneros textuais. Marcuschi (2005) argumenta que os gêneros são eventos comunicativos em que atuam ações linguísticas, cognitivas e sociais e que os gêneros textuais são os textos que encontramos no cotidiano, com padrões sociais e comunicativos característicos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.

Nesse sentido, para que se possa contribuir para um aluno proficiente e capaz de discernir marcas linguísticas inerentes ao gênero entrevista ou a outro gênero qualquer, será preciso ter uma boa motivação para o conhecimento dos demais gêneros, como forma de discernir os vários contextos existentes que irão fazer parte da vida do aprendiz, uma vez que muitas vezes a escola é o ambiente onde o usuário da língua tem a oportunidade de conviver com recursos e materiais que envolvem leitura, como: livros, revistas, cartazes, panfletos, jornais e outros meios que podem facilitar e contribuir com o processo de desenvolvimento do discernimento de gêneros textuais.

Quando objetivamos para os alunos a expansão de sua compreensão do gênero entrevista em sua aplicabilidade e uso real, sabemos que a exposição ligada a este gênero é fator resultante para o aprendizado, pois estimula a forma como o mesmo irá se apresentar em suas ideias e saberes apreendidos. Portanto, defendemos a aplicabilidade do gênero entrevista como forma de contribuir para o processo de aprendizagem do aluno, em contextos reais de uso da

língua. Mediante à citada asserção, Dolz (1999, 2004) exemplifica a importância da exposição quando diz que

A exposição apresenta, no entanto, um instrumento privilegiado de transmissão de diversos conteúdos. Para a audiência, mas também e sobretudo para aquele (a) que a prepara e apresenta, a exposição fornece um instrumento para aprender conteúdos diversificados, mas estruturados graças ao enquadramento viabilizado pelo gênero textual [...]. Do ponto de vista comunicativo, a exposição permite construir e exercer o papel de “especialista”, condição indispensável para que a própria ideia de transmitir um conhecimento a um auditório tenha sentido (p. 216, grifo do autor).

A exposição oral, assim como a entrevista, é um instrumento demasiadamente importante dentro da sala de aula, pois funciona como mediadora no desenvolvimento de habilidades de leitura, de escrita e de produção da fala, como também em contextos formais dentro e fora da escola. Desta maneira, para a realização dessa exposição, é importante um planejamento prévio no qual os alunos possam demonstrar capacidade de elaboração de um texto oral relacionado ao tema escolhido, além de demonstrar a capacidade de trabalhar com os recursos linguísticos, verbais e não verbais.

Para Dolz et al. (2004, p. 216) “[...] a exposição oral representa um instrumento privilegiado de transformação de diversos conteúdos”, ou seja, a exposição fornece “[...] sobretudo para aquele que prepara e o apresenta, um instrumento para aprender conteúdos diversificados, mas estruturados graças ao enquadramento viabilizado pelo gênero textual”

A fala e a escrita, por possuírem diferenças e similitudes, ainda assim não se assentam num padrão dicotômico de significados, haja vista a escrita não representar a fala em sua integralidade, e vice-versa (MARCUSCHI, 2010). O mesmo autor (2010, p. 46) assevera sua perspectiva acerca desse tema, quando nos afirma que:

[...] a visão dicotômica da relação entre fala e escrita não mais se sustenta. O certo é que a escrita não representa a fala, seja sob que ângulo for que a observemos. Justamente pelo fato de fala e escrita não se recobrirem podemos relacioná-las, compará-las, mas não em termos de superioridade ou inferioridade. Fala e escrita são diferentes, mas as diferenças não são polares e sim graduais e contínuas. São duas alternativas de atualização da língua nas atividades sócio-interativas diárias.

Assim, a escolha do gênero entrevista se deu devido a seu viés sociointeracionista<sup>5</sup>, ao qual insere o aluno em um contexto real de comunicação no âmbito da escola e também para além desta, haja vista o aluno trazer seu conhecimento prévio para formar e complementar seu discurso e, homologando a significância de citada asserção, os PCN recomendam o ensino dos gêneros orais, a fim de que os alunos sejam sujeitos capazes de interagir em diversas instâncias de sua vida pública, e, sobretudo, que estes consigam expandir sua capacidade

---

<sup>5</sup> A teoria sociointeracionista, cujo precursor é L.S. Vygotsky, o qual propõe que a unidade do conhecimento se encontra na relação entre o homem e meio, sujeito e objeto, num movimento dialético.

sociocomunicativa para além do âmbito escolar. É dever da escola propiciar ao estudante, de forma sistematizada:

[...] o planejamento prévio da fala em função da intencionalidade do locutor, das características do receptor, das exigências da situação e dos objetivos selecionados; a seleção adequada do gênero, de recursos discursivos, semânticos e gramaticais, prosódicos e gestuais; emprego dos recursos escritos (gráficos, esquemas, tabelas) com apoio para a manutenção da continuidade de exposição; ajuste da fala em função reação dos interlocutores, como levar em conta o ponto de vista do outro para acatá-lo, refutá-lo ou negociá-lo (BRASIL, 1998, p. 58).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais acreditam que o domínio da língua oral e escrita é fundamental para participação social efetiva do indivíduo, pois é através dessa participação que ele adquire e partilha informações. Com isso, amplia sua visão de mundo e produz conhecimentos. Portanto, o trabalho com o gênero textual, seja ele oral ou escrito, garante aos alunos o acesso a diversos saberes linguísticos, contribuindo para o exercício de cidadania.

Ademais, não é difícil perceber que as atividades orais propostas em sala nem sempre são adequadas, pois muitas vezes são realizadas sem preparo, e quando são feitas servem apenas para que os estudantes exponham os conteúdos vistos em sala de aula, sem nenhuma preparação ou planejamento prévio.

## **4 RETEXTUALIZAÇÃO: RESSIGNIFICAÇÃO DA ORALIDADE À ESCRITA ATRAVÉS DO GÊNERO ENTREVISTA**

A sugestão de analisar as afinidades entre o texto oral e o texto escrito foi um modo deparado de dinamizar as aulas de Língua Portuguesa, procurando impedir o ensino normativo a que muitos educandos titulam “decoreba” e para o qual habitam evidenciar desprendimento. Levou-se ainda em estima o episódio de que o educando chega à escola cometendo uso da modalidade oral da língua, e, por vezes, sua maneira de falar é até “desprezada” pela mesma escola.

Assim, agenciar meditações sobre a utilização da língua em suas duas modalidades é uma entrada de mão dupla, em que a noção é construída por meio da conversação entre docentes e educandos, despertando o pensamento crítico de cada indivíduo emaranhado nas interações, sem se desconhecer os saberes que os educandos apresentam de casa e que são imprescindíveis para que os docentes também possam aprimorar sua prática pedagógica.

### **4.1 CONHECENDO A RETEXTUALIZAÇÃO**

Marcuschi (2010) alega que a palavra retextualização foi criada primeiramente por Neusa Travaglia, em 1993, na sua tese de doutorado, para manifestar o trabalho de tradução de uma língua para outra. Depois disso, outros autores se empregam dessa terminologia em dessemelhantes aspectos.

Embora Marcuschi analise múltiplas probabilidades de retextualização, centraliza suas observações na passagem do texto falado para o texto escrito. Desigualmente de Travaglia, antecipa a conservação da mesma língua, mas a modificação da modalidade da língua. Explana o autor que perpetrar “[...] a passagem da fala para a escrita não é a passagem do caos para a ordem: é a passagem de uma ordem para outra ordem” (MARCUSCHI, 2010, p. 47).

Dell’Isola (2007 apud DELL’ISOLA, 2013), abrange sobre a retextualização da seguinte forma: “[...] a transformação de uma modalidade textual em outra, ou seja, trata-se de uma refacção de um texto verbal em outro, seja ele oral ou escrito, processo que envolve operações que evidenciam o funcionamento social da linguagem” (p. 132). A autora expõe que o método de retextualização tem se proporcionado como uma extraordinária solução para se trabalhar com os múltiplos textos em exercícios de linguagem no ensino da língua materna e oferece sugestões de retextualização escrita-escrita, descobrindo as oscilações retóricas dos gêneros textuais.

Dessa maneira, a atividade de retextualização não é tão simples. Marcuschi (2010) denomina de “processo complexo”. Não satisfaz somente abranger o discurso primeiramente recebido, é conciso analisar que a passagem da fala para a escrita estabelece decisões da sustentação ou não de alternativas lexicais que distinguem ou descaracterizam o falante, sendo que se reescreve o texto oral ou escrito.

Como assinala o autor supracitado por último (Id., 2010):

Sob o ponto de vista sociolinguístico, no caso de operações de transformação dialetológica e mesmo estilística, deve-se ter o cuidado de não descaracterizar aspectos identitários relevantes (pois a fala é um fator de identidade) ou produzir retextualizações implicitamente preconceituosas (frisando aspectos morfológicos não-padrão ou escolhas léxicas inusuais). Isto se dá particularmente em entrevistas, quando se encobre ou se enfatiza a procedência sociocultural do entrevistado por estratégias de substituição/manutenção lexical ou ênfase de idiosincrasias e realizações socioletais (p. 88).

De tal forma, é imprescindível diferenciar os termos refacção, reescrita e retextualização, muitas vezes utilizados, erroneamente, como equivalentes, por alguns autores. De acordo com Matencio (2002) “retextualizar é produzir um novo texto”, ou seja, “toda e qualquer atividade propriamente de retextualização irá implicar, necessariamente, mudança de propósito”. No entanto, para o autor, a reescrita “é atividade na qual, através do refinamento dos parâmetros discursivos, textuais e linguísticos que norteiam a produção original, materializa-se uma nova versão do texto”. Dessa forma, a reescrita atua sobre o mesmo texto, enquanto a retextualização é um processo mais amplo de escrita, já que é a passagem de “um texto para outro” em diferentes “modalidades”, como define Marcuschi. Assim, depreende-se que toda retextualização é reescrita, mas nem toda reescrita pode ser uma retextualização.

Por conseguinte, recomendam-se algumas diretrizes para assessorar os docentes a utilizarem a retextualização ao ensinar Língua Portuguesa. Segundo Dell’Isola (2007), todos os modelos de retextualização são obra de um trabalho de escrita de outro texto, dirigida pela modificação de um gênero em outro gênero. Os educandos, posteriormente à leitura do texto principal e da obra de um novo texto são movidos a procederem a uma apresentação, ou seja, a averiguarem se acataram as qualidades de produção, pois deve-se nutrir, embora em parte, o conteúdo do texto lido.

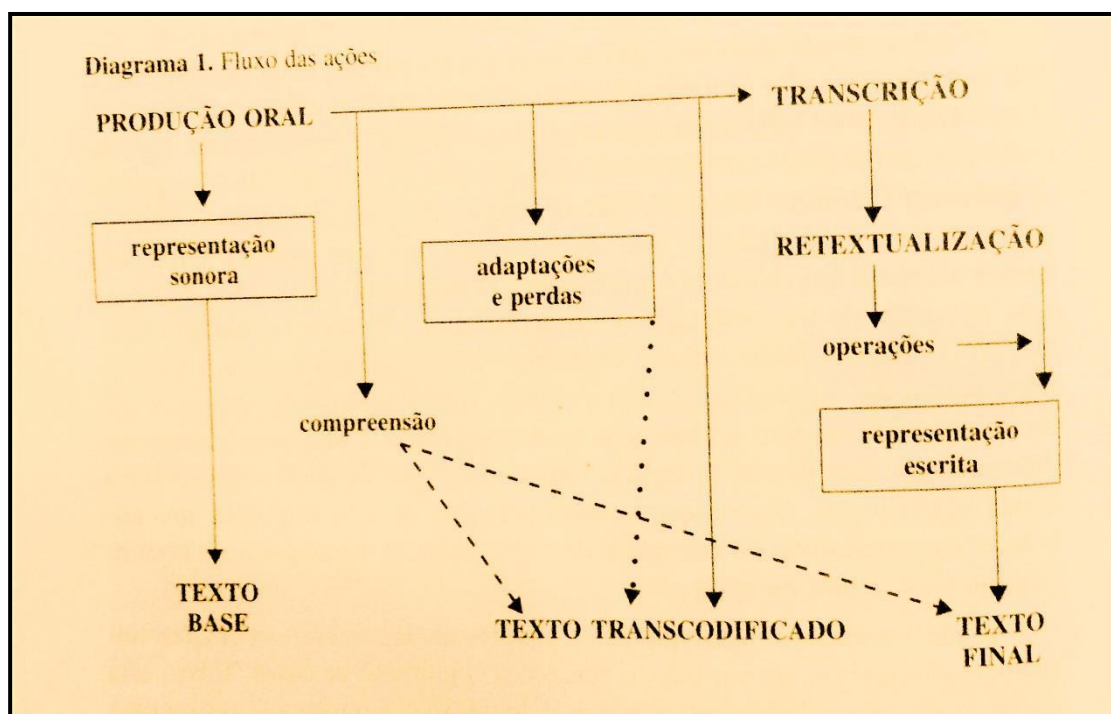
Nesta dissertação, o conhecimento fundamental de retextualização é norteado por Marcuschi (2010), em seus aprendizados sobre a afinidade fala-escrita.

## 4.2 COMPREENDENDO AS OPERAÇÕES E AS ESTRATÉGIAS DE RETEXTUALIZAÇÃO

Para realizarmos a retextualização da entrevista nos baseamos no esquema proposto por Marcuschi (2010), no qual as operações textuais-discursivas, na passagem do texto oral para o texto escrito, orientam o processo de transformação, ocasionando mudanças, especificamente, de linguagem. Marcuschi ressalta que a retextualização não é apenas um processo de reescrita, mas de transformação de textos, no qual devem ser observados os processos linguísticos, textuais e discursivos produzido pelo retextualizador.

Observe o fluxo de ações proposto por Marcuschi (2010) para que ocorra a retextualização de um texto oral para um texto escrito:

**Figura 2** – Fluxo do processo de retextualização (Fonte: Marcuschi, 2010, p.72)



Marcuschi explica, através deste diagrama, o fluxo dos processos de retextualização, que vai da produção oral original (texto base) até a produção escrita (texto final). O autor revela que este processo perpassa por dois momentos:

- O primeiro momento seria da transcrição, no qual ele nomeia de texto transcodificado, no qual, segundo o autor, ainda não são trabalhadas questões mais complexas, como inserir pontuação, e “deve ser fiel e não pode interferir na produção”, ou seja, movimentos corporais, indicações de sorriso, pausas, gagueira, entre outros, que se dão no momento em que se processa a fala, devem ser especificados. No entanto, neste momento é crucial um bom entendimento do que está sendo ouvido.

- O texto final (representação escrita) seria, então, o segundo momento definido por Marcuschi, a qual são realizadas operações cognitivas, linguísticas, textuais e discursivas. Neste momento é importante que as nove operações elaboradas por Marcuschi sejam bem compreendidas pela retextualizador, bem como deve-se ter ciência de que nem sempre todas são passíveis de ocorrer nesse processo e que é permitido partir de qualquer operação para iniciar o processo e não necessariamente seguindo uma ordem, já que não existe uma hierarquia entre elas.

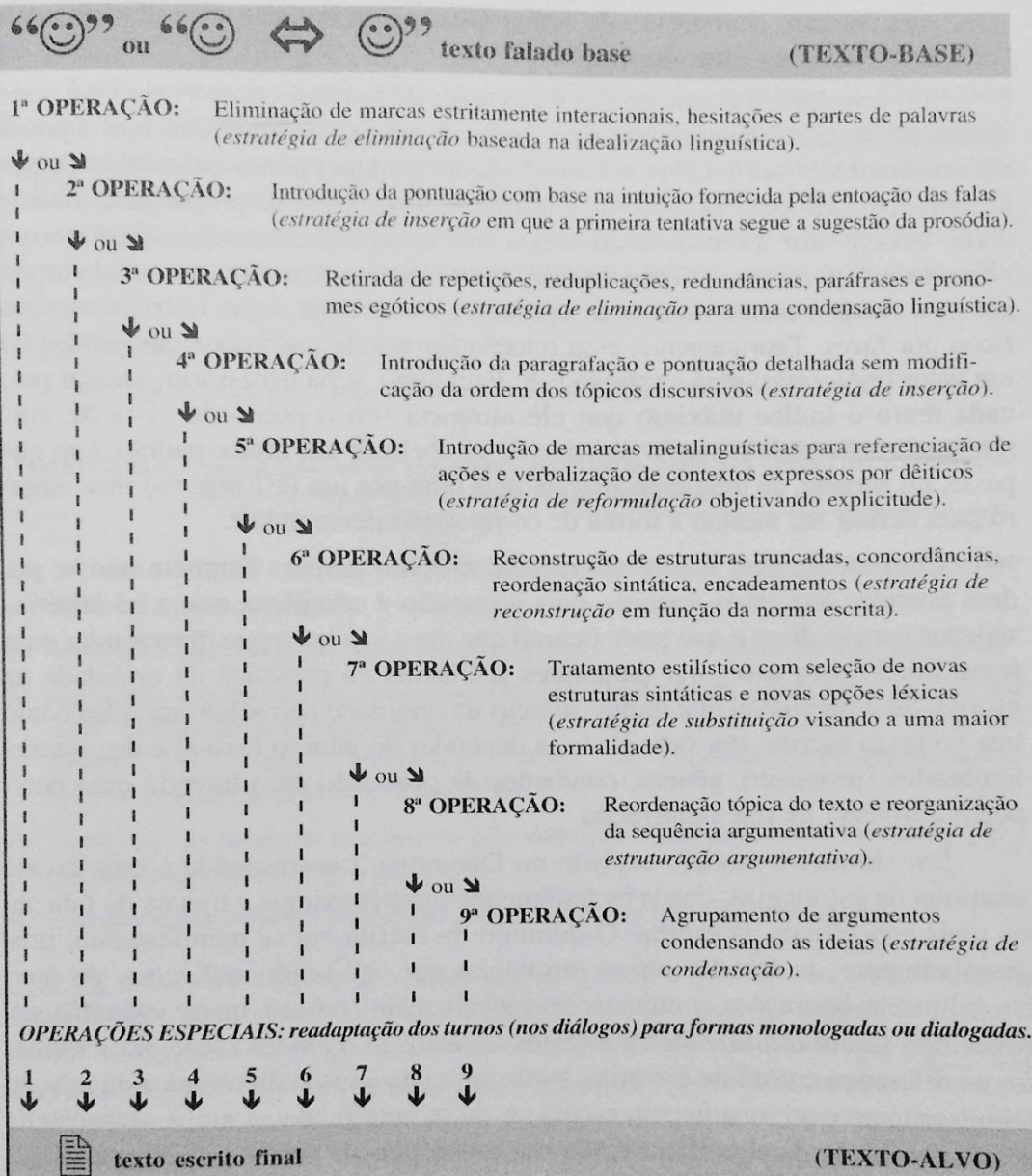
No entanto, é dada à fala uma nova forma escrita, uma reorganização textual, na qual a *compreensão*, problema que aparece no diagrama, influencia diretamente no texto final, pois, como nos afirma Marcuschi (2010) “Muito do que se transcreve deve-se a interpretações *ad hoc* que podem variar dependendo do grau de intimidade que o transcritor tem com essa tarefa”.

A seguir, o resumo das operações propostas por Marcuschi:

**Figura 3** – Modelo das operações textuais- discursivas na passagem do texto oral para o texto

escrito.

**Diagrama 2.** Modelo das operações textuais-discursivas na passagem do texto oral para o texto escrito



Algumas observações sobre as legendas para ler o modelo:

- A sequência inicial na parte superior do modelo {“😊” ou “😊 ↔ 😊”} lembra apenas que pode tratar-se de um texto falado *monologado* {“😊”} ou então de um texto falado *dialogado* {“😊 ↔ 😊”} que serve de **texto-base** para a retextualização.
- O símbolo {↓} posto abaixo de cada uma das 9 operações sugere que se pode partir desse ponto para o texto escrito final, e o símbolo {↗} indica que se pode ir à operação seguinte.
- O símbolo {📄} na parte inferior do modelo lembra que esse é o *texto escrito* tido como o ponto de chegada, isto é, o **texto-alvo** do processo de retextualização.

Fonte: Marcuschi (2010, p.75).

Como percebe-se, este diagrama expõe uma escala contínua de estratégias, na qual o



domínio da escrita se manifesta progressivamente. São nove operações definidas por Marcuschi e divididas em dois blocos: 1ª à 4ª definem as regras de regularização e idealização, são estratégias mais comuns e realizadas, quase espontânea e intuitivamente. Da 5ª à 9ª, as estratégias são de transformação, as quais Marcuschi divide em subconjuntos.

As operações cinco e seis referem-se à substituição e reorganização de natureza pragmática e morfossintática, respectivamente. Nas operações sete e oito surgem os problemas ligados ao cognitivo da interpretação textual. Entretanto, o autor afirma que “Uma não compreensão não impede a retextualização, mas pode conduzir a uma transformação problemática, chegando ao falseamento” (MARCUSCHI, 2010, p. 86). Já a última operação, que não fazia parte das primeiras versões do modelo apresentado, aponta para uma estratégia em que é necessário diferenciar resumir de transformar, pois ambas, apesar de retextualizadoras, não têm o mesmo objetivo. Marcuschi, então, evidencia que não se trata de uma estratégia resumidora, nem de eliminação de informações e sim, de transformação. Segundo ele

[...] transformar fala em escrita pode acarretar diminuição de texto, mas não necessariamente por razões de seleção das informações mais importantes e sim pela regularização linguística que implica redução no volume de linguagem (MARCUSCHI, 2010, p.87).

Nesta dissertação, iremos enaltecer de forma sucinta todas as operações de retextualização, no entanto, daremos mais saliência ao segundo bloco.

#### 4.2.1 O papel da transcrição na atividade de retextualização

Nesta pesquisa, por lidarmos com o gênero entrevista, ou seja, por ser um caráter comumente oral e escrito, há uma diferença relevante que temos de fazer entre a retextualização e a transcrição. De acordo com Marcuschi (2010, p. 48):

Transcrever a fala é passar um texto de sua realização sonora para a forma gráfica com base numa série de procedimentos convencionalizados. Seguramente, neste caminho, há uma série de operações e decisões que conduzem a mudanças relevantes que não podem ser ignoradas. Contudo, as mudanças operadas na transcrição devem ser de ordem a não interferir na natureza do discurso produzido do ponto de vista da linguagem e do conteúdo. Já no caso da retextualização, a interferência é maior e há mudanças mais sensíveis, em especial no caso da linguagem.

Com efeito, durante a prática de transcrição dos áudios das entrevistas realizadas pelos alunos do 9º ano do ensino fundamental – para depois os mesmos darem aplicabilidade na retextualização – percebemos que eles, neste trabalho, não possuíam consciência dessa transformação ou evolução que é a língua, em sua modalidade oral ou escrita. Homologando

tal assertiva, Marcuschi (2010) assevera que as transformações ocorrem automaticamente pelos usuários de uma língua, sem que eles se apercebam das complexidades das operações. Nesse sentido, embasando essa assertiva, ainda segundo o autor (2010, p. 46):

Partindo dessas posições, busca-se construir aqui um modelo para analisar o grau de consciência dos usuários da língua a respeito das diferenças entre fala e escrita observando a própria atividade de transformação. Serão identificadas as operações mais comuns realizadas na passagem do texto falado para o texto escrito. Esta passagem ou transformação é uma das formas de realizar o que denomino retextualização.

Inerente à transcrição das entrevistas, esta representa uma experiência prática para o pesquisador, haja vista se constituir em uma pré-análise do material a ser estudado. Deste fato, foi possível treinar os alunos para coletar as informações para o pesquisador e para tabular as respostas, posto que o instrumento utilizado foi um roteiro estruturado, que serviu de escopo para a pesquisa realizada.

Dessa forma, defendemos que a transcrição pode ser entendida como uma das várias fases da entrevista. Na primeira fase, com a temática gravidez na adolescência extremamente discutida, um roteiro foi elaborado. A segunda fase é a entrevista propriamente dita, ou seja, o processo de coleta de dados. A terceira fase é o processo de transcrição, que é uma atividade multifacetada, haja vista inserir o aluno no âmbito das particularidades da modalidade falada da língua, que, por ser tão óbvia, cotidiana, torna-se para os aprendizes algo erroneamente corriqueiro.

Nas entrevistas realizadas, utilizamos como modelo o sistema de transcrição do Projeto de Norma Urbana Oral Culta (NURC) para embasarmos a transcrição das entrevistas feitas pelos alunos, como mostramos a seguir:

## Quadro 2 – Projeto de Norma Urbana Oral Culta (NURC/SP)

Normas para transcrição de entrevistas gravadas		
Ocorrências	Sinais	Exemplificação
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )	Do níves de rensa ( ) nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	E comé/e reinicia
Entonação enfática	Maiúscula	Porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r )	:: podendo aumentar para :::: ou mais	Ao emprestarmos éh::: ... dinheiro
Silabação	-	Por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	E o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	São três motivos... ou três razões ... que fazem com que se retenha moeda ... existe uma ... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição: desvio temático	- - -	... a demanda de moeda - - vamos dar casa essa notação - - demanda de moeda por motivo ...
Superposição, simultaneidade de vozes	Ligando as linhas	a. na casa de sua irmã b. [sexta-feira? a. fazem LÁ b. [cozinham lá
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais de textos, durante a gravação	“entre aspas”	Pedro Lima ... ah escreve na ocasião.. “ O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREira entre nós”...
1. Iniciais maiúsculas : só para nomes próprios ou para siglas (USP etc) 2. Fáticos: ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá (não por <i>está</i> : tá? Você <i>está</i> brava?) 3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados. 4. Números por extenso. 5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa) 6. Não se anota o <i>cadenciamento da frase</i> . 7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::... (alongamento e pausa) 8. Não se utilizam sinais de pausa, típicas da língua escrita, como ponto e vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.		
Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP no. 338 EF e 331 D2.		
PRETI D. (org) <b>O discurso oral culto</b> 2ª. ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999 – (Projetos Paralelos. V.2) 224p.		
Material de uso didático - Prof. Pedro S. Rossi		

Fonte: Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP no. 338 EF e 331 D2<sup>6</sup>.

Para Marcuschi (1999), cabe ao transcritor observar os aspectos relevantes para se

<sup>6</sup> PRETI D. (org) **O discurso oral culto**. 2. ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999 (Projetos Paralelos. V.2) 224p.

alcançar os objetivos propostos, pois não existe a melhor transcrição. Assim, a transcrição deve ser clara e legível, sem utilização de símbolos complicados e vários cuidados devem ser tomados para que a linguagem e conteúdo não seja modificado.

De acordo com o autor

Basicamente passamos as palavras pronunciadas para uma formatação escrita num sistema gráfico que segue, no normal dos casos, a grafia padrão, variando apenas em casos especiais quando queremos evidenciar certas questões específicas de um ou outro falante. Transcrever não é uma atividade de metalinguagem nem é uma atividade de simples interpretação gráfica do significante sonoro. A transcrição representa uma passagem, uma *transcodificação* (do sonoro para o grafemático) que já é uma *primeira transformação*, mas ainda não é uma retextualização. (MARCUSCHI, 2010, p.51, grifos do autor).

Trata-se de um aprendizado essencial para o aluno e de suma importância para a realização da etapa seguinte, a retextualização, pois auxilia na aplicação correta das operações textuais e discursivas na passagem da modalidade oral para a modalidade escrita.

#### 4.3 A RETEXTUALIZAÇÃO COMO MECANISMO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Em relação às escolas brasileiras, observa-se que os educandos expõem diversos problemas em relação à escrita, à leitura e à interpretação, em específico os do ensino fundamental. Para requerer a transformação desse quadro, os PCN apresentam novas maneiras de trabalhar esses problemas em sala de aula, a partir do trabalho com gêneros textuais.

A retextualização ambiciona, então, romper esse sistema e provocar uma nova tática no tratamento dos gêneros na sala de aula. Essa atividade não se restringe a gêneros característicos; abarcam até os gêneros orais, logo que trabalha, em sua prática, a leitura em voz alta e outras soluções didáticas como a diferenciação dos gêneros em todas as suas configurações e colocações. É, conseqüentemente, uma nova acometida que corrobora as probabilidades contemporâneas de trabalhar com gêneros em língua materna.

A intenção última, logo, está na concepção de sujeitos capazes de edificar uma sociedade reflexiva e apta a transformações. Isto fará com que os educandos, através dos textos, intervenham de certa forma, na constituição do meio social. É importante comprovar que a retextualização é a fase seguinte à produção textual do gênero, pois “[...] trata -se da reescrita de um texto em outro, [...] sendo um processo de transformação de uma modalidade textual em outra”, segundo Dell’Isola (2007, apud KÖCHE, MARINELLO, BOFF, 2012, p. 15).

Deste modo, percebe-se que esse método necessita ser qualificado em todas as suas etapas por meio dos gêneros textuais. Confirma-se que a retextualização permite uma saída para as dificuldades nas capacidades alusivas à leitura, à escrita e à interpretação, pois existe o

domínio do texto e de suas funcionalidades, por parte do educando que é, desta maneira, afrontado como leitor-produtor, intervindo na linguagem e atuando com e sobre ela.

A retextualização de gêneros textuais trabalha como um instrumento importante para a produção de textos, uma vez que, durante a concretização desta atividade, necessitarão ser trabalhados a noção do gênero principal e o do “destino”, a abrangência textual, bem como os discernimentos de textualidade.

A consideração de retextualização, adotada aqui integra-se à necessidade de se envolverem novas expectativas educacionais referentes à linguagem e ao seu uso. A importância de um trabalho com esse método está no fato de amparar os educandos a avaliarem criticamente os discursos consolidados nos textos e a aprimorar táticas para o conhecimento e para a produção dos gêneros examinados.

Para falar ou escrever de maneira desigual, em modalidades ou gêneros diferentes, algo que foi ditado ou anotado por outras pessoas, precisa-se, primeiramente, abranger o que o outro quis articular em seu texto. A concepção não só em inclusão à estrutura textual, mas sobretudo em sua colocação social é o que gera a preferência de elementos. Averigua-se, portanto, a premência de se agenciar, nas escolas, a concepção de leitores e escritores adequados a abranger e decodificar as afinidades sociais, através de gêneros textuais, e de perceber as díspares identidades e configurações de conhecimento ligadas por meio de textos, em diferentes circunstâncias de comunicação.

A retextualização se despontou uma atividade dinâmica, que pode induzir o educando a abranger textos mais eficazmente e a produzi-los de maneira contextualizada, inventiva e expressiva. Porém, para ser presumível realizá-la com sucesso, trabalhar com o texto principal é eficaz.

Assim, os desígnios fundamentais de se envolver as atividades de apreensão descritas é agenciar a reflexão para que os educandos possam constituir afinidades entre o dito e o não dito no texto, atentando para aspectos pertinentes à constituição do texto e seu gênero e organizar os educandos para fazer a atividade de retextualização, porque, conforme Marcuschi (2010), antes de se conseguir esse tipo de atividade, é indispensável que a concepção do texto fonte aconteça.

Dessa forma, o docente consegue trabalhar, em sala, a leitura e produção de textos enquanto métodos conexos. Além disso, foi-nos permitido trabalhar alguns gêneros requerendo a ponderação sobre o texto como um episódio comunicativo e também solicitando a possibilidade de os educandos operarem como construtores do conhecimento e não como meros recebedores de informação.

A retextualização contribui-se, de tal modo, para a adaptação dos saberes comprimidos nos documentos oficiais para a sala de aula procurando, enfim, aquele que, é o desígnio da aula de língua materna: habilitar o estudante à utilização melhor de sua língua. Portanto, ao analisar a conduta dos educandos durante determinada atividade de retextualização, é notável que tais têm a potencialidade de adequar tal circunstância de convivência com a leitura e produção de textos, isto é, de uma forma envolvente, que motive e surpreenda.

Portanto, a retextualização é um método competente no acréscimo das aptidões de leitura e de escrita, em um ponto de vista cognitivo e discursivo no educando produtor de texto, porque estabelece a escrita em um procedimento de interlocução e de influência mútua social, na qual a leitura expressiva é um elemento base para uma nova escrita, dada a oscilação de escrita.

## 5 CONHECENDO OS SUJEITOS ENVOLVIDOS E O *CORPUS* PARA ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo serão apresentados os sujeitos envolvidos na pesquisa, que teve início em março de 2017 e foi concluída em dezembro do mesmo ano, bem como uma análise dos dados e procedimentos utilizados para a geração de dados para a pesquisa.

### 5.1 O ESTUDO DE CASO

O estudo de caso tem por propósito reunir informações concernentes a uma pesquisa detalhada. Nesse sentido, a sistemática auferida pelo pesquisador deve seguir um padrão particular para embasar os dados coletados (MARTINS, 2008). O estudo de caso é uma metodologia que enaltece o contexto de uma pesquisa, dando representatividade a seu escopo e conferindo relevância e embasamento às postulações do autor. De acordo com Gil (2007), tal pesquisa se dá num contexto aprofundado de dados, o que lhe confere objetividade aos dados coletados, sendo estes interpretados a partir de detalhamento minucioso acerca de determinado estudo.

Portanto, um estudo de caso prevê a observação de entrevistas ou consulta de arquivos públicos e pesquisa bibliográfica (MARTINS, 2008) e se trata de uma história criada pelo pesquisador, inserido num contexto situacional do passado ou presente, que é auferida na coleta de muitas informações de cunho científico e experimental. De acordo com Yin (2005, p. 32), “[...] o estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real”.

Esse estudo tem sido utilizado em muitas áreas da pesquisa, haja vista essa ser uma estratégia que não imputa generalizações à pesquisa, posto que essa modalidade de pesquisa permeia uma conjuntura mais aprofundada de informações. Nesta pesquisa, que gerou essa dissertação, o estudo de caso foi essencial para auferirmos dados necessários para homologar nossas assertivas. Para tanto, utilizamos como escopo a entrevista jornalística, no intento de descobrir dados científicos inerentes à linguística.

Dessa forma, para que haja uma condução satisfatória do estudo de caso, sugere-se que uma pesquisa seja alicerçada por entrevistas com pessoas que possam colaborar positivamente com os ideais do pesquisador, mostrar por meio de dados e informações coletadas que é possível apresentar índices científicos que mostrem uma realidade e, a partir dela, se possa encontrar mecanismos de equidade e que possam servir como norte na dissolução de problemas, seja de

qual ordem for.

## 5.2 OS SUJEITOS ENVOLVIDOS NA PESQUISA

Esta pesquisa foi realizada em uma turma do 9º ano do ensino fundamental de um colégio estadual, localizado em Itabaiana-SE, onde a professora-pesquisadora leciona. O gênero entrevista não estava previsto no planejamento escolar, mas foi trabalhado como gênero textual opcional. Os alunos prontificaram-se com entusiasmo a participar da pesquisa, e, por serem menores de idade, seus pais assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (Anexo III), autorizando-os a participar desta pesquisa.

### 5.2.1 A instituição escolar

A pesquisa teve o consentimento da equipe diretiva da escola, que se mostrou favorável à efetivação dos procedimentos. Os objetivos foram expostos pela professora-pesquisadora, bem como a garantia do anonimato dos participantes. Os resultados da pesquisa seriam posteriormente apresentados como forma de contribuição das atividades pedagógicas da escola, visando a diminuir deficiências relacionadas à escrita e oralidade dos alunos, bem como a melhorar a nota do IDEB e PROVA BRASIL da escola, no qual o resultado mais recente foi 3,2, de uma meta esperada de 3,8.

Esta instituição escolar faz parte da rede pública estadual, no município Itabaiana, em Sergipe, foi fundada em 28 de fevereiro de 1991 e, desde então, oferta uma formação de ensino fundamental e ensino médio, nos turnos matutino, vespertino e noturno, totalizando, no ano letivo de 2017, 928 alunos matriculados.

Atualmente a escola possui um quadro quantitativo de 42 professores, destes, apenas um é contratado e os demais são efetivos. Além dos professores, há à disposição da escola 17 funcionários: 1 diretor, 3 coordenadores, 1 secretária, 3 merendeiras, 4 executores de serviço básico e 5 vigilantes.

A escola está localizada na área urbana da cidade, mas possui muitos alunos oriundos dos povoados, que são deslocados através de ônibus escolares disponibilizados pela prefeitura e governo do estado.

A escola está bem conservada e possui uma boa estrutura física, exceto a falta de uma quadra para realização de atividades esportivas. Há disponíveis 10 salas para a realização das aulas, biblioteca e sala de informática.



### 5.2.2 Os alunos

Essa proposta foi aplicada em uma classe do 9º ano do ensino fundamental, do turno vespertino, da citada unidade escolar, composta por 36 alunos, sendo 21 do sexo feminino e 15 do sexo masculino, com faixa etária entre 13 e 17 anos, oriundos da zona rural e urbana da referida cidade. Apenas dois destes alunos apresentam distorção na relação idade x série, devido à repetência de ano. Frequentam as aulas regularmente e se empenham em fazer as atividades diárias. No entanto, apesar de a maioria estar estudando junto há vários anos, a turma, em geral, é um pouco apática e poucos participam oralmente das aulas, o que, de início, foi fator de preocupação para a professora-pesquisadora, mas ao decorrer das aulas e das atividades, eles foram se “soltando” e participando com mais entusiasmo do que tinha sido proposto. A grande maioria realiza como atividades de lazer assistir a programas de televisão e acessar as redes sociais, na internet. E, apesar da escola possuir biblioteca, poucos possuem o hábito de ler espontaneamente. Seus pais possuem até o nível médio de escolaridade e a maioria não faz um acompanhamento regular da vida escolar dos filhos.

### 5.2.3 A professora-pesquisadora

A professora-pesquisadora possui 14 anos de Magistério e atuou em escolas municipais, estaduais e particulares. Atualmente é efetiva no município de Itabaiana, há sete anos, bem como do estado, no qual leciona neste mesmo município, há três anos, lecionando na referida escola da pesquisa, há dois anos, a disciplina Língua Portuguesa, no ensino fundamental e médio.

A motivação para esta pesquisa se deu pelo fato de, apesar de a oralidade ser uma prática presente na vida dos alunos, percebe-se que os mesmos têm dificuldade de se expressarem num ambiente mais formal, bem como transformar o texto oral em escrito. Pensando nisso, pensou-se que o gênero entrevista, embora seja pouco trabalhado no ambiente escolar, é bastante familiar ao cotidiano dos alunos e seria ideal para trabalhar atividades de retextualização, auxiliando como proposta didática de Língua Portuguesa e melhorando a produção textual dos alunos de ensino fundamental.

### 5.2.4 Os entrevistados

Como a temática da entrevista é gravidez na adolescência, a professora-pesquisadora

pensou em dois campos distintos para a entrevista ser realizada: a área da saúde e a psicológica. Ambos os profissionais seriam relevantes para o tema proposto, mas demandaria muito tempo e não teria como concluir o trabalho se optássemos pela análise de duas entrevistas. Então, depois de apresentar o tema aos alunos com uma breve conversa e através do questionário investigativo, que foi distribuído aos alunos, em conjunto, professora e alunos optaram por fazer a entrevista com um profissional da saúde. Dessa forma, a entrevista foi realizada com uma enfermeira de um posto de saúde do município. Tivemos o cuidado de escolher alguém que vivesse essa realidade e nos trouxesse dados essenciais acerca do assunto. Assim, obtivemos êxito e uma boa representatividade.

### 5.3 GERAÇÃO DE DADOS PARA A PESQUISA

Neste tópico iremos abordar os instrumentos utilizados para a pesquisa, bem como uma síntese sobre como os dados foram obtidos.

#### 5.3.1 Instrumentos utilizados

Para a geração de dados da pesquisa, a professora-pesquisadora utilizou-se dos seguintes instrumentos:

- Anotações em diário de campo;
- Câmera fotográfica e aparelho celular, para gravação de áudio e registros fotográficos de aulas;
- Sala de aula com TV, notebook, Datashow, pendrive e caixa de som amplificada para exibição de vídeos e documentários;
- Publicação da entrevista retextualizada na página do *Facebook* da escola.

#### 5.3.2 O processo para a geração de dados

Neste tópico iremos relatar uma síntese do processo da geração de dados para a pesquisa. É importante ressaltar que o detalhamento da metodologia e das práticas será abordado no capítulo subsequente.

**Quadro 3**– Síntese da sequência de atividades

<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Questionário investigativo:</b> este questionário serviu para verificar o que os alunos tinham conhecimento acerca do gênero entrevista e a modalidade retextualização, bem como a distinção entre oralidade e escrita nos textos.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Conhecendo o tema:</b> a temática gravidez na adolescência foi apresentada aos alunos através de palestra, documentários e entrevistas acerca do tema.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Estudo do gênero entrevista:</b> conhecimento dos elementos básicos e tipos de entrevista, público-alvo, construção da pauta, propósito comunicativo e os aspectos linguístico-textuais da entrevista jornalística. Visualização de diversos tipos de entrevistas.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Elaboração das perguntas da entrevista:</b> a elaboração foi realizada coletivamente, pelos alunos, com auxílio da professora-pesquisadora.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Realização da entrevista:</b> apenas um grupo de quatro alunos realizou a entrevista, previamente preparada, audiogravada, com uma profissional da área de saúde.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Estudo e realização das transcrições:</b> foram estudados os códigos de transcrição, realizadas tarefas de transcrição e, posteriormente, a transposição da fala da enfermeira utilizando os códigos combinados previamente. Esta atividade foi realizada em grupos e com auxílio da professora-pesquisadora.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Conhecendo a retextualização:</b> foi explicado aos alunos como se dá o processo de retextualização, a fim de desenvolver habilidades na oralidade e aprimorar a escrita. Foram estudadas as operações de Marcuschi e realizadas atividades de retextualização.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>A retextualização da entrevista:</b> os alunos retextualizaram a entrevista transcrita realizada com a enfermeira, tendo como base as operações de Marcuschi, previamente explicadas pela professora-pesquisadora.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Apresentação da entrevista:</b> a entrevista retextualizada foi publicada para toda a comunidade escolar na página de <i>Facebook</i> da escola.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Questionário avaliativo:</b> os alunos participantes responderam a um questionário como forma de consolidação do trabalho e sondagem do êxito obtido.</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora.

## 6 METODOLOGIA, ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA

Neste capítulo iremos nos debruçar na análise e apresentação de resultados da pesquisa realizada com os alunos do 9º ano de uma escola estadual. Esse projeto de ensino foi executado entre março e dezembro do ano de 2017 e será apresentada a análise dos procedimentos adotados pelos alunos ao retextualizar textos orais em textos escritos através de uma entrevista, realizada com uma enfermeira, acerca da temática gravidez na adolescência.

### 6.1 QUESTIONÁRIO INVESTIGATIVO

**Carga horária da atividade:** 02 aulas de 50 minutos

Com este questionário (Apêndice II), a professora-pesquisadora objetivou conhecer o aluno para melhor preparar as aulas de Língua Portuguesa, bem como auxiliá-lo nesta pesquisa, a fim de investigar os conhecimentos prévios dos alunos em relação ao gênero entrevista, à atividade de retextualização e à relação fala e escrita. A turma possui 36 alunos que frequentam as aulas assiduamente, mas neste dia apenas 33 estavam presentes; dentre eles, 20 meninas e 13 meninos. Foram realizadas dez perguntas de caráter objetivo e subjetivo.

As três perguntas iniciais tiveram caráter subjetivo e buscavam investigar o que os discentes entediam sobre a relação fala-escrita; as seis perguntas seguintes foram objetivas e interrogavam a respeito do que eles conheciam acerca do gênero entrevista; a última, subjetiva, buscava saber o que eles tinham conhecimento sobre a retextualização.

Abaixo, os dados obtidos:

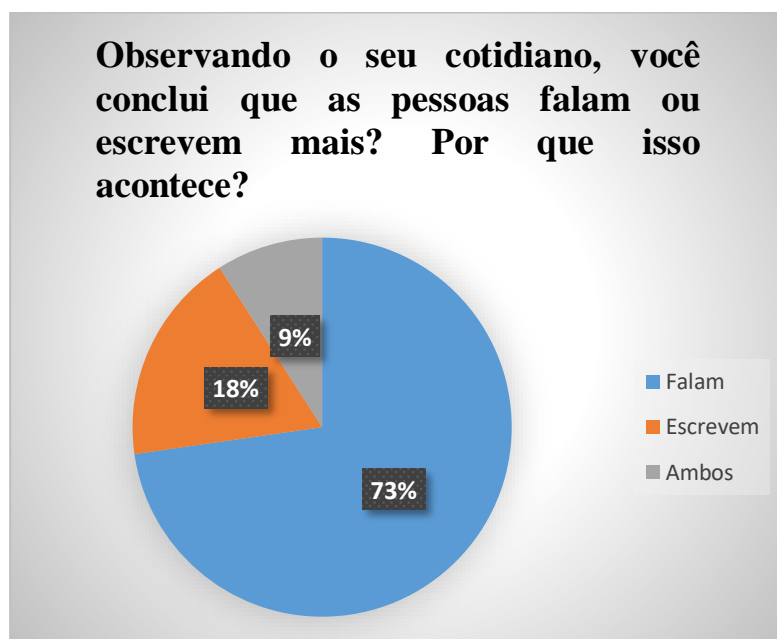
1) Na primeira pergunta **“Observando o seu cotidiano, você conclui que as pessoas falam ou escrevem mais? Por que isso acontece?”**, 06 alunos informaram que as pessoas escrevem mais, sendo que a maioria destacou como causa “o uso das redes sociais”; 03 afirmaram que necessitamos das duas formas para nos comunicar, que ambas têm o mesmo valor e, com grande discrepância e já esperado pela professora-pesquisadora, 24 disseram que “as pessoas não gostam de escrever” e “falar é mais fácil, mais rápido”, concluindo que, por estes motivos, as pessoas falam mais cotidianamente do que escrevem.

Com esta pergunta, a professora queria deixar claro para os discentes que a oralidade e a escrita desenvolvem importantes papéis nas relações comunicativas, mas que, de fato, a

oralidade é apontada como de uso mais frequente e isso seria ratificado nas atividades posteriores.

Para facilitar as análises em nossa pesquisa, destacaremos a obtenção dos dados através de gráficos:

**Gráfico 1** – Questionário investigativo – Pergunta 01

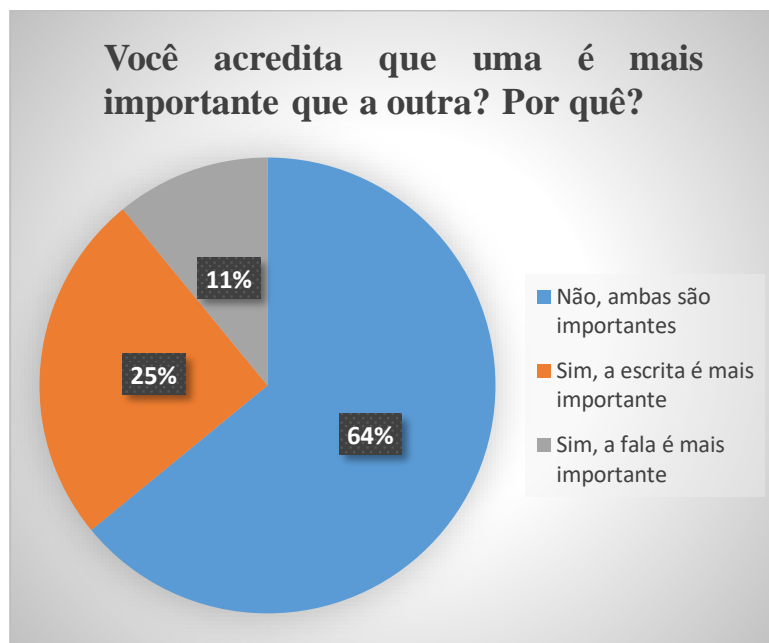


Fonte: Elaborado pela autora

2) Na segunda pergunta, também subjetiva, e ainda em relação à fala e à escrita **“Você acredita que uma é mais importante que a outra? Por quê?”**, a grande maioria, 25 dos 33 alunos, acreditam que “As duas andam lado a lado” e “Uma depende da outra”. Estes dados reafirmam o pensamento de Marcuschi (2010) ao nos esclarecer que fala e escrita não podem mais ser vistas numa visão de dicotomia, elas são diferentes, mas uma não predomina sobre a outra.

Ainda assim, 04 alunos acreditam a escrita ser superior, pois “Já sabemos falar, por isso escrever deve ser mais importante” e 04 afirmaram a fala ser mais importante, já que “Quando a pessoa fala bem, ela escreve bem também”.

**Gráfico 2** – Questionário investigativo – Pergunta 02



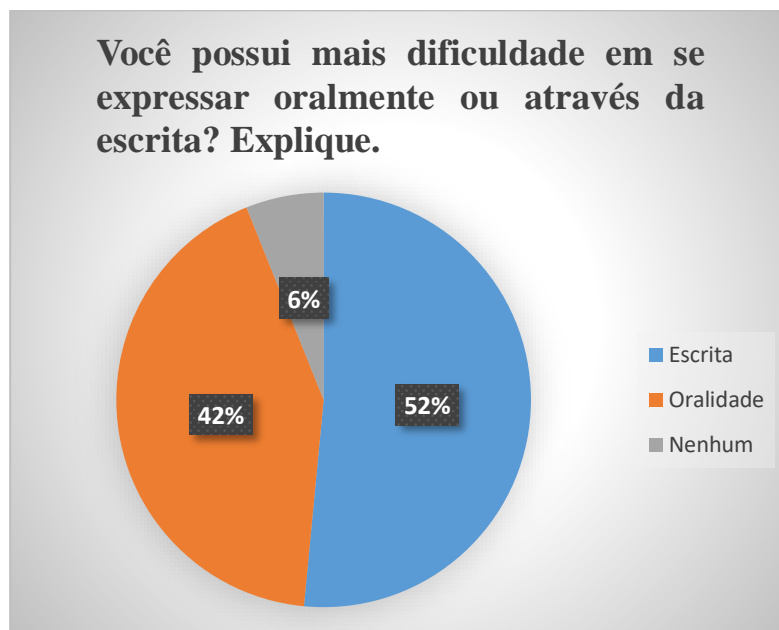
Fonte: Elaborado pela autora

3) A terceira pergunta ainda era referente à relação fala-escrita, mas desta vez de caráter pessoal do aluno: **“Você tem mais dificuldade em se expressar oralmente ou através da escrita? Por quê?”**. Neste quesito, as respostas causaram um leve surpresa à professora-pesquisadora, pois acreditava que a grande maioria iria relatar sentir dificuldade na modalidade escrita, já que os alunos relutam no momento de produções textuais. Mas mesmo não tendo uma quantidade discrepante, a escrita ainda assim foi a mais apontada como dificuldade pelos alunos: 17 afirmaram, tendo como representante da maioria das respostas, a fala de uma aluna “A comunicação falando fica mais fácil, pois não se preocupamos com acentuação, margem, pontuação, etc.”, o que reforça um dos aspectos mais temidos pelos alunos na hora de escrever ou produzir um texto, o uso das normas gramaticais.

A dificuldade de se expressar oralmente, apesar de um ato corriqueiro, foi apontada por 14 dos 33 alunos, e teve como fator predominante o fato de se sentirem tímidos e nervosos ao falar. É notável, nesta classe, por vários professores, que eles, apesar de dedicados aos estudos, possuem dificuldade de se expressar e participar oralmente das aulas. As atividades com o gênero entrevista, bem como com outros gêneros textuais que exploram a oralidade, auxiliaram os alunos neste quesito.

Dois alunos disseram não sentir dificuldade em se expressar oralmente ou através da escrita.

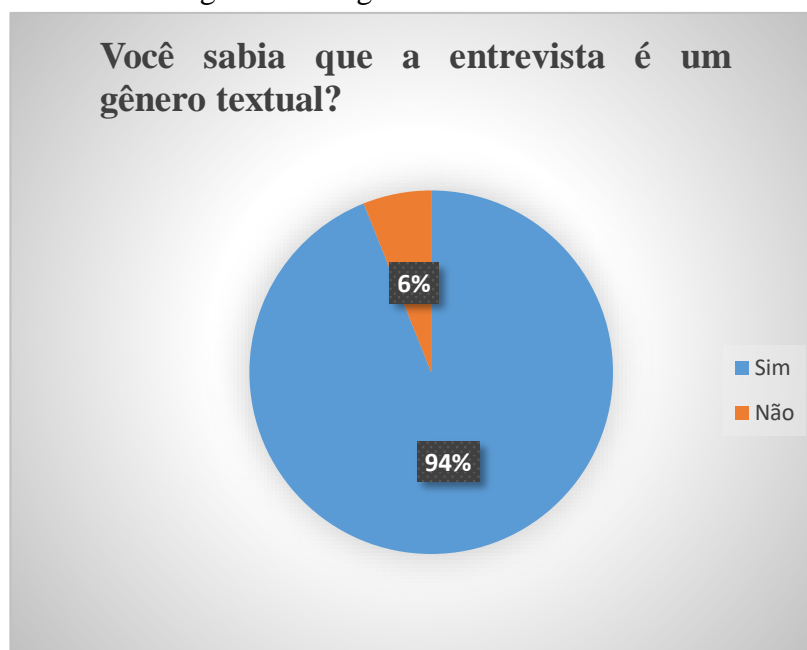
**Gráfico 3** – Questionário investigativo – Pergunta 03



Fonte: Elaborado pela autora

4) A quarta pergunta tinha o objetivo de saber se os alunos percebiam a entrevista como um gênero-textual. A grande maioria, 31 dos 33 alunos, informou saber que se tratava de um gênero.

Como a pergunta foi objetiva e a grande maioria informou ter conhecimento desta informação, a professora-pesquisadora, depois de recolher o questionário e analisar as respostas, perguntou se eles conheciam a estrutura de uma entrevista. A grande maioria disse só saber que neste gênero há a presença de entrevistado e entrevistador. Ou seja, apesar deles terem contato com diversos textos deste gênero, o estudo de suas características parece nunca ter sido aprofundado. Havia muito a ser compartilhado nas aulas seguintes.

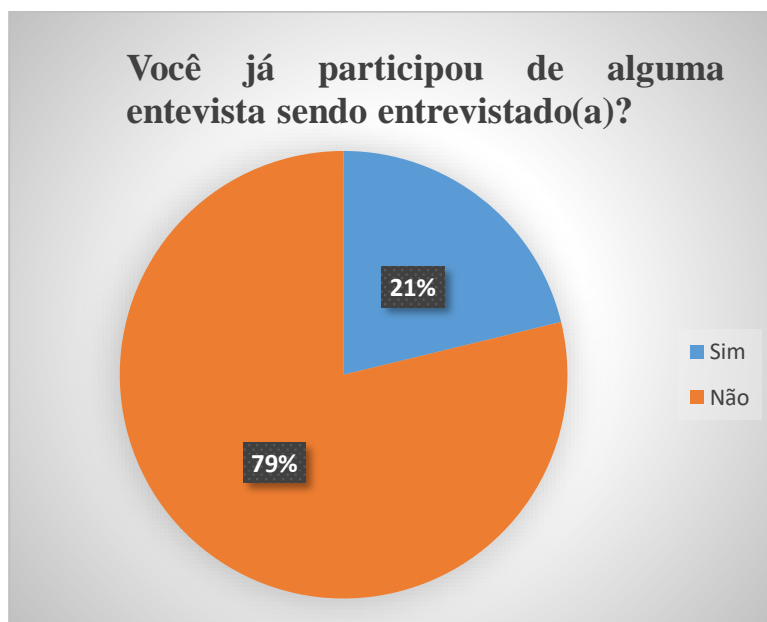
**Gráfico 4** – Questionário investigativo – Pergunta 04

Fonte: Elaborado pela autora

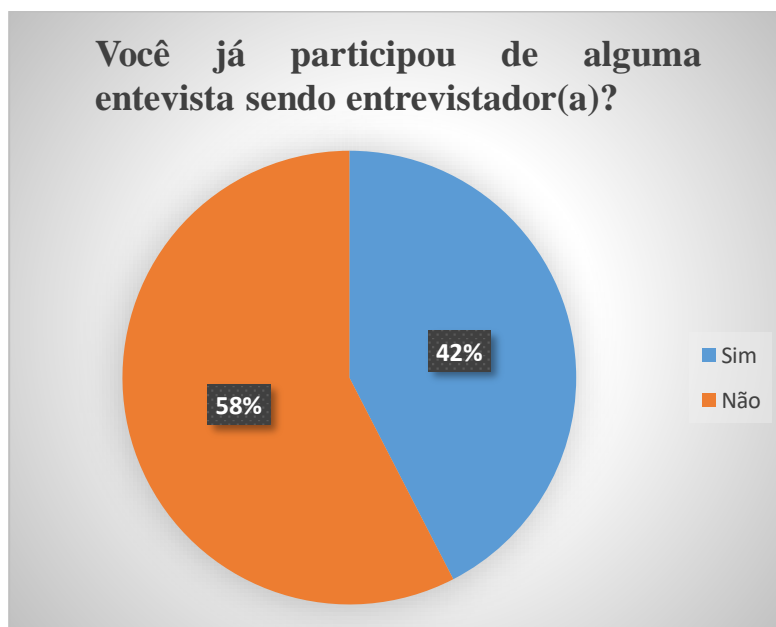
5) A quinta e a sexta pergunta referiam-se, respectivamente, a saber se o aluno já havia participado de uma entrevista sendo entrevistado e/ou entrevistador. Os dados demonstraram que, dos 33 alunos, 26 nunca havia tomado o papel de entrevistado(a) e, 19, de entrevistar alguém. No entanto, as respostas agradaram à pesquisadora, pelo fato de saber que quase todos já haviam participado de uma entrevista, em uma das duas funções.

Ainda dando continuidade aos papéis de entrevistado-entrevistador, funções essenciais no processo da entrevista, na oitava pergunta, a grande maioria, 26 alunos, afirmou se sentir mais à vontade, numa entrevista, no papel de entrevistador. Talvez por vergonha, insegurança ao falar sobre o assunto abordado ou por não saber que o papel de ambos é importante para o sucesso de uma entrevista jornalística, objeto de estudo desta pesquisa.



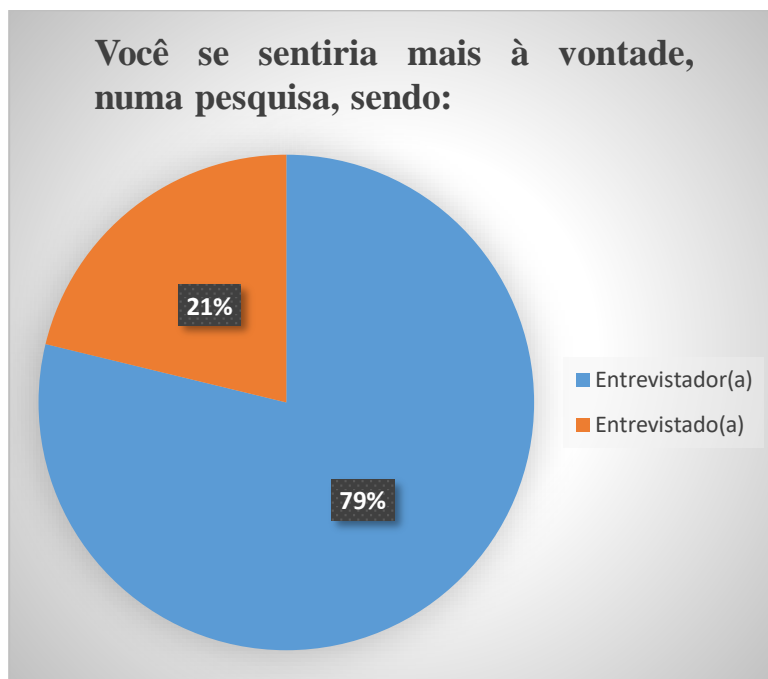
**Gráfico 5** – Questionário investigativo – Pergunta 05

Fonte: Elaborado pela autora

**Gráfico 6** – Questionário investigativo – Pergunta 06

Fonte: Elaborado pela autora

**Gráfico 7** – Questionário investigativo – Pergunta 07

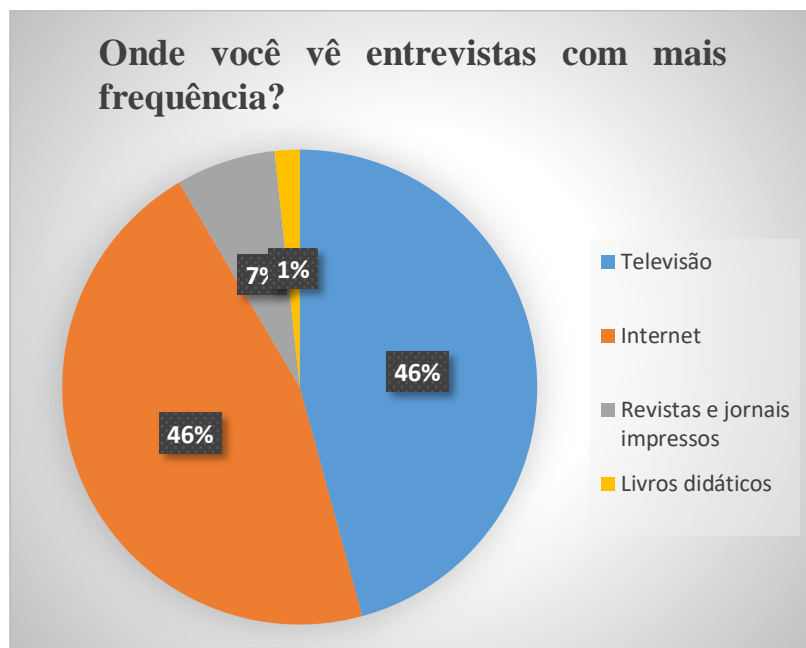


Fonte: Elaborado pela autora

6) A sétima pergunta previa saber onde os alunos costumavam ver entrevistas com mais frequência. Foram disponibilizados alguns meios e eles poderiam assinalar mais de uma alternativa. Dentre as opções, foram disponibilizadas a serem assinaladas: revistas e jornais impressos; televisão; livros didáticos; internet; outros (especifique).

Como esta pergunta permitia assinalar mais de uma alternativa, os dados serão demonstrados no gráfico através da quantidade de marcações. Como esperado, a internet e a televisão foram os meios em que eles mais visualizam textos pertencentes a este gênero, e a grande maioria assinalou os dois concomitantemente; foram 27 marcações para cada. A surpresa foi que apenas um aluno assinalou os livros didáticos como opção. Este dado causa um descontentamento, pois os livros didáticos, principalmente do ensino fundamental, trazem com frequência textos com o gênero em questão e talvez eles não tivessem percebido pelo fato de os conhecimentos acerca deste gênero não terem sido aprofundados em sala de aula.

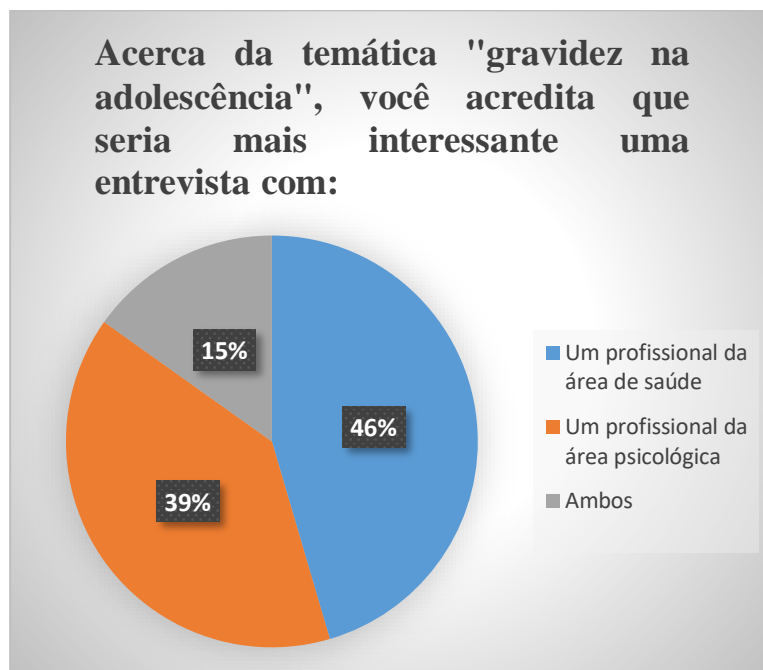
Este dado revelou que a professora-pesquisadora estava no caminho certo e que o gênero entrevista precisava de mais atenção nas aulas de Língua Portuguesa.

**Gráfico 8** – Questionário investigativo – Pergunta 08

Fonte: Elaborado pela autora

7) A nona pergunta tinha o intuito de investigar, em relação à entrevista, sobre gravidez na adolescência, qual profissional eles acreditariam ser mais proveitoso entrevistar: um profissional na área de saúde ou da área da psicologia. Era uma pergunta objetiva, na qual eles teriam que optar apenas por uma das opções. No entanto, alguns assinalaram as duas opções, o que causou um certo entusiasmo na professora, pois era um indicativo de que eles se interessaram pela temática. O resultado ficou bem dividido, 15 escolheram entrevistar um profissional de saúde, 13, da psicologia e 05 assinalaram ambos. Como o interesse pelas duas áreas foi visível, a professora, em outro momento, conversou com os alunos e chegaram ao consenso de realizar a entrevista com a profissional da saúde, a saber, uma enfermeira.

**Gráfico 9** – Questionário investigativo – Pergunta 09

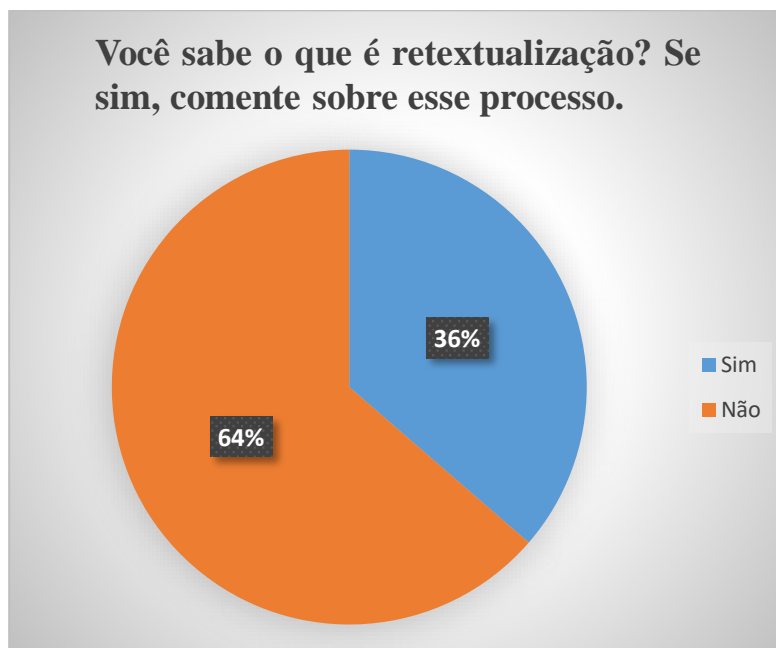


Fonte: Elaborado pela autora

8) A última pergunta, intitulada **“Você sabe o que é retextualização? Se sim, comente o que entende sobre esse processo”**, causou, ao analisar os dados, um certo desconforto à professora-pesquisadora, pois dos 33 alunos, 21 afirmaram não saber do que se tratava a retextualização e dos 12 que responderam conhecer, a maioria disse ser “um processo de reescrever um texto”. De fato, eles não estavam totalmente errados, já que a reescrita é uma das etapas da retextualização que eles iriam realizar da entrevista.

No entanto, ao debater as respostas com os alunos, posteriormente, a professora explicou superficialmente o que é este processo e foi percebido que os alunos conheciam ou já tinham feito alguma atividade de retextualização, mas não sabiam o nome que se dava a esse processo. Assim, seria mais fácil aprofundar o estudo dessa modalidade, posteriormente, com os alunos.

**Gráfico 10** – Questionário investigativo – Pergunta 10



Fonte: Elaborado pela autora

## 6.2 PROJETO DE ENSINO

Passada esta etapa de verificação, realizada através do questionário investigativo, chegou o momento de iniciarmos efetivamente o projeto de ensino, que foi organizado em quatro módulos, subdivididos em atividades. O módulo I objetivou os alunos conhecerem a temática do projeto, “a gravidez na adolescência”. No módulo II foram desenvolvidas atividades relativas ao estudo do gênero entrevista, à elaboração das perguntas e à entrevista realizada com a profissional de saúde. Em seguida, com o módulo III, demos início ao processo de estudo dos códigos de transcrição da fala e, no último módulo, às atividades de retextualização da entrevista realizada com a enfermeira e publicada em uma rede social da escola.

Todas estas atividades e contribuições serão detalhadas nos subtópicos subsequentes.

### 6.2.1 Conhecendo o tema - Módulo I

Carga horária: 04 aulas de 50 minutos em sala de aula.

Este módulo tinha como objetivo os alunos terem o primeiro contato com a temática

“gravidez na adolescência”. Quando a professora-pesquisadora informou que este seria o tema trabalhado, a maioria ficou bastante entusiasmada, mas alguns disseram que já haviam visto muito sobre este assunto e que não os empolgava. No entanto, este pouco entusiasmo de alguns foi deixado de lado quando o tema foi abordado pela primeira vez, através do documentário “Meninas”. Este documentário tem duração de cerca de uma hora e foi filmado em áreas populares do Rio de Janeiro, entre novembro de 2004 e agosto de 2005, época em que quatro jovens adolescentes engravidaram e suas histórias e o acompanhamento das gravidezes até o momento dos partos foram relatados. Os alunos ficaram muito envolvidos com as histórias contadas e com a vida daquelas meninas, de tal forma, que alguns, ao passar dos dias, procuraram saber, através das redes sociais, como estavam as vidas delas e os impactos da gravidez mal planejada.

**Figura 4** – Documentário “Meninas”



Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=XZiebR6hrGM>>

Após o documentário, no dia seguinte de aula, a professora-pesquisadora convidou uma enfermeira para fazer uma palestra com os alunos do 9º ano. Foi um momento de interação, na qual a enfermeira falou de vários aspectos relacionados à saúde, tanto da jovem grávida quanto do bebê, bem como de aspectos psicológicos, que envolvem tanto a jovem quanto os familiares e parceiros. A palestra foi bastante proveitosa e dinâmica e, ao final, ocorreu uma roda de conversa, na qual os alunos fizeram muitas perguntas e tiraram dúvidas em relação à temática. Neste momento os alunos já estavam, sem perceber, atuando como entrevistadores e cada vez

mais aprofundando os conhecimentos acerca da temática para, posteriormente, elaborarem as perguntas da entrevista que efetivamente e “formalmente” seriam realizadas com um profissional da saúde.

Finalizando o módulo, mas não os conhecimentos sobre a temática, a professora-pesquisadora e os alunos realizaram uma roda de debate em relação ao tema, ao que foi visto no documentário e à palestra proferida pela enfermeira. Os alunos disseram estar bem mais aprofundados sobre o tema, que desconheciam muitas informações que foram passadas e sentiam-se mais cientes do assunto.

#### 6.2.2 Aprofundando a temática e os conhecimentos sobre o gênero entrevista - Módulo II

Carga horária: 12 aulas de 50 minutos e realização de atividades extraclasse.

Este módulo teve por objetivo fazer com que os alunos compreendessem as características estruturais e funcionais do gênero entrevista. Para tanto, a professora-pesquisadora explicou aos alunos sobre o gênero: elementos básicos que constituem a entrevista, as etapas até chegar ao canal publicado (seleção do tema, objetivos, elaboração do roteiro de perguntas e sua adequação a quem seria entrevistado, como faixa etária, local da entrevista, seleção de vocabulário etc.); os diversos tipos de entrevista (principalmente o tipo de entrevista que seria trabalhada, a entrevista jornalística); entrevista na modalidade oral e na modalidade escrita; aspectos linguístico-textuais do gênero discursivo entrevista jornalística.

Em seguida, foram visualizados variados tipos de entrevistas, escritas e oral, com o tema estudado, gravidez na adolescência, como pode ser visualizado no quadro a seguir.

**Quadro 4** – *Corpus* das entrevistas analisadas

Textos/ vídeo	Títulos	Entrevistadores	Entrevistados	Publicação/Circulação
Texto	Gravidez na adolescência	Blog da criança	Maria Helena Vilela (diretora do Instituto Kaplan)	< <a href="https://www.blogdacrianca.com/entrevista-com-maria-helena-vilela-gravidez-na-adolescencia/">https://www.blogdacrianca.com/entrevista-com-maria-helena-vilela-gravidez-na-adolescencia/</a> > Acesso em: 01 maio

				2017
Texto	Sem título	Blog Jovem amor materno	Paloma Nascimento Severo	< <a href="https://goo.gl/Ne2mll">https://goo.gl/Ne2mll</a> > Acesso em: 03 maio 2017
Vídeo	Gravidez na adolescência	Eliana Barbosa	Dra. Isméri Seixas	< <a href="https://goo.gl/x4FM2K">https://goo.gl/x4FM2K</a> > Acesso em: 05 maio 2017

Fonte: Elaborado pela autora

• **Atividade 01: atividade interpretativa e de percepção dos conhecimentos prévios dos alunos acerca do gênero entrevista.**

A primeira entrevista observada foi na modalidade escrita, retirada de um blog destinado a jovens. A professora entregou a cada aluno uma cópia colorida da entrevista, para melhor visualização das imagens e aproveitamento do debate. Nela, assuntos como relação entre pais e filhos em relação à sexualidade são tratados de forma bem natural e despertou nos alunos uma certa curiosidade. A professora-pesquisadora, antes do início da visualização da entrevista, perguntou aos alunos, oralmente, quais deles os pais ou familiares conversavam sobre vida sexual e gravidez precoce. Apenas quatro alunos, dentre aproximadamente trinta que estavam na sala de aula no dia, responderam que os pais ou familiares dialogam sobre assuntos deste tipo em casa, e a grande maioria disse se sentir envergonhada e preferir não ter esse tipo de diálogo com familiares.

Nota-se que o diálogo familiar sobre sexualidade ainda é um tabu na nossa sociedade, mas os alunos ficaram bem empolgados com o teor da entrevista e houve um bate-papo bem proveitoso acerca deste assunto. Foi um momento de descontração, mais envolvimento com a temática e um primeiro contato com o gênero entrevista na modalidade escrita. A entrevista continha perguntas simples, com linguagem adequado à idade deles, principalmente por se tratar de um blog destinado a jovens; dessa forma, eles foram capazes de localizar informações explícitas e implícitas e tirar suas conclusões. O intuito inicial era que eles fossem percebendo a estrutura da entrevista e notassem que o par pergunta e resposta, presente desde cedo no nosso cotidiano, é a base do gênero entrevista.



Assim, como ponto inicial para o estudo das características da entrevista jornalística, foi pedido para que os alunos observassem e apontassem os elementos que constituíam a entrevista vista em sala de aula e a professora foi anotando-os no quadro branco. Era o momento de observar os conhecimentos prévios dos alunos acerca desse gênero. Dentre os elementos identificados pelos alunos, foram citados o título, as perguntas e respostas, entrevistado e entrevistador. Posteriormente foi realizada uma atividade de interpretação de texto, com perguntas explícitas e implícitas em que eles assimilariam melhor a estrutura da entrevista.

A seguir, entrevista retirada do blog e a atividade realizada em sala de aula:

#### Quadro 5 – Entrevista Blog da Criança

<p style="text-align: center;"><b>ENTREVISTA COM MARIA HELENA VILELA – GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA</b></p> <p>Hoje o Blog da Criança apresenta um entrevista feita com <b>Maria Helena Vilela</b>, diretora do <b>Instituto Kaplan</b> situado no bairro do Brooklin na capital de São Paulo (Brasil) que nasceu da necessidade encontrada na população carente da cidade de São Paulo, de tratamento terapêutico das dificuldade sexuais e de educação em saúde e responsabilidade sexual.</p> <p>Fundado em 29 de Abril de 1991, por um grupo de especialistas em sexualidade, o Instituto começou sua história através do SOSex, um serviço de orientação sexual por telefone e veio a se tornar uma associação de educação e assistência social, com vários projetos em São Paulo e outros estados brasileiros, produzindo um impacto positivo na saúde sexual de milhares de pessoas.</p> <p>O Instituto Kaplan tem como missão disseminar o conhecimento sobre o exercício dos direitos e da responsabilidade sexual, por meio da educação, visando a melhoria da qualidade de vida da população brasileira.</p> <p>Abaixo temos a <b>entrevista que Maria Helena Vilela</b> diretora do Instituto Kaplan concedeu ao <b>Blog da Criança</b> onde abordamos o <b>tema <u>gravidez na adolescência</u></b>, tema que penso ser de extrema importância <b>não só</b> para a sociedade brasileira, mas também para a sociedade portuguesa; onde o número de adolescentes grávidas cresceu consideravelmente nos últimos anos.</p> <p>Vamos às perguntas e respostas:</p>
--

**Blog da Criança:** Maria Helena, como se deu o início do seu trabalho no Instituto Kaplan e qual seu objetivo principal no trabalho que você realiza?

**Maria Helena Vilela:** Estou no Instituto Kaplan desde a sua fundação, quando fui convidada pelo Coordenador geral e Fundador do instituto, Dr. Moacir Costa, para fazer parte do quadro de voluntários da Instituição. Desde o início, o meu objetivo foi a de promover e desenvolver a educação sexual nas escolas, visando à preparação dos jovens para lidar com a liberdade sexual que eles convivem no grupo. Dentre as minhas preocupações, a gravidez na adolescência sempre foi a principal delas. Na minha opinião, nenhuma garota entre 10 e 19 anos deveria ficar grávida. Este não é o melhor momento para um jovem ter filhos. É o momento de investir no seu projeto profissional e, no seu desenvolvimento pessoal.

**Blog da Criança:** Maria Helena, antigamente os filhos queixavam-se de não ter liberdade para conversar com os pais sobre sexualidade, e hoje em dia parece que o mesmo ocorre. Qual a sua opinião acerca da dificuldade que os pais têm em abordar o tema gravidez, sexualidade, e doenças sexualmente transmissíveis com os adolescentes?

**Maria Helena Vilela:** Falar sobre sexo sempre foi um tabu. Há alguns anos é que isto vem sendo cogitado. Portanto, é uma coisa nova na vida de muitos adultos. Mas, além de novo, é um tema que leva ao julgamento moral, ao medo, e principalmente, à necessidade de ter convicção. E isto a maioria dos adultos não tem. O conhecimento científico e as mudanças sociais alteraram os conceitos sexuais e, a sociedade deixou de ter um comportamento padronizado. A insegurança em saber o que vale em termos de sexualidade, associado a desinformação é que caracteriza a dificuldade dos pais para falar no assunto.

**Blog da Criança:** Como deve agir uma mãe para orientar a sua filha relativamente a sua primeira menstruação?

**Maria Helena Vilela:** É muito simples. Ela primeiro deve perguntar a filha se ela já ouviu falar em menstruação. Em seguida, pergunta o que é que ela sabe a respeito. Depois, com a ajuda um livro sobre o tema, com imagens dos órgãos reprodutivos, ela pode completar as informações que sua filha ainda não tenha. Para ajudar nestas informações segue em anexo um texto de minha autoria que escrevi para os adolescentes.

**Blog da Criança:** Como orientar uma adolescente para que ela se previna com métodos contraceptivos para evitar uma gravidez indesejada?

**Maria Helena Vilela:**

- \* Comente ou leia uma matéria sobre gravidez na adolescência com seu filho ou sua filha e pergunte se isto acontece entre os amigos deles.
- \* OUÇA a opinião deles.
- \* Conte para eles o que significava na sua época de adolescente, uma garota ficar grávida e o que acontecia com o casal adolescente.
- \* FALE a sua opinião sobre o assunto, justificando o seu ponto de vista e ao mesmo tempo preenchendo lacunas do pensamento deles.
- \* Leve sua filha ao ginecologista e apoie o uso do método contraceptivo indicado.
- \* Estimule seu filho a usar a camisinha, pois esta é a única forma dele ter o controle sobre sua paternidade.
- \* Fale dos seus sonhos profissionais em relação a eles, mostrando suas expectativas. Mas também ouça e respeite o sonho deles, ajudando-os a enxergar as vantagens e desvantagens que ainda não consigam ver.
- \* Descubra e realize alguma coisa que você e seu (sua) filho(a) gostem de fazer juntos.
- \* Conheça os amigos, “ficantes” e namorados dos filhos.
- \* Promova as informações sobre sexualidade e contracepção que os jovens precisam saber. Se não souber como conversar, indique a leitura de artigos do Sex Tips, ou entre em contato. Enfim “se achegue” e boa sorte!

**Blog da Criança:** O que fazer se a filha adolescente aparecer grávida? O que fazer se o filho adolescente chegar em casa dando a notícia de que será pai brevemente?

**Maria Helena Vilela:** Dar apoio. Ouvir, conhecer seu desejo e o que pretende fazer e, ajudá-los a tomar a melhor decisão de acordo com seus valores e expectativas. Isto não significa passar a mão na cabeça. No caso de seguir adiante com a gravidez, é muito importante que a garota faça o pré-natal e assuma suas responsabilidades de mãe e o garoto de pai.

**Blog da Criança:** Por que ainda hoje existe uma certa resistência em consultar um

ginecologista para receber a orientação necessária em como se prevenir contra uma gravidez precoce?

**Maria Helena Vilela:** Porque os pais não querem acreditar que suas filhas já sentem desejo de ter uma relação sexual. É a negação que impede que as meninas recebam este cuidado tão importante. Além disso, as pessoas têm uma ideia equivocada quanto a consulta ao ginecologista – imaginam que se vai ao ginecologista quando se tem vida sexual ativa! Assim, para não serem descobertas e não perder sua liberdade, muitas garotas também não pedem para ir ao ginecologista.

**Blog da Criança:** Quais os métodos contraceptivos mais adequados às adolescentes?

**Maria Helena Vilela:** A camisinha e os métodos hormonais.

**Blog da Criança:** Maria Helena, você acha que a gravidez precoce é um problema familiar ou social?

**Maria Helena Vilela:** Familiar, social, mas principalmente econômico. No Brasil, 25% das meninas que engravidam abandonam a escola. Houve uma época em que a garota ficava grávida entre os 12 e 14 anos, e isto era perfeitamente admissível. Mas isso foi há muito tempo, quando a mulher era educada para ser apenas mãe e esposa. Esse era o seu projeto de vida! Hoje, as meninas, como os meninos, podem vir a ser o que quiserem. Quando ocorre uma gravidez na adolescência, a tendência é sair da escola ou ter que adiar seus planos de estudos por algum tempo. Isto tira ou dificulta a entrada da garota no mercado de trabalho, aumentando a pobreza e diminuindo a qualidade de vida da família.

**Blog da Criança:** O que você acha que o governo poderia fazer para esclarecer melhor os adolescentes quanto aos problemas que uma gravidez precoce acarreta na vida do adolescente?

**Maria Helena Vilela:** Implementar uma política pública de educação sexual, com foco na prevenção de gravidez na adolescência, a exemplo do que vem sendo feito no Estado de São Paulo e Alagoas, aqui no Brasil. A gravidez na adolescência é um tema curricular da matéria de biologia na 1ª série do ensino médio e para isso eles utilizam uma metodologia especial

desenvolvida pelo instituto Kaplan, o Vale Sonhar. Este trabalho utiliza o sonho profissional como motivação dos jovens para a prevenção de gravidez, além de promover informações e aprendizagem do funcionamento do corpo reprodutivo e métodos contraceptivos. Uma condição mínima para que o jovem pense em fazer sexo de forma segura.

**Blog da Criança:** Maria Helena, caso queira deixar algum comentário ou algo que julgue importante dizer-nos sintá-se à vontade para fazê-lo:

**Maria Helena Vilela:** Sexo é por natureza uma coisa boa na vida das pessoas e dos adolescentes. Ruim, são as consequências de um sexo vivido sem informação e preparação para a prevenção de gravidez e DST. Os pais não precisam ter medo de que esta preparação incentive os jovens a transarem, eles já estão transando. E nós, adultos temos o dever de educá-los para conseguir fazer escolhas assertivas.

Fonte: <https://www.blogdacrianca.com/entrevista-com-maria-helena-vilela-gravidez-na-adolescencia/>

**Quadro 6** – Atividade interpretativa em sala de aula

- 1) Em relação aos interlocutores da entrevista, responda:
  - Quem é o entrevistado(a)?
  - Quem é o entrevistador(a)?
- 2) A entrevista foi veiculada num blog destinado, principalmente, a crianças e adolescentes e teve como temática abordada a gravidez na adolescência. Você acredita que o assunto é propício ao público destinado? Por quê?
- 3) Geralmente as entrevistas possuem um título. O título da entrevista em questão apenas sugere o assunto gravidez na adolescência. De acordo com a leitura da entrevista, que outro título você daria? Por quê?
- 4) Entre o título e o início da entrevista propriamente dita (perguntas e respostas) há um texto. Qual a sua finalidade?
- 5) Observe as perguntas feitas para a entrevista:
  - a) Você acha que elas foram previamente preparadas? Por quê?
  - b) Para que tipo de assunto ela é direcionada, principalmente?
  - c) Observe as perguntas. A maioria é curta e objetiva. Você acha que essas perguntas estão de acordo com as expectativas dos leitores dessa revista? Justifique sua resposta. Que outra pergunta você acrescentaria?
  - d) Observe a última pergunta da entrevista **“Maria Helena, caso queira deixar algum comentário ou algo que julgue importante dizer-nos sintá-se à vontade para fazê-lo”**. Ela não possui um caráter interrogativo, qual teria sido o objetivo e finalidade dela ter sido realizada ao final?
- 6) Sobre as respostas da entrevistada, responda:
  - a) Você, em algum momento, discordou das respostas dadas pela entrevistada? Se sim, comente.
  - b) Foram respostas que despertam a atenção do público?
- 7) Esta entrevista está na modalidade escrita. Em algum momento você percebeu marcas de oralidade? Caso ocorra, transcreva um trecho que comprove esse fato.

Fonte: Elaborado pela autora

Os alunos não tiveram dificuldade em responder à atividade e rapidamente devolveram-na à professora-pesquisadora, na qual percebeu que, mesmo sem ainda ter aprofundado o estudo

do gênero entrevista, os alunos já possuíam uma boa noção deste gênero, talvez por terem contato no dia a dia e nos livros didáticos.

A primeira pergunta, de caráter explícito, foi respondida corretamente por todos. Ratificou-se que eles não teriam dificuldade em identificar os interlocutores da entrevista.

A segunda pergunta intentava saber se eles acreditavam o assunto abordado na entrevista ser propício ao público destinado, por se tratar de um blog denominado Blog da criança. Todos também concordaram que sim, tendo a resposta representada por um dos alunos “Sim, já que o tema é gravidez na adolescência e que relaciona adolescentes e crianças”.

A três perguntas seguintes objetivavam sondar o conhecimento deles em relação a alguns elementos da entrevista. Assim, a pergunta de número três visava não apenas a saber qual outro título a entrevista poderia receber, mas também de já alertá-los a respeito da estrutura da entrevista e que a mesma pode ter ou não um título e este, quando ocorrer, deve ser um enunciado curto que atraia a atenção do leitor, resumindo a ideia básica da entrevista. Foram variados títulos sugeridos, todos conforme o teor da entrevista, dentre eles: “Educação sexual”, “Importância da conversa entre pais e filhos”, “Prevenção diária” e “A falta de informação”.

Assim, a quarta pergunta ainda tinha o intuito de mostrar que a entrevista nem sempre é realizada exclusivamente do par dialógico *Pergunta-Resposta*, mas que outros elementos podem ou não surgir, como subtítulo, fotografias ou ainda um texto de apoio, no qual os alunos afirmaram que a finalidade seria “Para não começar as perguntas e respostas do nada foi exibido no começo um texto falando para que o Instituto Kaplan foi inventado e quando foi fundado”.

A quinta pergunta foi subdividida em três questionamentos: o primeiro intentava saber se eles achavam que as perguntas foram previamente preparadas. Todos responderam que sim, pois “são objetivas e bem criadas”. As respostas deixaram a pesquisadora satisfeita, pois para se obter bom resultado na entrevista, o ideal é que as perguntas sejam elaboradas previamente, com clareza e objetividade, para facilitar o entendimento, o que não impede que perguntas possam surgir, e serem improvisadas, com o desenvolvimento da entrevista.

O assunto da entrevista também foi facilmente identificado e os alunos perceberam que além da temática central, a gravidez na adolescência, outros assuntos relacionados foram identificados, como a prevenção sexual e doenças sexualmente transmissíveis.

Outro questionamento foi em relação ao encerramento da entrevista, no qual foi pedido para que os alunos observassem a última pergunta da entrevista **“Maria Helena, caso queira deixar algum comentário ou algo que julgue importante dizer-nos sinta-se à vontade para fazê-lo”**. Os alunos perceberam que não era uma pergunta e tinha o objetivo de encerrar a entrevista. Era uma oportunidade de a entrevistada falar o que pensa a respeito do assunto e que

não tinha dito nas respostas anteriores, ou seja, mesmo ainda sem terem estudado detalhadamente as etapas da entrevista, os alunos perceberam o caráter conclusivo da pergunta final.

A sexta pergunta também foi dividida em três questionamentos em relação às respostas da entrevistada. Todos os alunos afirmaram que concordam com as respostas dadas pela entrevistada e que foram respostas que despertam a atenção do público “São bem esclarecedoras e têm um fácil entendimento”, ressaltando o caráter claro e objetivo da entrevista.

A última pergunta tratava-se de verificar se os alunos perceberam marcas de oralidade na entrevista observada. Todos afirmaram que não tinham percebido aspectos orais no texto escrito. Apenas alguns disseram que a entrevistada utilizou a expressão “se achegue”, mas teve o cuidado de colocar entre aspas. A professora-pesquisadora explicou que a entrevista é um gênero basicamente oral e que as marcas de oralidade e a linguagem corporal, como gestos, interrupção e retomada de pensamentos são presentes neste gênero. No entanto, as entrevistas em revistas ou jornais impressos, por exemplo, são transcritas e retextualizadas para a linguagem escrita e que o estudo destas etapas seria aprofundado em outro momento.

- **Atividade 02: analisando os elementos básicos que constituem a entrevista**

A segunda entrevista trabalhada também foi na modalidade escrita, pois a professora-pesquisadora acreditou ser mais apropriado explorar melhor o gênero na modalidade escrita antes de passar para o gênero na modalidade oral. Ela foi observando com os alunos as diferenças que poderiam ser encontradas nos textos analisados em decorrência do veículo onde a entrevista foi publicada, de seu público-alvo, o motivo de as pessoas serem entrevistadas, dentre outras observações.

Os alunos receberam cópias coloridas e acompanharam simultaneamente com a professora. Esta entrevista foi realizada com uma jovem que engravidou aos 15 anos de idade e, três anos após, relatou nessa entrevista, os desafios de uma gravidez precoce e como estava sua vida naquele momento.

Os discentes, apesar de ainda um pouco retraídos, identificaram-se com a entrevista, pois a grande maioria vivenciou algo parecido com algum familiar, amigo, vizinho, inclusive com uma colega de classe do ano letivo anterior. Outros relataram que já haviam imaginado com seria a vida deles, caso tivessem um filho tão jovens. Mas, além da reflexão da temática, foi pedido que os alunos pontuassem as recorrências comuns textuais e/ou discursivas encontradas nas entrevistas trabalhadas, bem como percebessem os elementos básicos que



constituem a entrevista.

A primeira identificação dos alunos em relação às entrevistas estudadas foi que em ambas havia a presença de entrevistado e entrevistador e abordavam o mesmo tema. Logo, perceberam que as entrevistas devem possuir um tema. A professora explicou que em toda entrevista há um tema central, que pode ou não ter subtemas e orienta o roteiro de perguntas e respostas. Assim, eles perceberam que na entrevista anterior havia o subtema prevenção sexual.

Em relação às perguntas, os alunos notaram que tanto as perguntas quanto as respostas eram sucintas, principalmente da entrevista do Blog da Criança. Então a professora completou que essa era uma das características da entrevista, objetividade e clareza e que não apenas o entrevistado precisa estar a par do assunto, há também necessidade de estudo prévio do entrevistador para ordenar e criar perguntas para o entrevistado. Assim, um dos alunos observou que talvez a entrevista anterior tinha respostas mais bem elaboradas pelo fato da entrevistada ser uma especialista no assunto, já na entrevista em que a entrevistada é a adolescente, percebeu-se que ela não tinha tanta propriedade para argumentar sobre o assunto, apenas sua experiência vivida ao engravidar durante a adolescência e que este fator poderia interferir no fato dessa entrevista possuir marcas de oralidade mais intensificadas em relação à entrevista anterior. Concluíram que esta, então, “não passou pela retextualização como a entrevista anterior”. Identificaram, também, como havíamos estudado, que a última pergunta **“Tem algum conselho para as meninas que estão iniciando a vida sexual?”** serviu como espécie de encerramento da entrevista, bem como uma reflexão acerca de tudo que foi dito anteriormente. A professora, então, explicou que na estrutura da entrevista há abertura e encerramento pelo entrevistador.

As duas entrevistas serviram para os alunos perceberem aspectos em comum e diferentes, principalmente em relação às marcas de oralidade, presentes ou não nessas entrevistas, e os elementos constituintes da entrevista.

Em seguida, como atividade a ser realizada em casa, foi pedido para que eles fizessem as mesmas perguntas da entrevista realizada com a adolescente do blog Jovem Materno para alguém do convívio deles e que tinha passado por tal situação. A professora deixou-os à vontade para modificar uma ou mais perguntas, mas todos fizeram a entrevista seguindo o mesmo roteiro do blog, talvez por relaxamento, insegurança ou por achar que as perguntas já supriam a expectativa.

Eles trouxeram as entrevistas realizadas, na aula seguinte, e foi realizada a troca para que visualizassem as entrevistas realizadas pelos colegas de classe e tivessem um maior contato com os elementos constituintes do gênero entrevista, bem como com a temática.

**Quadro 7 – Entrevista Blog Jovem amor materno**

**Nome:** Paloma Nascimento Severo

**Idade:** 18 anos

**Idade que engravidou:** 15 anos

**Nome do bebê:** João Gabriel Severo Vieira

**1- Qual foi sua primeira reação ao saber que estava grávida? Foi uma gravidez planejada?**

Não foi uma gravidez planejada, no momento em que descobri fiquei muito assustada, com medo da reação dos meus pais, mas não vou negar que apesar das circunstâncias fiquei extremamente feliz, afinal sempre sonhei ser mãe.

**2- Qual foi a reação de seus pais quando souberam? Como contou?**

Bom ficaram bem decepcionados, meu pai falou que não estava bravo só triste pela situação, minha mãe ficou brava mas eles me apoiaram muito.

**3- E o pai do bebê? Como reagiu? Estão juntos?**

Ele ficou muito assustado, afinal também só tinha 15 anos, mas me disse que amaria muito o bebê e que me ajudaria em tudo. Atualmente não, terminamos a mais ou menos 6 meses, pois por mais que ele se esforça éh sóh um menino ainda tem 18 anos e quer curtir a vida dele... Por isso não deu certo...

**4- Qual foi o momento mais difícil desde que descobriu a gravidez? E o mais prazeroso?**

O momento mais difícil foi contar para os meus pais, ver a decepção e a tristeza nos olhos deles, me doeu muito... Em relação ao mais prazeroso minha gravidez toda foi mágica, curti cada momento, conversava com meu bebê, cantava e amava sentir ele chutar, mas nada foi tão mágico quanto ter ele nos meus braços pela primeira vez, poder olhar pra ele e saber que era real, e que nada tinha sido em vão...

**5- Os estudos ficaram de lado?**

Não terminei o colegial e atualmente faço extensivo, não parei de estudar porque sei que depois seria mais difícil pra voltar, chorava todos os dias pra deixar ele na escolinha, mas no fim valeu a pena, pois é tudo pra poder dar um bom futuro para ele depois...

**6- Enfrentou alguma dificuldade no parto?**

Não graças a Deus foi tudo tranquilo, tive meu bebê de parto normal, não senti muita dor e a recuperação foi maravilhosa.

**7- Pensa em ter mais filhos?**

Sim, quando fizer minha faculdade, ter minha casa e me casar quero ter mais um ou dois...

**8- O que mais mudou na sua vida?**

Ter que assumir a responsabilidade de um anjinho tão lindo e indefeso, que depende de mim pra tudo...

**9- Sofreu algum preconceito por ser mãe jovem?**

Sim, perdi as contas do quanto as pessoas olhavam (e olham) torto, apontavam o dedo e faziam comentários maldosos, mas nunca me importei quando via alguém olhando passava a mão na barriga, e hoje em dia beijo meu filho, falo que o amo e brinco com ele, ai os olhares aumentam...

**10- O que é ser mãe pra você?**

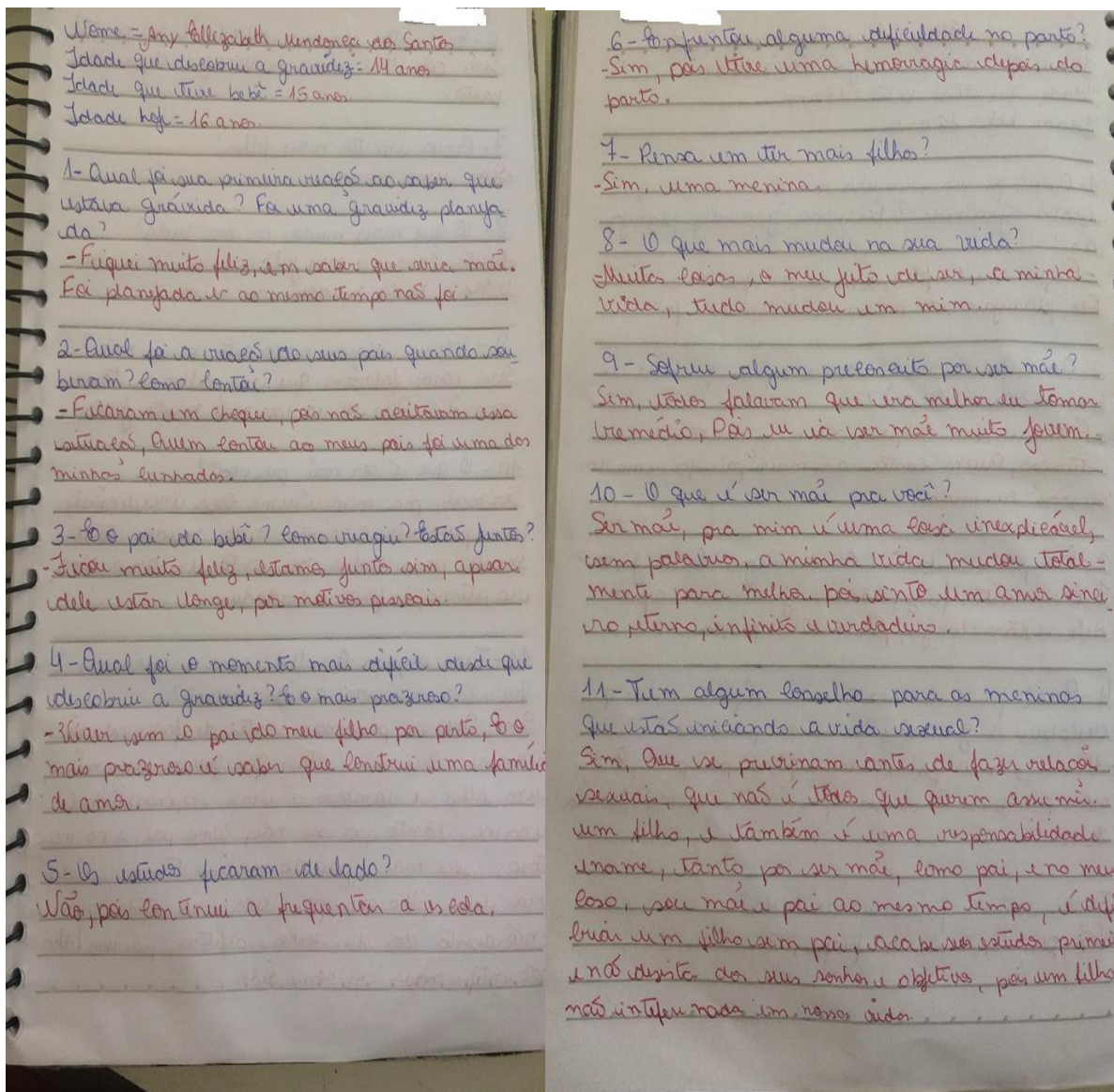
Ser mãe é simplesmente maravilhoso, é ver no meu filho tudo o que há de melhor em mim, pois é ali, naquele anjinho que está todo o meu amor, minha força de vontade, minha garra, minha sensibilidade e ao mesmo tempo o poder de se entregar e virar uma onça para protegê-lo de tudo, é o dom de enfrentar o mundo sem medo apenas para poder olha seu bebê crescer, vê-lo sorrir ou dormir tranquilamente, e saber que você faz isso por ele, e o melhor de tudo é você ter consciência de que ELE sabe disso, que é você quem luta e sempre lutará por ele, é se sentir completa e orgulhosa ao ouvir um “mamãe” mesmo que seja no meio da noite, é se emocionar ao ouvir um “mamãe amo você”. Enfim, ser mãe é ser completa!

**11- Tem algum conselho para as meninas que estão iniciando a vida sexual?**

Que se preservem, pois um filho é maravilhoso, mas ser mãe nova torna as coisas bem difíceis, além da enorme responsabilidade.

Fonte: <<http://jovemamormaterno.blogspot.com.br/2011/06/entrevista-8.html>>

**Figura 5** – Atividade de entrevista realizada pelos alunos



Fonte: Elaborado pela autora

• **Atividade 03: a entrevista na modalidade oral (identificando marcas de oralidade)**

Essa atividade, em sala de aula, apresentou aos alunos a entrevista em sua modalidade oral. O objetivo principal era que os alunos observassem as marcas de oralidade, pois seriam de suma importância para a execução das etapas posteriores.

Para iniciar a atividade, a professora-pesquisadora organizou os alunos em dupla e

iniciou a visualização de uma entrevista oral veiculada através de um programa de televisão, acerca, também, da temática gravidez na adolescência, na qual a apresentadora do programa televisivo entrevista uma médica ginecologista e obstetra. A entrevista tem duração de cerca de 12 minutos e foi pedido aos alunos que observassem a entrevista, anotassem características que eles verificassem ser diferentes das entrevistas anteriores, que foram veiculadas na modalidade escrita.

Ao final do vídeo foi realizado um debate com os alunos, os quais apontaram o que perceberam de diferente entre a entrevista na modalidade oral e escrita. Esse foi um momento importante para a professora-pesquisadora diagnosticar se os alunos percebem as diferenças das duas modalidades e para eles irem analisando a estrutura e os elementos constitutivos desse gênero discursivo, que seria aprofundado posteriormente.

A maioria apontou ter notado, dentre outras observações, principalmente, que: as perguntas pareciam ter sido formuladas previamente, como na modalidade escrita, mas que muitas perguntas foram improvisadas de acordo com a resposta da entrevistada; as respostas foram mais extensas; havia muitas marcas de oralidade, ao contrário da entrevista escrita do Blog da Criança; a expressividade corpo-facial e a entonação da voz da entrevistada e da entrevistadora possibilitaram um melhor entendimento da entrevista.

Como complementação da atividade, a entrevista foi revista pelos alunos. O intuito agora era que eles observassem e anotassem as marcas de oralidade que fossem evidenciadas, tanto pela entrevistadora, quanto pela entrevistada. Ao término do vídeo, os alunos apontaram as marcas de oralidade mais apresentadas, principalmente pela entrevistada, que deteve maior parte da fala: “Aí, eu vou ser mais mulher...”, “né”, “Cair na real”, entre outros. Eles também frisaram que a entrevistada “fala super bem, mas ela para um pouco para falar e usa repetidamente a palavra “porque” e dá uma pausa para prosseguir o que estava falando”. A professora-pesquisadora revisou com os alunos os elementos que constituem a entrevista na modalidade oral e escrita, preparando-os para as atividades de transcrição e retextualização que aconteceriam nos módulos posteriores.

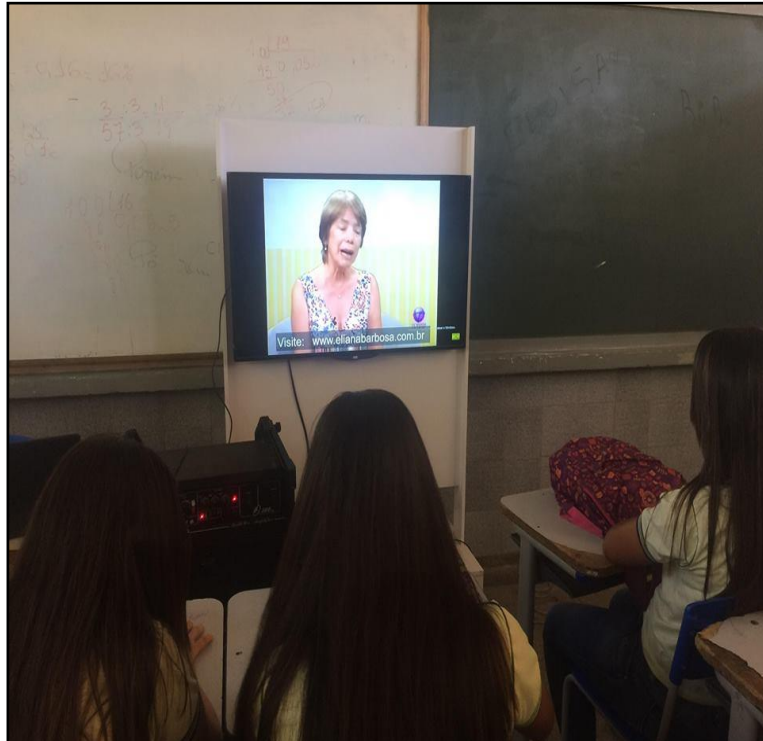


**Figura 6** – Entrevista televisiva - Eliana Barbosa entrevista Doutora. Isméri Seixas.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=SYOkwZpggZQ>

**Figura 7** – Alunos assistindo à entrevista televisiva.



Fonte: Elaborado pela autora

- **Atividade 04: produzindo a entrevista**

Para a realização de uma entrevista deve-se ter planejamento; é necessária a elaboração de um roteiro, a fim de minimizar falhas durante a execução da entrevista. O roteiro tem várias funções, como auxiliar o entrevistador antes e durante a entrevista, já que o auxilia a buscar informações sobre o objetivo da pesquisa, a se organizar, bem como conhecer bem a temática. Esta etapa já foi trabalhada com os alunos através do documentário *Meninas* e a visualização de várias entrevistas acerca da temática gravidez na adolescência.

Selecionado e estudado o tema, era necessário deixar claro com os alunos os objetivos da entrevista e quem seria entrevistado, pois esta é uma etapa estratégica para o sucesso da entrevista. Assim, por ser a gravidez na adolescência uma temática avaliada como um problema de saúde pública no Brasil e em outros países, decidiu-se, através do questionário investigativo realizado com os alunos e de diálogo com a professora-pesquisadora, realizar a pesquisa com uma profissional de saúde do município, uma enfermeira, para atender às expectativas do entrevistador e de possíveis espectadores, já que a entrevista seria publicada numa página de rede social da escola, socializada com toda comunidade estudantil. Para todo o trabalho, a professora dividiu os 36 alunos em 5 grupos de aproximadamente sete alunos cada. O denominado grupo um, então, ficou responsável pela elaboração das perguntas e realização da entrevista, o que não impediria dos demais grupos e a professora-pesquisadora auxiliá-los no processo de produção das perguntas da entrevista e de todas as etapas a serem realizadas.

Uma boa entrevista inicia, além do conhecimento do tema, tanto pelo entrevistado como do entrevistador, com a elaboração das perguntas. A professora-pesquisadora escolheu trabalhar com a entrevista semiestruturada, pois permite a utilização de um roteiro de perguntas previamente elaborado, mas que poderia ser complementado por outras questões de acordo com as circunstâncias no momento da execução da entrevista, fazendo com que as informações surgissem de forma natural e não apenas condicionada a impor respostas mecânicas.

O processo de elaboração de perguntas de uma entrevista não é realizado de forma aleatória. De acordo com MANZINI (2003), a entrevista semiestruturada deve levar em conta várias considerações, como o cuidado com a linguagem, a forma e a sequência das perguntas nos roteiros. Assim, Triviños (1987, p. 151) nos apresenta quatro categorias de perguntas que auxiliam no processo de elaboração de perguntas em uma entrevista, a saber: as perguntas denominadas *consequências*, “A demora para contar aos pais ou até mesmo ao parceiro de que está grávida pode retardar o atendimento pré-natal? Quais são os inconvenientes dessa demora?”; perguntas *avaliativas*, “O que pensa da criação da disciplina Educação Sexual nas



escolas?"; questões *hipotéticas*, que não foram realizadas no roteiro de perguntas já planejadas, mas foram bastante utilizadas no decorrer da entrevista, como forma de conversação, como "E se uma adolescente pedisse para abortar, qual seria seu posicionamento?"; e, por último, perguntas *categoriais*, "Como é possível diminuir o número de gestação na adolescência e, conseqüentemente, de jovens com doenças sexualmente transmissíveis? O ideal seria postergar o início precoce da vida sexual?". É importante deixar claro que essas categorias não devem ser uma obrigatoriedade, são apenas um auxílio para organização e as perguntas não seguem apenas à perspectiva interrogativa.

Além do estudo dessas categorias, a professora os auxiliou com informações essenciais para a elaboração das perguntas. A seguir, a lista de recomendações para a elaboração das perguntas e realização da entrevista:

**Quadro 8**– Recomendações para a realização da entrevista.

- Informar ao entrevistado que a entrevista será gravada e pedir permissão para fazê-la, bem como ser pontual e cordial;
- Elaborar um pequeno texto acerca da temática para apresentar antes das perguntas serem realizadas;
- Ao final da entrevista, perguntar ao entrevistado se ele deseja acrescentar alguma informação, bem como agradecê-lo pela gentileza em atendê-los;
- Perguntas abertas possibilitam o entrevistado refletir e dar uma resposta mais detalhada. ("Que fator você acredita ser crucial para a gravidez precoce: falta de informação ou falta de responsabilidade?");
- Perguntas fechadas podem levar o entrevistado a responder apenas "sim" ou "não" e na maioria dos casos não seria tão relevante. (Os alunos, então, produziram uma pergunta fechada, mas que perdeu este caráter por ser seguida da pergunta "por quê?", abrindo leque para reflexão e detalhamento da resposta: "A gravidez na adolescência é um problema de saúde pública no país? Por quê?");
- As perguntas devem ser objetivas e não induzir as respostas. ("O que pensa da criação da disciplina Educação Sexual nas escolas?");
- Durante a entrevista, a resposta do entrevistado poderá desencadear uma pergunta que não esteja no roteiro, tratando-se de, como já explicado, uma entrevista semiestruturada;

- Evitar perguntas longas e complexas, pois estas podem fazer o entrevistado se perder na reflexão e na resposta. Se preciso, contextualizar, mas não se prolongar;
- A última pergunta deve ter caráter conclusivo. (“Os profissionais de saúde estão preparados para essa questão da gravidez na adolescência?”). Com essa pergunta, os alunos inferiram que não basta tudo aquilo que foi dito anteriormente não ser realizado na prática, já que os profissionais de saúde devem estar preparados para lidar com essas situações).

Fonte: elaborado pela autora

A entrevista<sup>7</sup> foi realizada como atividade extraclasse e a professora acompanhou os alunos até o local em que se encontrava a entrevistada, um posto de saúde municipal. Os alunos se sentiram importantes e relataram estarem satisfeitos com a experiência. A entrevista foi realizada através de uma gravação com uso do aparelho celular e durou cerca de uma hora, entre momentos de descontração e conversação. O roteiro de perguntas encontra-se no Apêndice I desta dissertação.

Concluída a realização da entrevista, na aula seguinte, a professora a assistiu com todos os alunos e foi entregue uma cópia da gravação a cada grupo. Esta entrevista, na modalidade oral, serviria de base de texto para o processo de transcrição para forma gráfica que será apresentado no módulo seguinte.

### 6.2.3 Da fala para a escrita: realizando transcrições - Módulo III

Carga horária: 12 aulas de 50 minutos e realização de atividades extraclasse.

Os cinco grupos de alunos já estavam de posse da gravação da entrevista realizada com a enfermeira. Agora era o momento de passá-la da modalidade oral para a modalidade escrita, na qual essa tarefa ficou designada para os grupos dois e três (cada com sete alunos). A professora-pesquisadora tinha ciência de que não seria uma atividade fácil, pois provavelmente os alunos nunca tinham tido tal experiência e desconheciam os códigos de transcrição. No entanto, a professora prontificou-se a auxiliá-los e acompanhá-los durante esse processo e, antes de efetivamente transcrever a entrevista realizada, seriam realizadas algumas atividades com os

---

<sup>7</sup> Apesar de os alunos terem ciência de que se tratava de uma entrevista semiestruturada e, no entanto, poderiam fazer perguntas que não estivessem no roteiro, eles não se sentiram à vontade enquanto a gravação estava sendo realizada e realizaram perguntas extras apenas quando a gravação finalizou.

alunos, para irem treinando e se familiarizando com os códigos. Todos os alunos iriam participar dessas tarefas de transcrição realizadas na sala de aula, bem como poder auxiliar os demais colegas e consultar a tabela com os códigos apresentados pela professora.

De acordo com Marcuschi (2010), “as mudanças operadas na transcrição devem ser de ordem a não interferir na natureza do discurso produzido do ponto de vista da linguagem e do conteúdo” (MARCUSCHI, 2010, p. 49). Dessa forma, a professora deixou claro que nessa atividade o conteúdo continuaria com a forma mais fiel possível ao texto apresentado. Esperava-se, também, que os alunos percebessem que o texto oral e o escrito apresentam diferenças e semelhanças, mas que não existe dicotomia entre essas modalidades. Essa etapa seria de suma importância para a realização da etapa de retextualização da entrevista, que será mostrada no módulo seguinte.

#### **Atividade 01- Identificando marcas de oralidade em entrevistas.**

Esta atividade objetivou que os alunos percebessem as marcas de oralidade no discurso falado. Para tanto, a professora organizou os alunos em dupla e assistiu, junto a eles, a um vídeo de aproximadamente doze minutos, em que a atriz Camila Pitanga é entrevistada em um programa televisivo acerca do falecimento do colega de trabalho.

Esse vídeo foi escolhido porque, além de ser atrativo para alunos, pois relata um fato que repercutiu nacionalmente na área televisiva e redes sociais, trata-se de um vídeo em que a entrevistada utilizava, para se comunicar, além das palavras, muita expressividade facial e gestual. Pediu-se, portanto, que os alunos olhassem atentamente os elementos verbais e não verbais e anotassem o que os chamassem atenção, principalmente as marcas de oralidade, como: marcadores conversacionais, redundâncias, entonação, truncamentos, hesitações, repetições, falas simultâneas e sobrepostas, alongamentos, pausas e palavras iniciadas e não concluídas. Finalizado o vídeo, a professora perguntou quais marcas de oralidades eles tinham percebido. A professora anotou as observações realizadas pelos alunos no quadro branco para que fossem socializadas na classe. Chegou-se ao consenso de que a entrevistadora apresentava poucas marcas de oralidade, talvez porque já estava com as perguntas elaboradas e por ter um elevado nível de instrução. Já em relação à entrevistada, foi notado que ela gesticulava bastante e, em muitos momentos, respondia com olhares e expressões faciais. Os alunos disseram que ela parava muito para continuar a fala e utilizou várias vezes expressões como “a gente”, “tava”, “né”, “aí”, “num”, “vamo”, “tá.

#### **Atividade 02- Estudando os códigos e realizando transcrições da realidade sonora para a**

## forma gráfica

Finalizada esta primeira etapa, com a observação das marcas de oralidade, era momento de darmos início ao primeiro contato deles com a transcrição. Os alunos já estavam de posse dos códigos e divididos em dupla. A professora explicou os códigos a eles, que no primeiro momento disseram ter entendido e que estavam ansiosos para pôr os conhecimentos em prática. O vídeo da entrevista foi reiniciado e a professora expôs os códigos de transcrição ao lado, através do uso de um Datashow, e iniciou o processo de transcrição para que os alunos fossem assimilando os códigos e irem tirando as dúvidas. A professora transcreveu o primeiro par pergunta-resposta da entrevista, que durou cerca de dois minutos.

A seguir, a transcrição realizada pela professora e observada pelos alunos:

### Quadro 9 – Transcrição da 1ª pergunta da entrevista com Camila Pitanga

**Entrevistadora:** vamu começar...talvez pela parte mais difícil... queria que você lembrasse o que foi aquele dia...

**Entrevistada:** a gente acabou o dia de gravação... éh:: ... a gente tinha... meio que apalavrado assim de de encontrar com... o Gabriel... pra tomar esse banho de rio ... o Gabriel tava indo gravar... a gente tentou... falou com a Lucy Alves... mas... quando eu tava mandando mensagem pra ela ela tava... já partindo indo embora... eu não sabia... mas acabou que... por acaso... só nós dois podíamos ir naquela hora... porque quando a gente tava indo pro hotel...a gente viu que tinha esse lugar... essa praia... que era muito claro...assim...tinham dois quiosques... a gente nem ia pra lá... a gente ia pra o::utro lugar... e a gente:: ... acabou achando que era mais simples ir ali... o motorista não era da região... mas ele em algum momento ele teve uma intuição... porque ele perguntou... ele falou assim...será que a gente não pergunta? e a gente... eu e o Domingos... a gente se olhou...e a gente falou... acho que não... porque tá tudo tão... a gente/tá vazio porque é dia de semana... então:: (...) e a gente não queria chamar atenção porque quando você é ator... tem isso... a gente vai num posto de gasolina [você perde] ... você vai tomar água vira um evento... vira uma coisa maior... a gente ter uma certa objetividade...né... e aí a gente foi pra direita... e a gente viu que nessa direita tinha uma água meio parada... meio um lodo... [hunhum] meio uma coisa que não era convidativa... aí tinha umas pedras... aí Domingos subiu nessas pedras e falou... ca... aqui tá lindo... aqui tá ótimo...

vamu... vamou mergulhar aqui... isso já nos afastava da/do litoral... da faixa de areia....[hunhum] onde dava a pé... quando a gente mergulhou... Domingos mergulhou logo de cabeça... e eu mais cabreira...sou mais medrosa... com essa coisa de saltar.... eu... fui devagarinho... assim... eu notei que tinha uma pedra... uma marolinha batendo... aí tem um detalhe... a gente tava nadando a FAVOR:: de uma correnteza muito perene... muito suave... que a gente não percebeu... então a gente mergulhou já num lugar que já tinha profundidade... mas o olhar:: ... pra qualquer pessoa... éh...é de tudo parado... tem lá na frente... lá onde o rio corre... você não pode chegar... a gente não tava nessa região...

Fonte: Elaborado pela autora

A professora foi ouvindo a entrevista com os alunos, transcrevendo-a e explicando a correspondência entre os códigos convencionalizados e as marcas da oralidade. Logo eles já estavam se familiarizando e auxiliando a professora, principalmente em relação às pausas, que são marcadas através do uso de reticências. Eles também perceberam que não é usado ponto de exclamação e nem ponto final e que as letras maiúsculas são utilizadas apenas para nomes próprios e siglas.

Esse primeiro contato com a transcrição foi bastante satisfatório e a professora seguiu adiante com a transcrição da entrevista. Percebeu-se que os alunos já possuíam uma boa noção de transcrição; no entanto, a professora deixou claro que essas transformações através do processo de transcrição não podem interferir no conteúdo e na natureza do discurso produzido.

A transcrição do segundo par pergunta/resposta foi realizado em conjunto pela professora e alunos. Notou-se que os alunos já estavam bem mais familiarizados com os códigos, mas que, algumas dúvidas ainda surgiam. Assim, a pesquisadora concluiu que esta etapa do trabalho precisaria de uma atenção maior e, portanto, o restante da entrevista foi transcrita em conjunto, sanando as dúvidas ainda recorrentes.

A transcrição dessa entrevista serviria como auxílio para atividades posteriores em relação ao estudo da retextualização, antes de os alunos retextualizarem efetivamente a entrevista realizada com a enfermeira, que seria postada numa página de rede social da escola.

Assim, na aula seguinte, iniciou-se o processo de transcrição<sup>8</sup> da entrevista realizada com a enfermeira. O grupo 2 (formado por sete alunos) ficou responsável pela transcrição das perguntas e respostas iniciais (um a cinco) e o grupo 3 ficou responsável pelo restante da

<sup>8</sup> A transcrição completa desta entrevista realizada com a atriz Camila Pitanga encontra-se no anexo IV

entrevista (perguntas seis a nove). Assim, cada grupo realizou a transcrição que lhe foi cabida e nas aulas seguintes a professora e toda a turma realizou uma “correção” e observação das transcrições realizadas pelos alunos de toda a entrevista.

Foi uma atividade um pouco exaustiva, mas de suma importância para que os alunos compreendessem que a escrita não é uma representação da fala, já que não é possível transcrever graficamente todos os níveis da linguagem oral.

**Figura 8** – Entrevista com a atriz Camila Pitanga ao programa Fantástico.



Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=xJKeJ6RKw\\_E](https://www.youtube.com/watch?v=xJKeJ6RKw_E)

#### 6.2.4 Da fala para a escrita: conhecendo a retextualização - Módulo IV

Carga horária: 18 aulas de 50 minutos e realização de atividades extraclasse.

Neste módulo, era o momento dos alunos se aprofundarem acerca do processo da retextualização que, como ressalta MARCUSCHI (2010, p. 47), “não é a passagem do caos para a ordem: é a passagem de uma ordem para outra ordem”. Marcuschi elaborou um modelo que facilmente pode ser trabalhado na sala de aula, permitindo que os alunos percebam como

efetivamente os textos falados e os escritos se constituem. Esse modelo dispõe de nove operações textuais-discursivas na passagem do texto oral para o texto escrito, nas quais operações de regularização e idealização – estratégias de eliminação e inserção (1º à 4ª operação), bem como de transformação – substituição, seleção e acréscimo, reordenação e condensação (5º à 9º operação) são envolvidos.

Foi frisado para os alunos que nem sempre todas as operações são trabalhadas em uma atividade de retextualização e que haverá mudanças de conteúdo, mas o sentido do enunciado deve prevalecer. O intuito principal dessa atividade era levá-los a refletir sobre as modalidades oral e escrita da língua e suas características, bem como que houvesse um melhor domínio da produção escrita através dessas operações de transformação do texto falado para o escrito.

### **Atividade 01- Estudando as operações de retextualização idealizadas por Mascuschi**

Nesta atividade, inicialmente, a professora iniciou um breve estudo sobre o processo de retextualização do gênero discursivo entrevista jornalística de sua modalidade oral para a modalidade escrita, utilizando-se das operações apresentadas por Marcuschi. As operações foram expostas no quadro branco e uma cópia dessas operações foi entregue aos alunos, que estavam organizados em semicírculo. Alguns afirmaram que conheciam a retextualização, mas que nunca haviam estudado essas operações e nem visto esse assunto tão detalhadamente.

Para aprofundar o estudo acerca da retextualização, a professora utilizou-se de exemplos da entrevista que eles tinham realizado atividades de transcrição, através da entrevista com a atriz Camila Pitanga. A professora-pesquisadora optou pela continuidade de trabalhar com a mesma entrevista pelo fato de em conjunto terem efetuado a transcrição da mesma e já estarem familiarizados. Dessa forma, o vídeo da entrevista foi recapitulado, para que eles relembassem o texto em sua modalidade oral e eles já estavam de posse da cópia da transcrição, realizada em outro momento.

Para facilitar a compreensão, a professora foi explicando cada operação através de trechos da entrevista e, junto aos alunos, foram identificando as operações em toda a entrevista. Por se tratar de uma turma do 9º ano do ensino fundamental, esperava-se que as primeiras operações, de regularização e idealização, fossem facilmente identificadas pelos alunos. Como esperado, eles tiveram mais dificuldade nas operações de transformação, como vemos a seguir:

- **1ª operação: eliminação de marcas interacionais, hesitações e partes de palavras.**

Nesta primeira operação ocorre a eliminação de muitos elementos. Sabia-se que os alunos não teriam muita dificuldade, pois é um procedimento, muitas vezes, automático e intuitivo. Marcuschi (2010) afirma que essa primeira operação não se refere à fala em si, mas à manipulação da transcrição, que foi de suma importância para o entendimento das primeiras operações.

Neste trecho, os alunos eliminaram: hesitação (eh...), marcadores conversacionais (assim..., né...), truncamentos (a gen/tá..., da/do...) e sobreposição de vozes (hunhum..., você perde...), como percebemos no exemplo a seguir:

**Quadro 10** – Transcrição x retextualização da entrevista (analisando a primeira operação)

Transcrição da entrevista	Retextualização da entrevista
<p>“a gente acabou o dia de gravação... <b>éh</b>:: ... a gente tinha... meio que apalavrado... <b>assim</b>... de encontrar com... o Gabriel... pra tomar esse banho de rio... o Gabriel tava indo gravar... a gente tentou... falou com a Lucy Alves... mas... quando eu tava mandando mensagem pra ela... ela tava... já partindo indo embora... eu não sabia... mas acabou que... por acaso... só nós dois podíamos ir naquela hora... porque quando a gente tava indo pro hotel...a gente viu que tinha esse lugar... essa praia... que era muito claro... <b>assim</b>... tinham dois quiosques... a gente nem ia pra lá... a gente ia pra o::utro lugar... e a gente:: ... acabou achando que era mais simples ir ali... o motorista não era da região... mas ele em algum momento ele teve uma intuição... porque ele perguntou... ele falou assim... “será que a gente não pergunta?” e a gente... eu e o Domingos... a gente se olhou...e a gente falou... acho que não... porque tá tudo tão... a <b>gen/tá</b> vazio porque é dia de</p>	<p>“a gente acabou o dia de gravação... a gente tinha... meio que apalavrado... de encontrar com... o Gabriel... pra tomar esse banho de rio... o Gabriel tava indo gravar... a gente tentou... falou com a Lucy Alves... mas... quando eu tava mandando mensagem pra ela... ela tava... já partindo indo embora... eu não sabia... mas acabou que... por acaso... só nós dois podíamos ir naquela hora... porque quando a gente tava indo pro hotel...a gente viu que tinha esse lugar... essa praia... que era muito claro... tinham dois quiosques... a gente nem ia pra lá... a gente ia pra o::utro lugar... e a gente:: ... acabou achando que era mais simples ir ali... o motorista não era da região... mas ele em algum momento ele teve uma intuição... porque ele perguntou... ele falou assim... “será que a gente não pergunta?” e a gente... eu e o Domingos... a gente se olhou...e a gente falou... acho que não...</p>



<p>semana... então:: (...) e a gente não queria chamar atenção porque quando você é ator... tem isso... a gente vai num posto de gasolina <b>[você perde]</b> ... você vai tomar água vira um evento... vira uma coisa maior... a gente quis ter uma certa objetividade...<b>né</b>... e aí a gente foi pra direita... e a gente viu que nessa direita tinha uma água meio parada... meio um lodo... <b>[hunhum]</b> meio uma coisa que não era convidativa... aí tinha umas pedras... <b>aí</b> Domingos subiu nessas pedras e falou... “Cá... aqui tá lindo... aqui tá ótimo... vamo... vamo mergulhar aqui”... isso já nos afastava <b>da/do</b> litoral... da faixa de areia...<b>[hunhum]</b> onde dava a pé... quando a gente mergulhou...”</p>	<p>porque tá tudo tão... tá vazio porque é dia de semana... então:: (...) e a gente não queria chamar atenção porque quando você é ator... tem isso... a gente vai num posto de gasolina... você vai tomar água vira um evento... vira uma coisa maior... a gente quis ter uma certa objetividade... e aí a gente foi pra direita... e a gente viu que nessa direita tinha uma água meio parada... meio um lodo... meio uma coisa que não era convidativa... aí tinha umas pedras... Domingos subiu nessas pedras e falou... “Cá... aqui tá lindo... aqui tá ótimo... vamo... vamo mergulhar aqui”... isso já nos afastava do litoral... da faixa de areia... onde dava a pé... quando a gente mergulhou...”</p>
---	--

Fonte: Elaborado pela autora

- **2ª operação: introdução da pontuação com base na intuição fornecida pela entoação das falas.**

Nessa operação, o retextualizador precisa ser intuitivo em relação à prosódia da fala, pois esta auxilia na marcação de vírgulas, pontos, dois pontos, entre outros sinais de pontuação, auxiliando a interpretação e construção do texto sob o ponto de vista de quem o retextualiza.

A professora-pesquisadora os ajudou com a introdução de pontuação do trecho utilizado na operação anterior e solicitou, como atividade, que eles inserissem pontuação no restante da entrevista. Eles afirmaram não sentir tanta dificuldade, pois as pausas, já evidenciadas através das reticências, na transcrição realizada, foram de suma importância para realização desta atividade.

A seguir, o trecho com a introdução de pontuação:

**Quadro 11** – Transcrição x retextualização da entrevista (analisando a segunda operação)

Transcrição da entrevista	Retextualização da entrevista
<p>“a gente acabou o dia de gravação... a gente tinha... meio que apalavrado... de encontrar com... o Gabriel... pra tomar esse banho de rio... o Gabriel tava indo gravar... a gente tentou... falou com a Lucy Alves... mas... quando eu tava mandando mensagem pra ela... ela tava... já partindo indo embora... eu não sabia... mas acabou que... por acaso... só nós dois podíamos ir naquela hora... porque quando a gente tava indo pro hotel...a gente viu que tinha esse lugar... essa praia... que era muito claro... tinham dois quiosques... a gente nem ia pra lá... a gente ia pra o:utro lugar... e a gente:: ... acabou achando que era mais simples ir ali... o motorista não era da região... mas ele em algum momento ele teve uma intuição... porque ele perguntou... ele falou assim... “será que a gente não pergunta?” e a gente... eu e o Domingos... a gente se olhou...e a gente falou... acho que não... porque tá tudo tão... tá vazio porque é dia de semana... então:: (...) e a gente não queria chamar atenção porque quando você é ator... tem isso... a gente vai num posto de gasolina... você vai tomar água vira um evento... vira uma coisa maior... a gente quis ter uma certa objetividade... e aí a gente foi pra direita... e a gente viu que nessa direita tinha uma água meio parada... meio um lodo... meio uma coisa que não era convidativa... aí tinha umas pedras... Domingos subiu nessas pedras e falou... “Cá...</p>	<p>“A gente acabou o dia de gravação e a gente tinha meio que apalavrado de encontrar com o Gabriel pra tomar esse banho de rio. O Gabriel tava indo gravar, a gente tentou, falou com a Lucy Alves, mas quando eu tava mandando mensagem pra ela, ela tava já partindo, indo embora. Eu não sabia, mas acabou que, por acaso, só nós dois podíamos ir naquela hora, porque quando a gente tava indo pro hotel a gente viu que tinha esse lugar, essa praia, que era muito claro. Tinham dois quiosques. A gente nem ia pra lá, a gente ia pra outro lugar, e a gente acabou achando que era mais simples ir ali. O motorista não era da região, mas ele em algum momento ele teve uma intuição, porque ele perguntou, ele falou assim: “será que a gente não pergunta?” E a gente, eu e o Domingos, a gente se olhou e a gente falou: “acho que não, porque tá tudo tão vazio porque é dia de semana”. E a gente não queria chamar atenção porque quando você é ator tem isso, a gente vai num posto de gasolina, você vai tomar água, vira um evento, vira uma coisa maior. A gente quis ter uma certa objetividade e aí a gente foi pra direita e a gente viu que nessa direita tinha uma água meio parada, meio um lodo, meio uma coisa que não era convidativa. Aí tinha umas pedras e Domingos subiu nessas</p>

aqui tá lindo... aqui tá ótimo... vamo... vamo mergulhar aqui"... isso já nos afastava do litoral... da faixa de areia... onde dava a pé... quando a gente mergulhou..."	pedras e falou "Cá, aqui tá lindo, aqui tá ótimo, vamo, vamo mergulhar aqui!" Isso já nos afastava do litoral, da faixa de areia, onde dava a pé, quando a gente mergulhou".
--	--

Fonte: Elaborado pela autora

- **3ª operação: retirada de repetições, reduplicações, redundâncias, paráfrases e pronomes egóticos.**

Nesta operação a professora deixou claro aos alunos que elementos reduplicados e certos itens lexicais, sintagmas ou estruturas desnecessárias, deveriam ser retirados do texto. Dessa forma, o texto provavelmente necessitaria de uma reformulação parafrásica. Além do mais, os sujeitos egóticos (eu, nós), quando sujeitos, deveriam ser retirados, pois deixaria o texto redundante.

Os alunos, inicialmente, com facilidade retiraram os termos repetidos, mas sentiram uma certa dificuldade em reformular a frase. No entanto, a professora os acompanhou durante esta etapa, ficando o trecho já trabalhado da seguinte forma:

**Quadro 12** – Transcrição x retextualização da entrevista (analisando a terceira operação)

Transcrição da entrevista	Retextualização da entrevista
"A gente acabou o dia de gravação e <b>a gente</b> tinha meio que apalavrado de encontrar com o Gabriel pra tomar esse banho de rio. O Gabriel tava indo gravar, a gente tentou, falou com a Lucy Alves, mas quando eu tava mandando mensagem pra ela, ela tava já partindo, indo embora. Eu não sabia, mas acabou que, por acaso, só nós dois podíamos ir naquela hora, porque quando a gente tava indo pro hotel <b>a gente</b>	"A gente acabou o dia de gravação e tinha meio que apalavrado de encontrar com o Gabriel pra tomar esse banho de rio. O Gabriel tava indo gravar, a gente tentou, falou com a Lucy Alves, mas quando eu tava mandando mensagem pra ela, ela tava já partindo, indo embora. Eu não sabia, mas acabou que, por acaso, só nós dois podíamos ir naquela hora, porque quando a gente tava indo pro hotel vimos que tinha esse lugar, essa praia, que era muito claro. Tinham

<p><b>viu</b> que tinha esse lugar, essa praia, que era muito claro. Tinham dois quiosques. <b>A gente</b> nem ia pra lá, <b>a gente</b> ia pra outro lugar, e <b>a gente</b> acabou achando que era mais simples ir ali. O motorista não era da região, mas ele em algum momento <b>ele</b> teve uma intuição, porque ele perguntou, <b>ele</b> falou assim: “será que a gente não pergunta?” E a gente, eu e o Domingos, <b>a gente</b> se olhou e <b>a gente</b> falou: “acho que não, <b>porque</b> tá tudo tão vazio porque é dia de semana”. E a gente não queria chamar atenção porque quando você é ator tem isso, <b>a gente</b> vai num posto de gasolina, você vai tomar água, vira um evento, <b>vira uma coisa maior</b>. A gente quis ter uma certa objetividade e aí <b>a gente</b> foi pra direita e a gente viu que nessa direita tinha uma água meio parada, meio um lodo, <b>meio</b> uma coisa que não era convidativa. Aí tinha umas pedras e Domingos subiu <b>nessas pedras</b> e falou “Cá, aqui tá lindo, aqui tá ótimo, <b>vamo</b>, vamo mergulhar aqui!” Isso já nos afastava do litoral, da faixa de areia, onde dava a pé, quando a gente mergulhou”.</p>	<p>dois quiosques. Nem íamos pra lá, mas pra outro lugar, e acabamos achando que era mais simples ir ali. O motorista não era da região, mas ele em algum momento teve uma intuição, porque ele perguntou, falou assim: “será que a gente não pergunta?” E a gente, eu e o Domingos, se olhou e falou: “acho que não, tá tudo tão vazio porque é dia de semana”. E não queríamos chamar atenção porque quando você é ator tem isso, vai num posto de gasolina, tomar água vira um evento. A gente quis ter uma certa objetividade e fomos para direita e vimos que tinha uma água meio parada, meio um lodo, uma coisa que não era convidativa. Aí tinha umas pedras e Domingos subiu nelas e falou “Cá, aqui tá lindo, tá ótimo, vamo mergulhar aqui!”. Isso já nos afastava do litoral, da faixa de areia, onde dava a pé, quando a gente mergulhou”.</p>
---	---

Fonte: Elaborado pela autora

,

#### **4ª operação: introdução da paragrafação e pontuação detalhada, sem modificação da ordem dos tópicos discursivos.**

Nessa operação, os sinais de pontuação já haviam sido previamente colocados, no estudo da 2ª operação. Agora, seria necessário detalhá-la, sem modificar a ordem dos tópicos.

Além do mais, seria o momento de introduzir parágrafos, mas a professora deixou claro que essa necessidade pode ou não aparecer, por isso a intuição do retextualizador será de suma importância.

Nesta atividade, professora e alunos chegaram à conclusão de que, nesse trecho trabalhado, nenhuma pontuação necessitaria ser inserida, bem como a utilização de parágrafo. Portanto, o texto continuou da mesma forma, já que, geralmente, o uso da paragrafação é utilizado para agrupar um novo conjunto temático, fato que não ocorreu na entrevista. Mesmo assim, foi pedido para que eles observassem se no restante do texto haveria alguma modificação a ser realizada e concluiu-se que não havia necessidade.

Finalizadas as operações de regularização e idealização, era o momento de estudarmos as operações de transformação, que seriam essenciais para o sucesso da retextualização da entrevista. No entanto, a professora sabia que seria uma etapa mais minuciosa e que necessitaria de mais atenção do aluno para a compreensão da realização destas operações.

#### **5ª operação: introdução de marcas metalinguísticas para referência de ações e verbalização de contextos expressos por dêiticos.**

Nesta operação, as atividades de substituição e reorganização de natureza morfossintática e pragmática são iniciadas. Foi explicado aos alunos que geralmente esta operação é trabalhada juntamente à seguinte. No entanto, esta objetiva explicitude, na qual os dêiticos (essa, aqui, lá etc.) devem estar ligados a um referente que deve ser reconhecido no texto.

#### **Quadro 13 – Transcrição x retextualização da entrevista (analisando a quinta operação)**

<b>Transcrição da entrevista</b>	<b>Retextualização da entrevista</b>
“A gente acabou o dia de gravação e tinha meio que apalavrado de encontrar com o Gabriel pra tomar esse banho de rio. O Gabriel tava indo gravar, a gente tentou, falou com a Lucy Alves, mas quando eu tava	“A gente acabou o dia de gravação e tinha meio que apalavrado de encontrar com o Gabriel pra tomar <b>o banho de rio que havíamos combinado</b> . O Gabriel tava indo gravar, a gente tentou, falou com a Lucy

mandando mensagem pra ela, ela tava já partindo, indo embora. Eu não sabia, mas acabou que, por acaso, só nós dois podíamos ir <b>naquela</b> hora, porque quando a gente tava indo pro hotel vimos que tinha <b>esse</b> lugar, <b>essa</b> praia, que era muito claro. Tinham dois quiosques”.	Alves, mas quando eu tava mandando mensagem pra ela, ela tava já partindo, indo embora. Eu não sabia, mas acabou que, por acaso, só nós dois podíamos ir <b>na hora em que encerramos as atividades</b> , porque quando a gente tava indo pro hotel vimos que tinha <b>a praia em que o fato aconteceu</b> , que era muito claro. Tinham dois quiosques”.
--	---

Fonte: Elaborado pela autora

Com este exemplo, os alunos perceberam que as informações ficaram mais explícitas, pois quem não estava contextualizado poderia não entender o que os dêiticos estavam assinalando. Foi pedido que eles observassem outros dêiticos no restante da entrevista e a professora os auxiliou nessa atividade para um melhor entendimento dessa operação.

#### **6ª operação: reconstrução de estruturas truncadas, concordâncias, reordenação sintática, encadeamentos.**

Esta operação complementa a anterior. No entanto, deve-se voltar para as regras de escrita, observando a concordância entre o sujeito e o verbo, eliminação de pronomes sujeitos repetidos, preenchimento de expressões inacabadas e uso de anáfora pronominal com antecedente explícito.

Os alunos, antes de iniciar a atividade, já apontaram que a entrevistada utilizava muito a expressão “a gente”. A professora sugeriu que em alguns momentos ela poderia ser substituída por outra equivalente.

#### **Quadro 14 – Transcrição x retextualização da entrevista (analisando a sexta operação)**

<b>Transcrição da entrevista</b>	<b>Retextualização da entrevista</b>
----------------------------------	--------------------------------------

<p>“A gente acabou o dia de gravação e tinha meio que apalavrado de encontrar com o Gabriel pra tomar o banho de rio que havíamos combinado. O Gabriel tava indo gravar, a gente tentou, falou com a Lucy Alves, mas quando eu tava mandando mensagem pra ela, ela tava já partindo, indo embora. Eu não sabia, mas acabou que, por acaso, só nós dois podíamos ir na hora em que encerramos as atividades, porque quando a gente tava indo pro hotel vimos que tinha a praia em que o fato aconteceu, que era muito claro. Tinham dois quiosques”.</p>	<p>“Nós acabamos o dia de gravação e tínhamos meio que apalavrado de encontrar com o Gabriel para tomar o banho de rio que havíamos combinado. Ele estava indo gravar e tentamos falar com a Lucy Alves, mas quando eu estava mandando mensagem, ela já estava indo embora. Então, por acaso, só nós dois podíamos ir na hora em que encerramos as atividades. Quando estávamos indo para o hotel vimos a praia em que o fato aconteceu, que aparentava não ser perigosa. Tinham dois quiosques”.</p>
---	---

Fonte: Elaborado pela autora

### **7ª operação: tratamento estilístico com seleção de novas estruturas sintáticas e novas opções léxicas.**

Antes de explicar o fundamento dessa operação, os alunos disseram que achavam que o texto já estava bom e por isso não precisaria ser “melhorado”. A professora explicou que em alguns casos podem ocorrer substituições lexicais as quais deixam o texto mais “bonito”, visando a uma maior formalidade da escrita. A pesquisadora evidenciou que, no entanto, teria mais facilidade em fazê-las os alunos que dispõem de um vasto vocabulário e têm o hábito da leitura e reescrita de textos, pois conseguiriam ter mais facilidade na escolha dos vocábulos a serem substituídos, de acordo com o contexto, mantendo o sentido original.

No início, os alunos tiveram uma certa dificuldade, mas com o auxílio da professora conseguiram realizar algumas substituições. A professora, então, os alertou que, em alguns casos, essa substituição não se faz necessária, ou pode surgir muito evidenciada, pois vai depender do discurso analisado.

**Quadro 15** – Transcrição x retextualização da entrevista (analisando a sétima operação)

Transcrição da entrevista	Retextualização da entrevista
“Nós acabamos o dia de gravação e tínhamos meio que apalavrado de encontrar com o Gabriel para tomar o banho de rio que havíamos combinado. Ele estava indo gravar e tentamos falar com a Lucy Alves, mas quando eu estava mandando mensagem, ela já estava indo embora. Então, por acaso, só nós dois podíamos ir na hora em que encerramos as atividades. Quando estávamos indo para o hotel vimos a praia em que o fato aconteceu, que aparentava não ser perigosa. Tinham dois quiosques”.	“Nós <b>encerramos</b> o dia de gravação e tínhamos <b>combinado</b> de encontrar com o Gabriel para tomar banho de rio. Ele estava indo gravar e tentamos falar com a Lucy Alves, mas quando eu estava enviando mensagem, ela já estava indo embora. Então, por acaso, só nós dois podíamos ir na hora em que encerramos as atividades. Quando <b>estávamos nos direcionando</b> para o hotel vimos a praia em que o fato aconteceu, que aparentava não ser perigosa. Tinham dois quiosques”.

Fonte: Elaborado pela autora

### **8ª operação: reordenação tópica do texto e reorganização da sequência argumentativa.**

Essa operação é de estratégia de estruturação argumentativa. O texto pode ou não necessitar de uma reordenação tópica para um melhor entendimento do mesmo. No exemplo a seguir, os argumentos foram mantidos. Mas a professora e alunos chegaram ao consenso de reordenar algumas expressões, como a frase final “Tinham dois quiosques”. Concluiu-se que ela daria mais sustentação argumentativa se antecipada, pois anunciava a ideia de que estes quiosques simbolizavam que o local era frequentado e, conseqüentemente, não seria perigoso para um banho de mar.

**Quadro 16** – Transcrição x retextualização da entrevista (analisando a oitava operação)

Transcrição da entrevista	Retextualização da entrevista
---------------------------	-------------------------------



<p>“Nós encerramos o dia de gravação e tínhamos combinado de encontrar com o Gabriel para tomar banho de rio. Ele estava indo gravar e tentamos falar com a Lucy Alves, mas quando eu estava enviando mensagem, ela já estava indo embora. Então, por acaso, só nós dois podíamos ir na hora em que encerramos as atividades. Quando estávamos nos direcionando para o hotel vimos a praia em que o fato aconteceu, que aparentava não ser perigosa. Tinham dois quiosques”.</p>	<p>“Nós encerramos o dia de gravação e tínhamos combinado de encontrar com o Gabriel para tomar banho de rio. Ele estava indo gravar e tentamos falar com a Lucy Alves, mas quando eu estava enviando mensagem, ela já estava indo embora. Então, por acaso, só nós dois podíamos ir. Quando estávamos nos direcionando para o hotel vimos a praia em que o fato aconteceu, ela tinha dois quiosques e aparentava não ser perigosa”.</p>
--	--

Fonte: Elaborado pela autora

### 9ª operação: agrupamento de argumentos condensando as ideias.

Essa operação utiliza-se de estratégia de condensar as ideias. A professora-pesquisadora deixou claro para os alunos que não se trata de resumir as informações, pois, neste caso, detalhes importantes para a compreensão poderiam ser omitidos. Então não se trata de um resumo, mas agrupar informações que muitas vezes são redundantes, apresentam repetição de informações.

### Quadro 17 – Transcrição x retextualização da entrevista (analisando a nona operação)

Transcrição da entrevista	Retextualização da entrevista
<p>“Nós encerramos o dia de gravação e tínhamos combinado de encontrar com o Gabriel para tomar banho de rio. Ele estava indo gravar e tentamos falar com a Lucy Alves, mas quando eu estava enviando mensagem, ela já estava indo embora. Então, por acaso, só nós dois podíamos ir. Quando estávamos nos direcionando para o hotel</p>	<p>“Nós encerramos o dia de gravação e tínhamos combinado de encontrar com o Gabriel para tomar banho de rio. <b>Ele não pôde ir porque estava indo gravar. Tentamos falar com a Lucy Alves, mas ela já estava indo embora. Então só nós dois fomos.</b> Quando estávamos nos direcionando para o hotel vimos a praia em que o fato</p>

vimos a praia em que o fato aconteceu, ela tinha dois quiosques e aparentava não ser perigosa”.	aconteceu, ela tinha dois quiosques e aparentava não ser perigosa”.
---	---

Fonte: Elaborado pela autora

Esse módulo de estudo de estratégias de retextualização propostas por Marcuschi tinha sido concluído. Em conjunto, todo o restante dessa entrevista foi retextualizada e encontra-se no apêndice IV. Agora era o momento de retextualizar a entrevista realizada com a enfermeira e esperava-se que as atividades realizadas os deixassem mais seguros. A transcrição já havia sido realizada e, inicialmente, apenas os grupos 4 e 5 ficariam responsáveis por retextualizá-la. No entanto, a professora-pesquisadora concluiu que todos deveriam participar desse processo, então todos os alunos prontificaram-se a participar dessa etapa e foram reorganizados e subdivididos em 6 grupos de 6 alunos. Entretanto, foi necessário que eles trabalhassem em casa para concluí-la. A professora-pesquisadora tinha ciência de que eles ainda iriam sentir um pouco de dificuldade e insegurança, principalmente em relação às operações 8 e 9, já que foram as que apresentaram mais receio por parte dos alunos durante as atividades em sala de aula. Portanto, todo esse processo foi acompanhado e verificado pela professora até a versão final da retextualização da entrevista com a enfermeira.

### 6.3 ANALISANDO OS PROCEDIMENTOS E RESULTADOS OBTIDOS ATRAVÉS DA RETEXTUALIZAÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA PELOS ALUNOS

A proposta nesta análise é comparar o texto original (transcrito) obtido através da entrevista realizada com a enfermeira, com o mesmo texto retextualizado pelos alunos, norteados através das operações sugeridas por Marcuschi (2010) e já apresentadas no quarto capítulo desta pesquisa, a fim de verificar as estratégias linguísticas que foram utilizadas com o intuito de manter o sentido do texto-base, adaptando os elementos que, segundo BAKHTIN (1992, apud KOCH & ELIAS, 2011, p 112) são indissociáveis dos gêneros textuais: *a estrutura composicional* (considera os elementos verbais e não verbais do texto, bem como a organização das informações e o conjunto de sequências apresentado no gênero em questão), *o conteúdo temático* (o assunto esperado no gênero estudado) e *o estilo* (são as escolhas que o escritor faz ao redigir seu texto, nas quais envolvem os meios linguísticos que darão sentido ao texto através

da progressão ou sequenciação textual, a exemplo destes meios temos, de acordo com (cf. KOCH E ELIAS, 2010, p. 159- 214): a repetição, o paralelismo, o parafraseamento, os recursos de ordem fonológica, a manutenção temática e os encadeamentos).

Assim, como já dito, para a tarefa da retextualização da entrevista para a modalidade escrita, os 36 alunos foram divididos em 6 grupos de 6 alunos, na qual a professora os identificou como G1 (grupo 1), G2 (grupo 2), G3 (grupo 3), G4 (grupo 4), G5 (grupo 5), e G6 (grupo 6). O propósito era que todos participassem de toda a retextualização da entrevista, mas como seria inviável devido ao tempo, a professora decidiu dividir as dez perguntas realizadas com a enfermeira entre os grupos, utilizando como parâmetro o tamanho do texto obtido através das respostas da entrevistada, ficando dessa forma: o G1 ficou responsável pela retextualização do texto de abertura e primeiro par pergunta-resposta; o G2, pelo par referente às perguntas 2 e 3, sendo que a segunda pergunta foi desmembrada em três momentos; o G3 retextualizou as perguntas e respostas 4 e 5; o G4, 6 e 7, sendo que a sexta pergunta também foi desmembrada, em dois momentos; o G5 foi responsável pela retextualização das perguntas e respostas 8 e 9; o fechamento da entrevista e a última pergunta foram retextualizadas pelo G6.

Dessa forma, cada grupo apresentava o resultado obtido e a professora, através do uso do Datashow, apresentava-o para toda a classe e, em conjunto, ia-se debatendo e observando os dados analisados e revendo e modificando o que era julgado necessário, até obter o resultado final. No entanto, algumas tarefas foram concluídas em casa, devido ao tempo.

Esta proposta obteve excelentes resultados, pois todos os alunos, de alguma forma, participaram de toda a retextualização da entrevista, além de possibilitar à professora-pesquisadora um melhor acompanhamento e identificar com mais precisão as dificuldades de cada grupo e, especificamente, de cada aluno.

Faremos uma análise geral dos dados obtidos e, em sequência, detalharemos através de exemplos retirados da entrevista retextualizada para a modalidade escrita, realizada pelos alunos.

Para realizar tal tarefa, os alunos apropriaram-se das operações definidas por Marcuschi (2010). Inicialmente, observou-se que eles não seguiram a ordem apresentada pelo supracitado autor, assim como nem sempre todas as estratégias foram empregadas, o que não interferiu no resultado final, bem como foi percebido que alguns não conseguiam aprofundar-se nas operações de transformação (5ª à 9ª), revelando um desempenho insatisfatório na escrita, o que já era esperado pela professora-pesquisadora, pois requeria uma boa compreensão do texto-base para que fossem capazes de substituir, selecionar, acrescentar, reordenar e condensar as ideias. Para tanto, a professora os auxiliou, quando necessário, nestas operações, realizando uma

revisão das estratégias envolvidas nessas operações e uma leitura reflexiva do texto oral.

Já as operações de regularização e idealização (1ª à 4ª) foram preferencialmente realizadas pelos alunos, principalmente a 1ª operação, na qual elimina marcas estritamente interacionais. A princípio, alguns alunos se fixaram apenas nesta operação, por ser considerada por eles mais fácil e realizada intuitivamente. As operações 2,3 e 4 tornaram-se um pouco difícil para alguns alunos, mas a maioria conseguiu progredir bem nestas operações, que realizam estratégias de introdução de pontuação, eliminação para condensação linguística e de inserção de paragrafação e pontuação, sem modificar a ordem dos tópicos discursivos, respectivamente.

Em relação à estrutura composicional, observou-se que esta foi mantida, revelando que os alunos tiveram consciência de que haveria uma mudança de modalidade, da oral para a escrita, mas não mudança de gênero, mantido através da organização da entrevista em perguntas e respostas.

Outro aspecto observado foi em relação às perguntas realizadas e elaboradas pelos alunos. O intuito era que a entrevista fosse semiestruturada, ou seja, perguntas que não foram planejadas poderiam ocorrer no decorrer da entrevista, no entanto, isto não ocorreu. A professora-pesquisadora acredita que não se tratou de falta de aprofundamento da temática, visto que eles tiveram contato constante com a mesma, através de palestra, documentário, entrevistas, rodas de conversa. Apenas em um momento uma pergunta que não estava na pauta do roteiro foi acrescentada em decorrência da resposta da entrevistada ao falar que a infecção urinária é recorrente em jovens grávidas. Assim, a entrevistadora acrescentou ***“Mas tem cuidado a infecção urinária?”***.

A observação final, que já havia sido percebida pelos alunos, quando foi realizada a retextualização da entrevista com a atriz Camila Pitanga, é a redução da extensão textual em relação ao texto-base. Este enxugamento é natural, pois marcas interacionais, hesitações, repetições, redundâncias, paráfrases e pronomes egóticos são eliminados, tornando o texto mais objetivo e conciso. Dessa forma, a retextualização da entrevista com a enfermeira foi reduzida a 51,71% em relação ao texto transcrito. Fazendo uma comparação com a retextualização da entrevista realizada com a atriz, na qual foi mantido 61,7 % em relação ao texto-base, os alunos deduziram que tal fato ocorreu porque a enfermeira hesitava muito ao falar e “dava voltas” para chegar à resposta final e, em muitos casos, não explicitava bem o seu posicionamento, pois utilizava-se com frequência de termos que ressaltam dúvida, como “eu acho”, e, também, por utilizar com frequência marcas estritamente interacionais, já que os entrevistadores eram jovens, ou seja, a entrevista fluiu como uma conversa com os entrevistadores (alunos).

Na sequência, faremos a discussão da retextualização realizada por cada grupo e, como

já dito, observada e revisada por todos os alunos, até o resultado final. É importante frisar que em cada par pergunta-resposta, no qual ficou incubido a determinado grupo, não analisaremos, aqui, todas as operações, destacaremos as que, de alguma maneira, tornaram-se relevantes. De tal forma, abrangeremos todas as operações ao longo desta análise, ressaltando que a ordem da apresentação é definida pela ordem das operações, e não pela ordem das perguntas.

**Quadro 18** – G1: Transcrição e retextualização da 1ª pergunta da entrevista com a enfermeira e sua respectiva resposta – observando as operações 1 e 2.

<b>Transcrição da entrevista realizada com a enfermeira</b>	<b>Entrevista retextualizada</b>
<b>Entrevistador:</b> olá... boa tarde... nós somos alunos do N.C.L.... somos do nono ano da tarde... a gente tá aqui fazendo uma pesquisa... sobre gravidez na adolescência... como a senhora sabe... a gravidez na adolescência é um assunto bastante falado... bastante conhecido... então vamos começar... você acha que gravidez na adolescência é um problema de saúde pública?	<b>Entrevistador:</b> Boa tarde. Somos alunos do N.C.L, do 9º ano. Estamos fazendo uma pesquisa sobre gravidez na adolescência, assunto bastante discutido atualmente. Você acha que gravidez na adolescência é um problema de saúde pública?
<b>Entrevistada:</b> é... totalmente... de saúde pública...	<b>Entrevistada:</b> Sim, totalmente de saúde pública.
<b>Entrevistador:</b> por quê?	<b>Entrevistador:</b> Por quê?
<b>Entrevistada:</b> porque... eh... teoricamente falando... né?... eh ... hoje ... vinte e cin/vinte e cinco por cento... eu acho o número de <b>adoles/de</b> pessoas que engravidam... eu acho que vinte e cinco por cento... isso já é com pesquisas... <b>né?... é</b>	<b>Entrevistada:</b> Porque teoricamente falando, hoje, 25% das adolescentes engravidam, de acordo com as pesquisas. Atendemos com mais frequência adolescentes de famílias desestruturadas, infelizmente. São de famílias pobres e quanto mais pobres, mais o problema

de adolescentes ... infelizmente... **eh::...** o que a gente mais atende são adolescentes de famílias desestruturadas... infelizmente também de famílias pobres... quanto mais pobre... mais a gente tem esse problema... por quê?... porque não tem estrutura familiar... porque não tem conversa entre pai e filhos... porque a grande maioria é filha de pais separados... porque a mãe... **eh::...** ou trabalha fora ou também tem uma vida muito assim... **eh::...** como é que eu posso dizer... uma vida muito desequilibrada... normalmente a mãe... a adolescente que engravida já é filha... por coincidência ou não... de mãe que já foi adolescente que engravidou... também... **assim...** quando na adolescência... **eh::...** ou as amigas engravidam... **eh::...** isso eu acho que é porque... eu acredito... **né?... na** minha prática... do meu dia a dia... que... **assim ...** chega... sai da puberdade... entra na adolescência... quando entra na adolescência... parece que a parte hormonal... aguçada da parte sexual... **né?... muito** ativa... como não tem... um equilíbrio familiar e o mundo que você vive é muito assim... **eh::...** muito desequilibrado... não estudam... a maioria não quer estudar muito... então... aí... elas se entregam muito... a isso... olhe... eu tive adolescentes de nove anos grávidas... que nem menstruaram ainda... eu tive adolescentes... a última que eu peguei...

aumenta. Mas por quê? É um problema familiar, os pais não conversam com seus filhos e a maioria das mulheres é separada, ou trabalha fora de casa, tem uma vida desequilibrada. Geralmente a adolescente que engravida já é filha de mãe que passou pela mesma situação, coincidência ou não, ou as amigas passam pela mesma situação. Com minha prática, isso acontece por causa da puberdade, que aflora a sexualidade da adolescente. Há um enorme desequilíbrio familiar, muitas não querem estudar e acabam se entregando a essa situação. Chegam aqui adolescentes de 9 anos de idade, que nem menstruaram ainda, 11 anos, 17, 15. São muitos casos, já virou rotina. Geralmente essas jovens deixam de estudar, ficam analfabetas e não pensam no amanhã.

<p><b>assim...</b> dessas mais assim... <b>eh::...</b> de onze... dezessete é comum...quinze já é comum... já virou rotina... agora... as que mais me espantaram foram essas duas... estudar... provavelmente abdicam do estudo... <b>né?...</b> abdicam do estudo porque têm que criar... ficam analfabetas... e não pensam... não pensam... no dia do amanhã...</p>	
---	--

Fonte: Atividade realizada pelos alunos do G1

Na entrevista que compõe o *corpus* identificamos inúmeras ocorrências que são características de interações orais, como hesitações, truncamentos, marcadores conversacionais, entre outros. A eliminação dessas ocorrências, segundo Marcuschi (2010) é responsável por um enxugamento do texto em cerca de 20%. Este fenômeno tem por base a idealização linguística e é praticamente uma ação intuitiva, por isso os alunos não tiveram dificuldade em perceber essas marcas fônicas, que advêm de interações durante a fala, próprias das estruturas dialógicas, como *hesitações* “porque... **eh...** teoricamente falando...”, *marcadores conversacionais* “teoricamente falando... **né?**”, “também... **assim...** quando na adolescência...” e truncamentos “vinte e **cin/vinte** e cinco por cento...”, “eu acho o número de **adoles/de** pessoas que engravidam...”.

Assim, todos os grupos conseguiram facilmente eliminar ocorrências desse tipo, que apareceram com frequência ao longo da entrevista, principalmente as hesitações e marcadores conversacionais, consolidando a apropriação dessa operação pelos alunos. O receio da professora-pesquisadora era de que eles ficassem restritos a esse tipo de estratégia de eliminação, que seria consolidada com a 3ª operação, de condensação linguística.

Já a **segunda operação**, que tem como estratégia a introdução de pontuação, foi nitidamente favorecida com a realização da transcrição que, apesar de ter causado um certo estranhamento, inicialmente, pelo fato de sinais de pontuação não poderem ser inseridos, exceto a interrogação, e que as demais pausas deveriam ser marcadas pelo uso das reticências, serviu de base, principalmente para os alunos que não conheciam ou não recordavam as regras de pontuação. Notou-se, portanto, que os alunos entenderam a função da pontuação e como ela é importante para o entendimento do texto. Dessa forma, a professora-pesquisadora observou que

a intuição prevaleceu em relação ao conhecimento das regras de pontuação. Eles se sentiram mais confiantes em colocar os sinais de pontuação por ter sido uma tarefa em grupo, mediada pela professora e pelo fato da entonação e pausas da entrevistada terem ajudado nesse quesito. Essa pontuação inicial, no processo de retextualização, de acordo com Marcuschi (2010), segue o que sugere a prosódia, dando espaço para uma pontuação mais detalhada, na aplicação da quarta operação. Como exemplo podemos citar este trecho retextualizado pelos alunos “Geralmente a adolescente que engravida já é filha de mãe que passou pela mesma situação, coincidência ou não, ou as amigas passam pela mesma situação (.) Com minha prática, isso acontece por causa da puberdade, que aflora a sexualidade da adolescente”, no qual os alunos do G1 tinham colocado uma vírgula, inicialmente, deixando “...ou as amigas passam pela mesma situação (.) com minha prática...”. Foram observados pela professora-pesquisadora vários casos como esse, em que os sinais de pontuação colocados indevidamente. Esse amadurecimento, em muitos casos, só foi observado no estudo da quarta operação e com auxílio da professora.

Assim, apesar de alguns alunos terem tido dificuldade em distinguir o uso da vírgula e do ponto final, essa operação foi executada sem maiores dificuldades e, neste momento, eles também inseriram iniciais maiúsculas que, até então, na transcrição, só eram utilizadas para iniciar nomes próprios ou para demonstrar que a entonação era enfática.

**Quadro 19** – G2: Transcrição e retextualização da 2ª pergunta da entrevista com a enfermeira e sua respectiva resposta – observando a operação 3.

<b>Entrevistador:</b> e a nossa cidade Itabaiana... existe algum dado que comprove... esse aumento?	<b>Entrevistador:</b> Em Itabaiana – SE, existe algum dado que comprove esse aumento?
<b>Entrevistada:</b> a::... <b>a gente</b> ... no caso... enfermeiros de::... de::... saúde pública... <b>a gente</b> tem base... vamos supor... <b>eu</b> atendo... eh::... <b>eu</b> hoje estou na parte do Chiara... então são pessoas mais instruídas... então isso você reduz muito... <b>eu</b> tava trabalhando até alguns anos atrás na parte dali da Invasão... bairro São Cristóvão... <b>ali</b> é que é	<b>Entrevistada:</b> Nós, enfermeiros, que somos da saúde pública, temos uma base. Eu, hoje, atendo no bairro Chiara, então são pessoas mais instruídas e isso reduz muito o número de jovens grávidas. Já trabalhei no São Cristóvão, na época da invasão, que é um bairro pobre, então lá tem um número muito alto de pessoas com casos como esse. Tudo



<p>um número alto... então <b>ali</b> <b>você</b> tem... como <b>você</b> atende... <b>você</b> tem... eh:... que documentar... <b>você</b> tem que acompanhar... tem que documentar... então <b>você</b> tem como fazer mais... se <b>você</b> chegasse hoje... nas equipe do PSF... todas... todas as enfermeiras quando <b>você</b> faz a somatória... elas têm que ter a idade... né?... e a localização onde mora... se <b>você</b> for olhar... vamos supor... eu atendo Chiara... essa enfermeira atende a Invasão... aquela enfermeira atende Coruja... que são bairros mais assim... né? ...eh:... então <b>você</b> vai ver... que a mi/o meu número de/de gestantes reduz... e o número de idade aumenta... o dela aumenta em quantidade de pessoas e reduz na idade... então isso mostra que INFELIZmente a infraestrutura... educação e saúde é o que tá mais pesando...</p>	<p>deve ser documentado, acompanhado, pela equipe do PSF. Se compararmos, por exemplo, os dados do Chiara, que é um bairro mais instruído, com a Invasão e a Coruja, que são bairros mais pobres, percebe-se que o número de gestantes no Chiara é menor. Já nos outros dois, aumenta a quantidade e a idade diminui. Isso mostra que educação, infraestrutura e saúde são fatores determinantes.</p>
---	---

Fonte: Atividade realizada pelos alunos do G2

A **terceira operação** trata-se de estratégia de eliminação para uma condensação linguística, promovendo um “enxugamento do texto”. São retiradas reduplicações, redundâncias, paráfrases e pronomes egóticos em função de sujeito e repetições.

A repetição é a principal característica da oralidade e foi evidenciada durante a fala da entrevistada, como podemos observar em “a gente... no caso... enfermeiros de:... de:... saúde pública... a gente tem base...”, “ali é que é um número alto... então ali você tem... ... como você atende... você tem... eh:... que documentar... você tem que acompanhar...”. Os alunos conseguiram eliminar as repetições do texto-base sem modificar o conteúdo, incidindo somente sobre as reduplicações desnecessárias.

As redundâncias observadas, como em “como você atende... você tem... eh:... que documentar... você tem que acompanhar... tem que documentar...” refletem a intenção da entrevistada em tentar assegurar que o interlocutor está compreendendo o assunto abordado,

visto que pode não ser de sua área de conhecimento, ou seja, a presença de redundâncias ao longo da entrevista, muitas vezes, é de suma importância para o sucesso da interação. No entanto, esse excesso resultaria em um texto que não preza a simplicidade e concisão, que são essenciais em um texto escrito, a depender do gênero, pois além de reduzir o volume de linguagem, torna o texto escrito “limpo”, claro, objetivo.

Outra redundância verificada ao longo da entrevista foi o uso de pronomes egóticos (eu, nós) em função de sujeito, que devem ser eliminados, pois o morfema verbal já marca a pessoa do verbo. No entanto, nem sempre os alunos se atentaram em retirá-los. Neste trecho, por exemplo, em que primeiro está demonstrada a transcrição e, em seguida, a retextualização, o primeiro pronome egótico (eu) foi mantido

**Quadro 20** Terceira operação: verificando pronome egótico

TRANSCRIÇÃO	RETEXTUALIZAÇÃO
“ <b>eu</b> atendo... eh::... <b>eu</b> hoje estou na parte do Chiara... então são pessoas mais instruídas... então isso você reduz muito... <b>eu</b> tava trabalhando até alguns anos atrás na parte dali da Invasão... bairro São Cristóvão...”	“ <b>Eu</b> , hoje, atendo no bairro Chiara, então são pessoas mais instruídas e isso reduz muito o número de jovens grávidas. Já trabalhei no São Cristóvão...”

Fonte: Elaborado pela autora

**Quadro 21** G4 – Transcrição e retextualização de trecho da 6ª pergunta da entrevista com a enfermeira e sua respectiva resposta – observando a operação 4

<b>Entrevistador:</b> o ideal... o ideal seria... postergar o início precoce da vida sexual?	<b>Entrevistador:</b> O ideal é adiar o início da vida sexual?
<b>Entrevistada:</b> eu acho isso muito complexo... eu acho... eu... eu... eu... acho que SIM... não... eu acho que a gente teria que... nessa/nesse compromisso de ir à escola... tentar... eh::... orientar... quanto	<b>Entrevistada:</b> Eu acho que sim, apesar de bem complexo. Nós, da saúde, deveríamos ir às escolas e orientar vocês, pois essa gravidez indesejada, imatura, geralmente acontece em famílias mais pobres, o que piora a situação,

<p>mais tardio... isso... melhor pra vocês... entendeu?... porque... se/tem que ter maturidade na hora que isso acontecer... então tá acontecendo sem maturidade... consequentemente... essa gravidez indesejada... não todos os casos... mas a gente vai... eh... quanto mais... pobre... maior esse problema... né?... quanto mais pobre... maior o problema... e quanto/quando isso acontece... mais problema vai vir... porque você vai ter mais um ser... pra acrescentar na sua vida... então muita coisa como vai ser... é bloqueada na sua vida... no caso... eu acho que você tem que ter essa maturidade... então é a hora da gente ir.... tentar... fazer com que retarde esse processo do adolescente... porque você namorar... você criar vínculo... é uma coisa... mas você... fazer uma família... sem estrutura... pelo amor de Deus...</p>	<p>pois é mais um ser para sustentar e a jovem vai ter que renunciar muita coisa. Devemos fazer nossa parte e tentar retardar esse processo. Os jovens podem namorar, mas constituir uma família sem estrutura não é o caminho.</p>
---	---

Fonte: Atividade realizada pelos alunos do G4

A **quarta operação** prevê a introdução de paragrafação e pontuação mais detalhada. Os alunos já haviam introduzido a pontuação, observando a estratégia da segunda operação, baseados principalmente pela entoação da entrevistada; dessa forma, o ponto de interrogação no final de frases interrogativas diretas já havia sido colocado corretamente, mas, em alguns casos, eles não conseguiam distinguir o uso do ponto final e da vírgula. Portanto, a professora-pesquisadora percebeu que era necessário revisar as regras de pontuação e reservou uma aula para observar com os alunos as principais regras. Este reforço, de fato, auxiliou os alunos a terem maturidade linguística em relação ao uso dos sinais de pontuação e perceber os “erros” que haviam cometido. Nesse momento, eles também observaram se necessitaria inserção de parágrafos no texto, o que não ocorreu, pois não houve necessidade de agrupação de um novo

grupo temático, mantendo-se, assim, a estrutura do texto-base, o par pergunta e resposta.

No exemplo acima, observamos como os educandos, através da retextualização, conseguiram obter sucesso nesse quesito, principalmente em relação ao uso da vírgula, que exerce várias funções, marcando pausas no enunciado e indicando que os termos separados por ela, apesar de estarem na mesma oração, não formam uma unidade sintática. Em “Eu acho que sim, apesar de bem complexo”, o uso da vírgula foi corretamente pontuado, por separar uma oração coordenada sindética adversativa. Outro uso da vírgula para separar uma adversativa foi verificado em “Os jovens podem namorar, mas constituir uma família sem estrutura não é o caminho”. Ao longo da entrevista, tanto a oração coordenada adversativa quanto adverbiais causais aparecem com frequência. A professora-pesquisadora indagou aos alunos porque eles achavam que tal fato ocorreu. Eles afirmaram que a “a enfermeira estava explicando sobre muitas coisas, principalmente como evitar a gravidez”, então a professora confirmou que essa entrevista jornalística teve caráter explicativo, já que a enfermeira tinha conhecimento científico sobre a temática abordada e as perguntas realizadas pelos entrevistadores (alunos) tendenciavam a uma explicação. Assim, a separação do apostro explicativo foi evidenciada em “Nós, da saúde, deveríamos...”, bem como isolar termos explicativos, como “...ir às escolas e orientar vocês, pois essa gravidez indesejada, imatura, geralmente acontece em famílias mais pobres...”.

Os educandos também revelaram consciência em relação ao uso do chamado ponto simples ou ponto de seguimento, percebendo que o encadeamento de períodos simples ou composto em um texto é separado com a inserção de um ponto. Assim, foi notada a necessidade de inserir um ponto final ao indicar o final de uma frase declarativa, como em “Eu acho que sim, apesar de bem complexo. Nós, da saúde...” e para separar períodos “Devemos fazer nossa parte e tentar retardar esse processo. Os jovens podem namorar, mas constituir uma família sem estrutura não é o caminho”.

As operações até então analisadas seguem as regras de regularização e idealização, que se caracterizam pelas estratégias de eliminação e inserção. São consideradas menos complexas, pois “Ainda não se introduz, nesses casos, uma transformação propriamente[...]” (MARCUSCHI, 2010, p. 74) e são, no entanto, realizadas quase espontânea e intuitivamente.

As cinco operações analisadas a seguir, que fazem parte do grupo de transformação, com estratégias de reformulação e construção, são consideradas mais complexas “São propriamente as que caracterizam o processo de *retextualização* e envolvem mudanças mais acentuadas no texto-base” (MARCUSCHI, 2010, p. 74-76).

**Quadro 22** G4 – Transcrição e retextualização de trecho da 6ª pergunta da entrevista com a enfermeira e sua respectiva resposta – observando a operação 5.

<p><b>Entrevistador:</b> como é possível diminuir o número de gestação na adolescência... e consequentemente de jovens que têm doenças sexualmente transmissíveis?</p>	<p><b>Entrevistador:</b> É possível diminuir o número de gestação na adolescência e, consequentemente, os casos de DST?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> eu acho que através da educação... eu acho que a... que tá faltando mais compromisso... eu não vou generalizar ...assim... profissionais não... viu?... eu acho que tá faltando mais compromisso dos profissionais... principalmente da:... da área da prevenção... que no caso é saúde pública... eu sou saúde pública... AMO saúde pública... entendeu?... mas assim... tá faltando mais compromisso... a gente precisava mais formar grupo... médico... enfermeiro... o técnico da equipe... os agentes de saúde... e visitar mais as escolas... e... e... fazer palestras... eu acho que tá faltando isso... tá faltando...tá faltando o que não tem em casa... infelizmente... tentar... tem que tentar fazer isso nas escolas... porque a gente sabe... se... aonde tá acontecendo mais isso é onde não tem diálogo... tem que levar <b>esse</b> diálogo pra a escola... já que você tá indo para a escola AINDA... você tá conseguindo trazer <b>esse</b> adolescente pra escola... tá faltando a gente ir pra <b>lá</b> e</p>	<p><b>Entrevistada:</b> Eu acho que sim, através da educação. Está faltando mais compromisso dos profissionais, principalmente da área da prevenção, da saúde pública. Eu trabalho na saúde pública, amo, mas é necessário nos unirmos, médicos, enfermeiros, agentes de saúde, o técnico da equipe. É preciso visitar as escolas, fazer palestras, faltando o que não tem em casa, que é diálogo. Deve haver diálogo na escola, está faltando um feedback, compromisso.</p>

ter esse feedback... entendeu?... tá faltando isso... eu acho que é compromisso... o que tá faltando...	
---	--

Fonte: Atividade realizada pelos alunos do G4

A **quinta operação** sugerida por Marcuschi (2010) trata de estratégia de reformulação objetivando explicitude. Nela, iniciam-se os processos de transformação, através da introdução de marcas metalinguísticas para referenciação de ações e verbalização de contextos expressos por dêiticos. Aplicam-se, assim, atividades de reorganização e substituição de natureza pragmática e morfossintática.

O texto em análise revelou certa dificuldade dos educandos em relação à aplicação dessa operação, que praticamente não foi observada ao longo de toda entrevista. Os alunos perceberam que na entrevista realizada com a atriz Camila Pitanga, essa operação foi mais evidenciada; refletiram, então, que esta entrevistada, em sua fala, utilizou-se do contexto físico para detalhar os fatos, expresso com frequência por dêiticos como “aqui”, “ali”, “lá”, o que praticamente não ocorreu com a entrevista com a enfermeira.

O texto transcrito do Quadro 29 revela a utilização de dêiticos pela entrevistada (enfermeira), como percebido em “... aonde tá acontecendo mais isso é onde não tem diálogo... tem que levar esse diálogo pra a escola...”, na qual os alunos, ao retextualizarem, apresentaram regularidade linguística, preservando as informações expressas pelos dêiticos e eliminando-os completamente, tornando-o da seguinte forma “Está faltando mais compromisso dos profissionais, principalmente da área da prevenção, da saúde pública”, no qual o “isso” se refere à falta de compromisso dos profissionais. Já o “esse” foi substituído, mantendo a informação, através da explicação de que o diálogo deve ocorrer nas escolas, já que em casa raramente ocorre, retextualizado da seguinte maneira “É preciso visitar as escolas, fazer palestras, faltando o que não tem em casa, que é diálogo”. Outro dêitico foi identificado em “...tá faltando a gente ir pra lá e ter esse feedback...”, no qual o “lá”, adjunto adverbial de lugar, indica o local, a escola, assim, o texto retextualizado ficou “Deve haver diálogo na escola, está faltando um feedback...”.

**Quadro 23** G5 – Transcrição e retextualização de trecho da 8ª pergunta da entrevista com a enfermeira e sua respectiva resposta – observando a operação 6.

<p><b>Entrevistador:</b> que tipo de assistência médica essa jovem adolescente recebe ao procurar um atendimento médico público?</p>	<p><b>Entrevistador:</b> Que tipo de assistência médica essa jovem adolescente recebe ao procurar um atendimento médico público?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> bem... quando ela chega na unidade de saúde... eh::... ela é encaminhada PRIMEIRO pra o enfermeiro... eh::... por quê? ...porque é preciso ter a assistência ((ruído)) da gente... e é preciso ter ...eh::... pra assistência... pra assistência à adolescente... a qualquer gestante... por quê?... porque a adolescente... a gestante... ela tem que ter a assistência... vamos supor... aos nove meses... uma consulta com o enfermeiro... uma com o médico... uma com o enfermeiro... uma com o médico... A GENte como enfermeiro... é um pouco de psicólogo pra elas... elas têm MUI/MUITA confiança ... a gente atende de uma forma mais delicada... a gente conversa... mede barriga... ouve neném... o médico ele é mais... ele é mais seco... ele é mais cru... ele é mais direto... "tá bem?" "tá bom?"... sabe... então... a gente já... eu acho que já o dia a dia... faz/traz... a gente traz essa paciente pra gente... que faz questão de vim... aí se precisar... pronto... ela teve uma gravidez indesejada... ela é uma adolescente... ela tem quinze anos... não queria... aconteceu... então... tem</p>	<p><b>Entrevistada:</b> Quando chega à unidade de saúde, a jovem é encaminhada para o enfermeiro, que também atua como um psicólogo para elas. Ganhamos muita confiança, atendemos com mais cuidado, conversamos, ouvimos o bebê, medimos a barriga. Já o médico é mais seco, mais frio. Nós conquistamos a paciente, que se sente à vontade, faz questão de vir. A jovem teve uma gravidez indesejada, está precisando de apoio, então também temos psicólogos na rede. Através de um documento padronizado, encaminhamos contando a história ou, até mesmo, conversamos com esse profissional e até com o obstetra, que são imprescindíveis. Não temos esse problema. Elas têm assistência integral de psicólogo, enfermeiro e médico.</p>

<p>psicólogo na rede?... sim... se essa paciente precisar de assistência ou a família precisar de assistência... tem o psicólogo na rede... aí a gente faz o quê?... faz... isso já existe um documento... né?... já padronizado... a gente encaminha com a história... se tiver acesso a psicóloga conta a conversa com a psicóloga... conta o que tá acontecendo pra essa paciente ficar vindo pra gente... e pra ela... e pra o médico... ele é imprescindível também... ele é obstetra... ele é imprescindível... então... com relação a essa parte dessa assistência integral à paciente... isso a gente não tem problema não... psicólogo... enfermeiro e médico... não tem problema...</p>	
---	--

Fonte: Atividade realizada pelos alunos do G5

A **sexta operação** complementa a anterior e refere-se à estratégia de reconstrução em função da norma escrita. Não podemos ignorar que o texto escrito deve seguir regras, como afirma Marcuschi (2010, p. 68), “[...] no plano do código, em cada uma dessas realizações observar-se-á o aspecto fonético-fonológico, morfossintático e lexical, já que não se pode ignorar que a língua tem regras”. Assim, os alunos deveriam ficar atentos às estruturas truncadas, noções de completude, regência e concordância, de acordo com as regras da escrita, reordenação sintática e encadeamentos. No exemplo do Quadro 30, observamos como o texto ficou mais “enxuto” após essa estratégia. A professora-pesquisadora observou que alguns alunos, principalmente os que não possuem domínio das regras da norma padrão, sentiram mais dificuldade para reconstruir o texto. No entanto, como a atividade foi em conjunto, eles iam se ajudando e compensando as deficiências apresentadas, até obter o resultado final, com êxito.

A análise da retextualização demonstrou que os educandos realizaram variadas estratégias para tornar o texto escrito normatizado. A primeira observação dos alunos foi que a entrevistada usava com frequência a expressão “a gente”, que não está em desacordo com a



norma padrão, mas estilisticamente ficaria melhor se substituída por termos equivalentes “... isso a gente não tem problema não... psicólogo... enfermeiro e médico... não tem problema...”, retextualizado, o sujeito ficou oculto e identificado pela desinência verbal de primeira pessoa “Não temos esse problema. Elas têm assistência integral de psicólogo, enfermeiro e médico”.

Na modalidade oral é comum a ausência de conectivos e os alunos, em diversos momentos, precisaram adicioná-los, como em “... bem... quando ela chega na unidade de saúde... eh::... ela é encaminhada PRIMEIRO pra o enfermeiro... eh::... por quê? ...porque é preciso ter a assistência ((ruído)) da gente... e é preciso ter ...eh::... pra assistência...”, ao retextualizar, os alunos inseriram o pronome relativo “que” para dar completude ao texto “Quando chega à unidade de saúde, a jovem é encaminhada para o enfermeiro, que também atua como um psicólogo para elas”.

Esta operação também visa ao preenchimento de frases inacabadas, muito presentes em textos orais. Ao retextualizar o texto transcrito, a professora-pesquisadora observou que os alunos não completaram frases desse tipo, talvez por achar desnecessário ou por não conseguir reorganizá-la sintaticamente. A exemplo, observamos um trecho com informação incompleta e que ao retextualizá-lo, os alunos ocultaram essa informação “vamos supor... aos nove meses... uma consulta com o enfermeiro... uma com o médico... uma com o enfermeiro...”

**Quadro 24** G3 – Transcrição e retextualização de trecho da 4ª pergunta da entrevista com a enfermeira e sua respectiva resposta – observando a operação 7.

<b>Entrevistador:</b> que fator você acredita ser crucial para a gravidez precoce?... a falta de informação... ou a falta de responsabilidade?	<b>Entrevistador:</b> Que fator você acredita ser crucial para a gravidez precoce, a falta de informação ou a falta de responsabilidade?
<b>Entrevistador:</b> ave Maria... eu acho que é falta de informação... eu acho que quando a adolescente hoje se torna adolescente... que a gente hoje considera adolescência... de dez a menor de vinte... né?... que são vinte anos incompleto... no caso... eu acho que... ela não tem... às	<b>Entrevistador:</b> Acho que é a falta de informação. Quando a jovem chega à adolescência, que é de 10 a 20 anos incompletos, ela não pensa nesse assunto. Não tem consciência e a gravidez precoce é um ato inconsequente que a privará de muitas coisas e não é bom para o futuro. Ela pode se empolgar

<p>vezes...né? ... não tem muita consciência... do:... do que é uma gravidez precoce... que:... aquela... aquele ato... né?... in/inconsequente... vai lhe dar sérios problemas amanhã... vai privar... eu acho que a palavra é essa... vai privar você de MUITA coisa... na sua vida... “hoje eu me empolgo com você ... eu sou bonita... sou jovem... desinformada”... mas aí acontece um problema desse e:... e as consequências futuras são grandes... você... não/num... talvez... né?... não conclua um estudo...sei lá... ensino médio... num sei onde que a pessoa tá... em que época da fase da vida... você não conclui estudo... você:... eh:... eu não sei dizer a palavra... peraí... às vezes... eu acho que de uma forma... nem é só às vezes... eu acho que é de uma forma geral... você pode perceber que essa falta de informação são em famílias onde existem pais separados... violência doméstica... eh:... uma grande maioria vive em um mundo de drogas... onde... onde aquele mundo é o mundo que ela conhece... eh:...e... estudos... estudos.... já comprovaram que... onde pais trabalham... onde existe religiosidade... e onde existe comunicação familiar... principalmente nessa parte sexual... a redução do número de gravidez precoce é muito maior... família desequilibrada... violência doméstica... eh:... ambiente</p>	<p>por ser bonita, jovem, mas não tem informação e uma gravidez indesejada pode trazer graves consequências, como não concluir os estudos. Percebe-se que essa falta de informação ocorre com mais frequência em famílias de pais separados, onde tem violência doméstica e drogas. Estudos comprovam que em famílias na qual os pais trabalham, existe religiosidade e comunicação familiar, principalmente em relação à sexualidade, há redução de gravidez precoce. De 39% das adolescentes que engravidam, só 30% voltam para a escola e ainda com atraso, pois tem que criar o filho. Elas alegam que as mães não podem ajudá-las. Somente 9% delas voltam a estudar e isso é muito sério.</p>
---	---

<p>onde existe... como eu tava falando... a parte assim de drogas... isso daí é mais comum onde você percebe isso... trinta e nove por cento desse meio... onde essas crian/essas adolescentes engravidam... trinta por cento voltam pra escola... quando voltam é atrasada... tem o problema que tem o filho em casa... “minha mãe não pode cuidar”... falta às aulas... e nove por cento não voltam a estudar... isso é sério... entendeu? ... isso não é brincadei/... isso aqui é em qualquer lugar... a gente tá generalizando porque já são pesquisas feitas... e isso é triste pra vocês hoje... nove por cento de vocês (vão) voltar a estudar... e trinta por cento voltando... o estudo atrasado... isso não é legal... né?...</p>	
--	--

Fonte: Atividade realizada pelos alunos do G3

A **sétima operação** trata-se de uma estratégia de substituição, refere-se ao tratamento estilístico com seleção de novas estruturas sintáticas e novas opções léxicas visando a uma maior formalidade. Essa operação requer do aluno, além de um vasto vocabulário, uma boa compreensão do texto a ser retextualizado, já que, de acordo com Marcuschi (2010, p.86) “[...] *para transformar é necessário compreender o texto*. Contudo, uma não compreensão não impede a retextualização, mas pode conduzir a uma transformação problemática, chegando ao falseamento”.

Percebeu-se a aplicação dessa operação, pelos alunos, através da seleção de uma nova estrutura sintática, mudando o tipo do discurso direto para o indireto, forma de representação da fala do interlocutor pela entrevistada, como observamos na transcrição do trecho “[...]“hoje eu me empolgo com você ... eu sou bonita... sou jovem... desinformada”...”, na qual a entrevistada fala se apropriando da jovem adolescente que engravida, em primeira pessoa; já na transcrição, os alunos mudam o discurso da entrevistada para a terceira pessoa “Ela pode se

empolgar por ser bonita, jovem, mas não tem informação e uma gravidez indesejada pode trazer graves consequências”.

Observou-se, também, a busca de uma maior formalidade através de tratamento estilístico com a seleção de uma nova estrutura sintática, como em “[...]você pode perceber que essa falta de informação são em famílias onde existem pais separados...” retextualizado em “Percebe-se que essa falta de informação ocorre com mais frequência em famílias de pais separados...”. Outro exemplo observado foi “[...]trinta e nove por cento desse meio... onde essas crian/essas adolescentes engravidam... trinta por cento voltam pra escola... quando voltam é atrasada... tem o problema que tem o filho em casa...” retextualizado em “De 39% das adolescentes que engravidam, só 30% voltam para a escola e ainda com atraso, pois tem que criar o filho.”

Além de ocorrer uma nova estrutura sintática, uma nova opção lexical também foi identificada “quando a adolescente hoje se torna adolescente”, os alunos modificaram a palavra adolescente para “jovem” e adolescente para “adolescência”, tornando o texto “Quando a jovem chega à adolescência...”; também em “principalmente nessa parte sexual...” transformando em “principalmente em relação à sexualidade” e “... isso não é legal...” por “isso é muito sério”, demonstrando um satisfatório domínio dos alunos das estratégias envolvidas nessa operação ao longo de toda a entrevista.

**Quadro 25** G6 – Transcrição e retextualização de trecho da 10ª pergunta da entrevista com a enfermeira e sua respectiva resposta – observando as operações 8 e 9.

<p><b>Entrevistador:</b> os profissionais de saúde estão preparados para essa questão de gravidez na adolescência?... será que muitas vezes eles não tratam essas adolescentes com preconceitos e julgamentos?</p>	<p><b>Entrevistador:</b> Os profissionais de saúde estão preparados para essa questão de gravidez na adolescência? Eles julgam e têm preconceito?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> olhe... eu acho que isso é muito pessoal... porque existem profissionais e profissionais... PREparado... não sei se a palavra é essa... a gente não é preparado pra trabalhar... mas a gente hoje... tá virando uma</p>	<p><b>Entrevistada:</b> Eu acho muito pessoal e <b>estamos aqui para somar</b>. Porque existem profissionais e profissionais e já virou rotina e somos obrigados a estarmos preparados. Está faltando mais compromisso para lidar</p>

<p>rotina tão GRANde... que você é obrigado a estar preparado... entendeu?... pra cui/cuidar... eu acho que a palavra é um pouco disso... cuidar dessas adolescentes... eu só acho que tá faltando mais compromisso... com alguns... pra lidar melhor com essa situação... eh::... a gente não vai consertar o mundo não... mas se existisse um/uma... eu não sei se... eh... ( ) se existisse eu acho que união... um/uma... um diálogo... eh:: ...se... se... chegasse assim... eh... ( ) se as equipes se unissem mais... pra poder trabalhar melhor... pra poder as ideias fluírem melhor... eu ter uma ideia... você ter outra... e a gente trabalhar numa forma ma::is somada... eu acho que a coisa poderia fluir mais... preconceito e julgamento eu acho que a gente não pode e nem deve fazer... a gente não tá aqui pra fazer isso... julgar... ter preconceito... não... <b>a gente tá aqui pra ajudar e somar...</b> "o que é que eu posso fazer por você?"... é isso?... então vamos fazer isso... certo?</p>	<p>com essa situação. Não podemos consertar o mundo, mas deve haver mais união, diálogo, as equipes se unirem para as ideias fluírem. Preconceito e julgamento não podemos e nem devemos ter. Estamos aqui para somar.</p>
---	--

Fonte: Atividade realizada pelos alunos do G6

De acordo com Marcuschi (2010, p. 86), as operações 8 e 9 são interligadas, sendo que as diferencia o fato da **nona operação** tendenciar a reduzir o texto, mas não apenas resumi-lo, como foi explicado aos alunos, quando fizeram a atividade de retextualização da entrevista da atriz Camila Pitanga, mas sim “enxugar” o texto, sem retirar informações, apenas regularizando a linguagem através da eliminação de elementos típicos da fala, por exemplo. Segundo esse autor, a **oitava operação** é realizada em textos mais complexos, como artigos de divulgação científica, e exige alto domínio da escrita. Sendo assim, essas operações, principalmente a oitava, pouco foi evidenciada na retextualização da entrevista, realizada pelos alunos.

Nesta operação, houve manutenção dos argumentos utilizados na transcrição, ocorrendo

apenas uma reordenação da ideia para que ocorresse uma melhor sequenciação “... a gente tá aqui pra ajudar e somar...”, apresentada no final do texto transcrito e antecipada para o início do texto “Eu acho muito pessoal e estamos aqui para somar”, reforçando, já no começo da resposta, a ideia de que os profissionais de saúde devem estar unidos para resolver tal problemática, possibilitando ao leitor uma percepção mais próxima da interação entre entrevistadores e entrevistada.

Analisando a **nona operação** e observando o exemplo do Quadro 32, houve uma perceptível redução no volume da linguagem do texto transcrito da modalidade oral para o texto retextualizado para a modalidade escrita. No entanto, os alunos mantiveram as informações, agrupando-as e eliminando as repetições de informações, como em “... porque existem profissionais e profissionais... PREparado... não sei se a palavra é essa... a gente não é preparado pra trabalhar... mas a gente hoje... tá virando uma rotina tão GRANde... que você é obrigado a estar preparado... entendeu?...”, ao retextualizar, os alunos retiraram informações repetidas, condensando as ideias e mantendo o sentido “... porque existem profissionais e profissionais e já virou rotina e somos obrigados a estarmos preparados”.

Finalizada esta etapa de retextualização, que superou a expectativa inicial, a professora-pesquisadora pôde perceber que nem todos os alunos demonstraram domínio de todas operações, mas que a produção do texto final apresenta um amadurecimento linguístico dos educandos em relação à produção textual escrita.

Ao final, foi realizada uma comparação dos textos na modalidade oral e do retextualizado para a modalidade escrita, na qual os alunos evidenciaram que o texto escrito perde muitas características da língua falada e mostraram-se satisfeitos em relação às transformações que realizaram durante todo o processo. Assim, entregaram à professora a primeira edição da entrevista, por e-mail e digitada e, a versão final, foi concretizada em conjunto com todos os alunos para, então, ser publicada na página de rede social da escola.

#### 6.4 APRESENTAÇÃO DA ENTREVISTA À COMUNIDADE ESCOLAR

Após a retextualização da entrevista, realizada pelos alunos, uma culminância foi organizada para a apresentação da entrevista à comunidade escolar. Alunos e professores, que estavam na escola no turno vespertino, foram convidados ao pátio, no qual a professora-pesquisadora fez um breve relato do que se tratava o projeto, sobre os envolvidos, a temática gravidez na adolescência e o objetivo final, que era desenvolver no aluno as capacidades necessárias para melhoria da produção textual escrita, bem como que fossem capazes de

identificar como as modalidades oral e escrita da língua se articulam nas práticas de linguagem.

Na ocasião, dois alunos relataram como foi a experiência, seus posicionamentos diante do que foi estudado e desenvolvido durante todo o projeto de ensino executado. Foi gratificante perceber que as aulas de Língua Portuguesa, durante aqueles meses, tornaram-se mais prazerosas e que aquele árduo trabalho teve um resultado satisfatório. Para aprofundar o debate, a professora convidou uma psicóloga para palestrar acerca da temática, bem como uma jovem que havia estudado naquela instituição escolar para dar depoimento das mudanças ocorridas na sua vida por conta de uma gravidez indesejada, na adolescência.

Ao final do encontro, dois alunos fizeram uma simulação da entrevista realizada, na qual um aluno fez papel de entrevistador e uma aluna fez papel da enfermeira (entrevistada). Assim, a comunidade escolar teve acesso à entrevista realizada, na modalidade oral, e ao mesmo tempo foi informado que a entrevista, na modalidade escrita, seria disponibilizada na página do *Facebook* da escola, para que todos tivessem acesso.

Na aula consequente à culminância, um questionário avaliativo, com perguntas, na grande maioria, objetivas, foi entregue aos alunos para que pudessem registrar suas opiniões acerca do trabalho realizado. Esse questionário foi de suma importância para consolidar o projeto e a professora-pesquisadora pôde ratificar o resultado satisfatório.

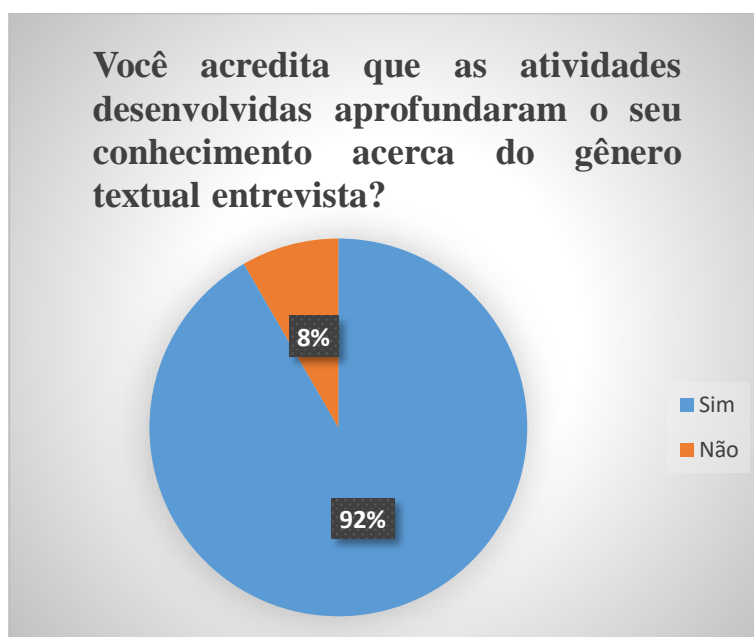
No tópico subsequente serão expostos os resultados desse questionário, através de gráficos.

## 6.5 QUESTIONÁRIO AVALIATIVO

Para finalizar o trabalho, um questionário avaliativo (Apêndice III) foi entregue aos alunos, no qual a professora-pesquisadora, através de questionamentos, predominantemente de caráter objetivo, pôde fazer uma última análise, quantitativa e qualitativa, sobre as impressões que os alunos obtiveram acerca do trabalho realizado. Neste dia estavam presentes todos os alunos, 36, e este questionário serviu, sobretudo, para constatar a importância do estudo dos gêneros discursivos nas aulas de Língua Portuguesa, as quais precisam ser mais dinâmicas, e que oralidade e escrita devem ser valorizadas nessas aulas, bem como foi constatado que atividades de retextualização contribuem para a melhoria da tessitura textual dos alunos.

Dessa forma, iremos apresentar as impressões obtidas através das respostas dos alunos e estes dados podem ser melhor visualizados através dos gráficos a seguir:

**Gráfico 11** – Questionário avaliativo – Pergunta 01

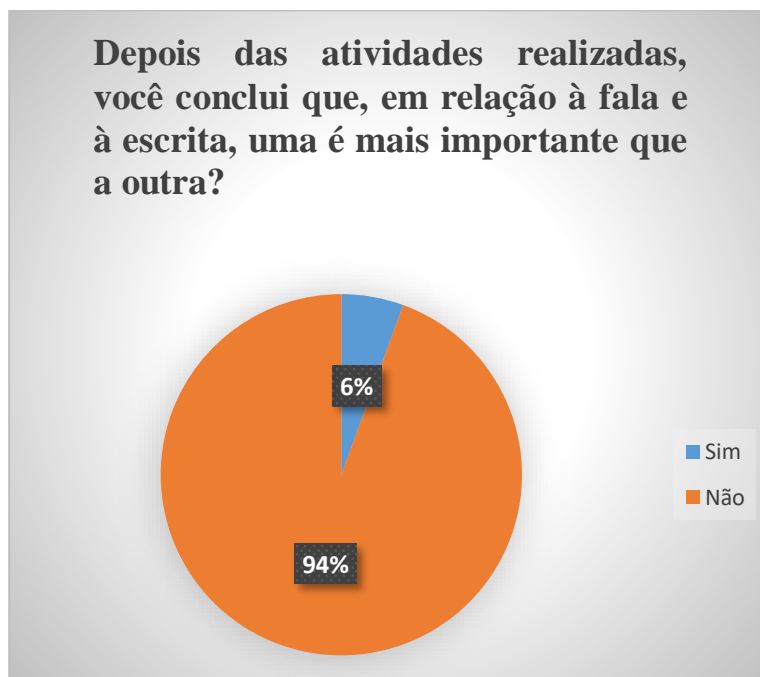


Fonte: Elaborado pela autora

As respostas da primeira pergunta deixaram a professora-pesquisadora satisfeita, pois concretizaram que as atividades realizadas surtiram efeito, pois muito mais do que apenas conhecer e ter contato com o gênero entrevista, como dito pelos alunos no questionário investigativo, houve um aprofundamento do estudo desse gênero sociodiscursivo. 33 dos 36 alunos que responderam ao questionário afirmaram que as atividades foram de suma importância para essa compreensão e, com certeza, esse entendimento refletiu em todo andamento do projeto.

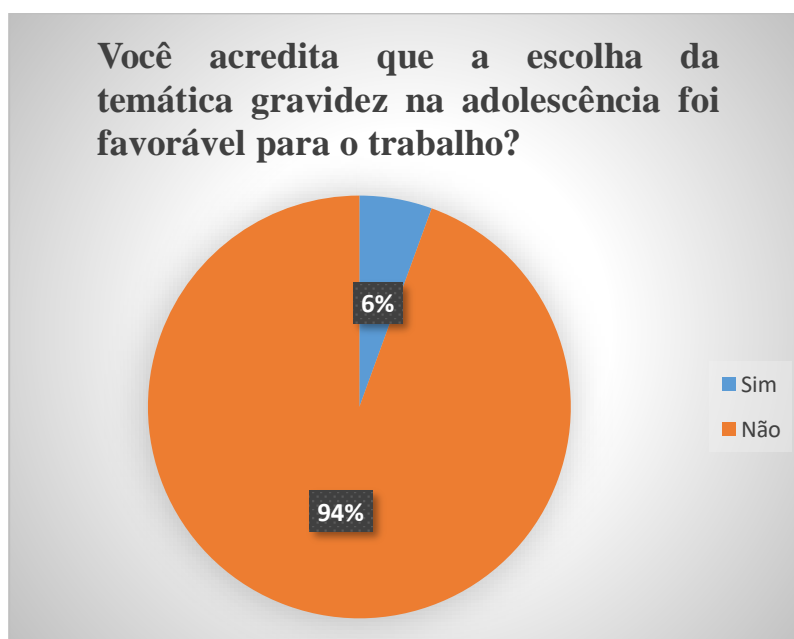


**Gráfico 12** – Questionário avaliativo – Pergunta 02



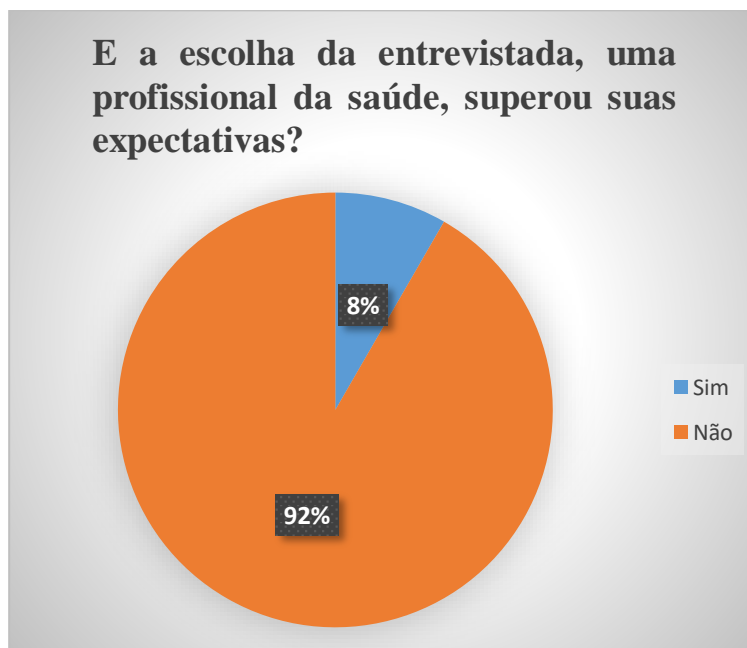
Fonte: Elaborado pela autora

A segunda pergunta já havia sido realizada no questionário investigativo, no qual, naquele momento, dos 33 alunos presentes, oito afirmaram uma modalidade ser mais importante que a outra. Agora, ao final das atividades, apenas dois alunos ainda acreditam que há uma hierarquia de importância. A professora-pesquisadora constatou que os alunos tiveram consciência de que falar e escrever são maneiras diferentes de se pronunciar numa interação social, como afirma Marcuschi (2010, p. 37) “[...] *as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do continuum tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos opostos*”.

**Gráfico 13** – Questionário avaliativo – Pergunta 03

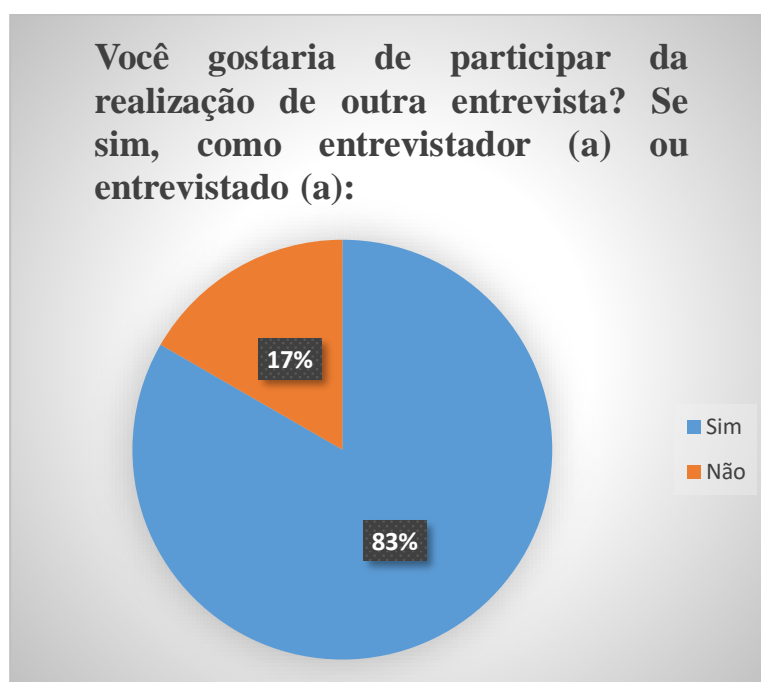
Fonte: Elaborado pela autora

Essa pergunta buscava confirmar se a temática escolhida foi atrativa ao longo das atividades, pois, inicialmente, falas como “esse assunto nós já sabemos muito” e “todos professores falam sobre isso” causou um certo desânimo na pesquisadora. Mas, como já dito, ao assistirem ao primeiro documentário e durante todo o processo da entrevista, a professora percebeu que os alunos estavam cada vez mais inteirados do assunto e com vontade de obter mais informações, o que foi ratificado nesta pergunta do questionário avaliativo, em que apenas dois alunos afirmaram que a temática gravidez na adolescência não foi favorável para o trabalho.

**Gráfico 14** – Questionário avaliativo – Pergunta 04

Fonte: Elaborado pela autora

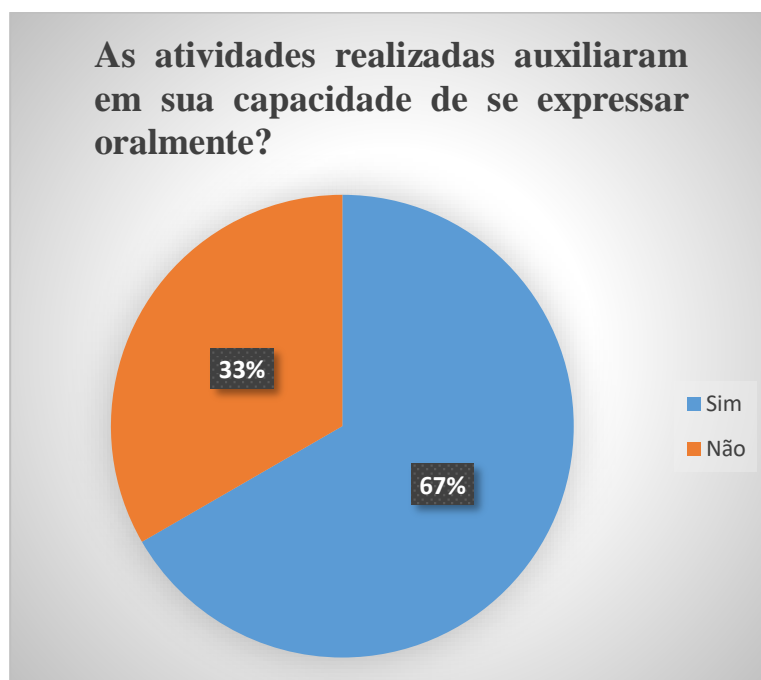
A quarta pergunta tinha por objetivo verificar se o fato da entrevistada ser uma profissional da área de saúde superou as expectativas dos alunos, pois, anteriormente, no questionário investigativo, houve uma relevante dúvida entre a entrevista ser realizada com um profissional da área de saúde ou psicológica. No entanto, finalizado o projeto, apenas três alunos afirmaram não estarem satisfeitos e, em conversa informal, uma aluna disse que “foi muito proveitoso, aprendemos coisas que não sabíamos e tenho certeza de que a entrevista com a enfermeira será mais interessante para ser lida pelos demais alunos”.

**Gráfico 15** – Questionário avaliativo – Pergunta 05

Fonte: Elaborado pela autora

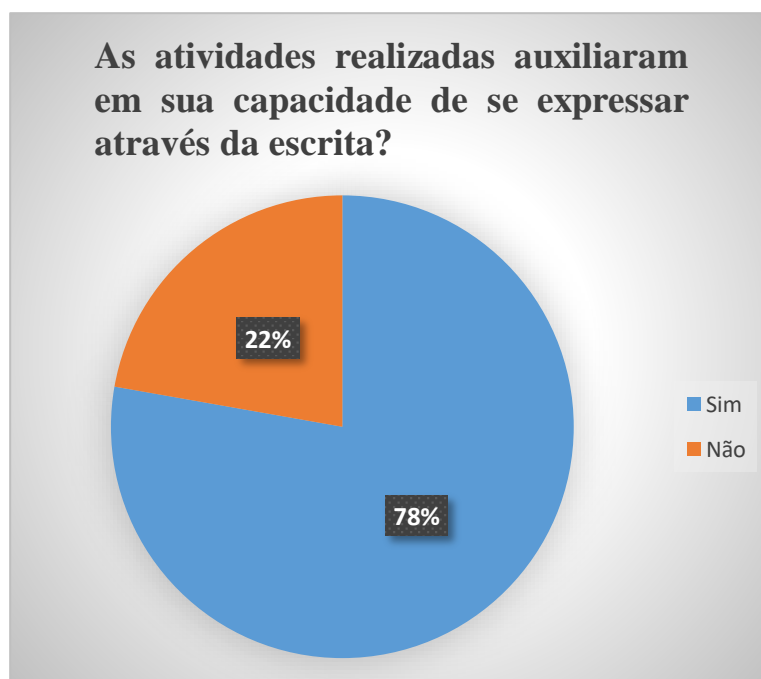
A quinta pergunta demonstrou o que já havia sido observado ao longo da realização da entrevista. Os alunos ficaram eufóricos em dominar a temática, elaborar as perguntas e, mais ainda, em realizar a entrevista, apesar de nem todos terem participado diretamente de todas as etapas. Dos 36 alunos, 30 afirmaram que gostariam de participar da realização de outra entrevista, sendo que, destes, 22 no papel de entrevistador e 08, de entrevistado. Apenas seis alunos disseram não ter interesse em participar, o que demonstra que tanto a oralidade quanto a escrita foram aguçadas pela maioria dos alunos durante essas atividades, como veremos nos resultados dos gráficos 6 e 7, nos quais 24 alunos afirmaram as atividades terem auxiliado na desenvoltura oral e 28, na modalidade escrita.

**Gráfico 16** – Questionário avaliativo – Pergunta 06

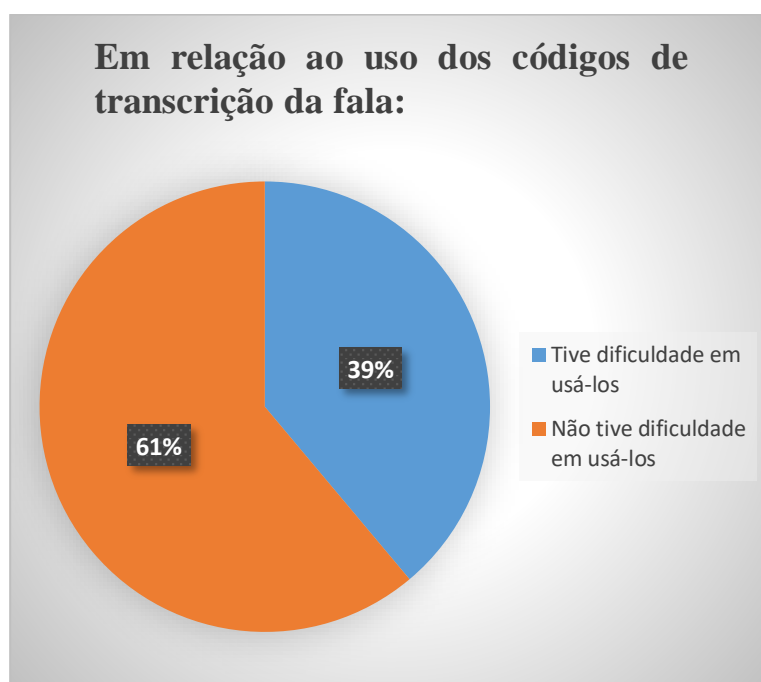


Fonte: Elaborado pela autora

**Gráfico 17** – Questionário avaliativo – Pergunta 07

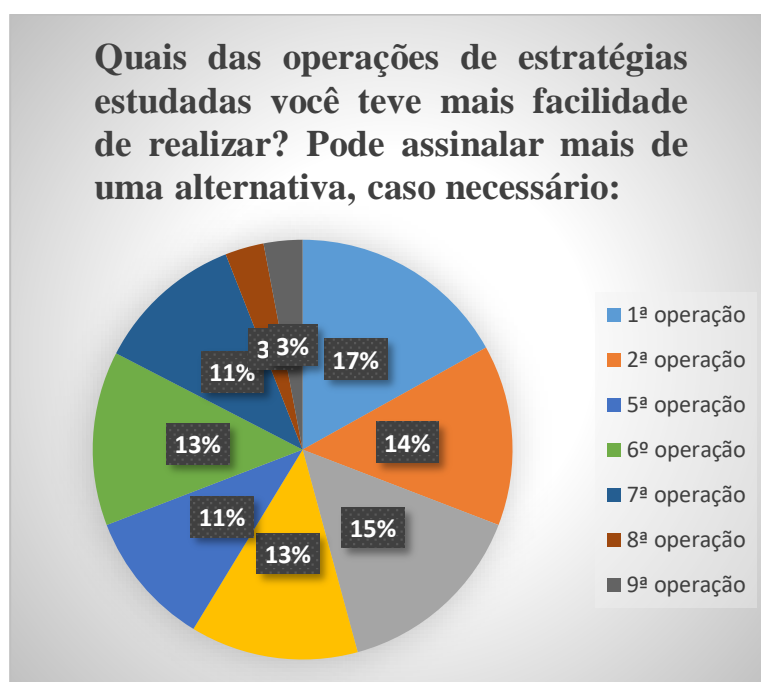


Fonte: Elaborado pela autora

**Gráfico 18** – Questionário avaliativo – Pergunta 08

Fonte: Elaborado pela autora

Para desenvolver o trabalho, os códigos de transcrição foram considerados como dificuldade por 14 dos 36 alunos, nos quais, através da observação e anotações da professora, estas dificuldades se deram, principalmente, pelo fato de não poderem pontuar as transcrições e por terem que escutar o áudio várias vezes para compreender a fala da entrevistada, além de ser um processo um pouco demorado. A professora-pesquisadora ficou surpresa com o resultado, pois não é uma tarefa simples. De fato, no início eles tiveram uma certa dificuldade, mas rapidamente se familiarizaram com os códigos.

**Gráfico 19** – Questionário avaliativo – Pergunta 09

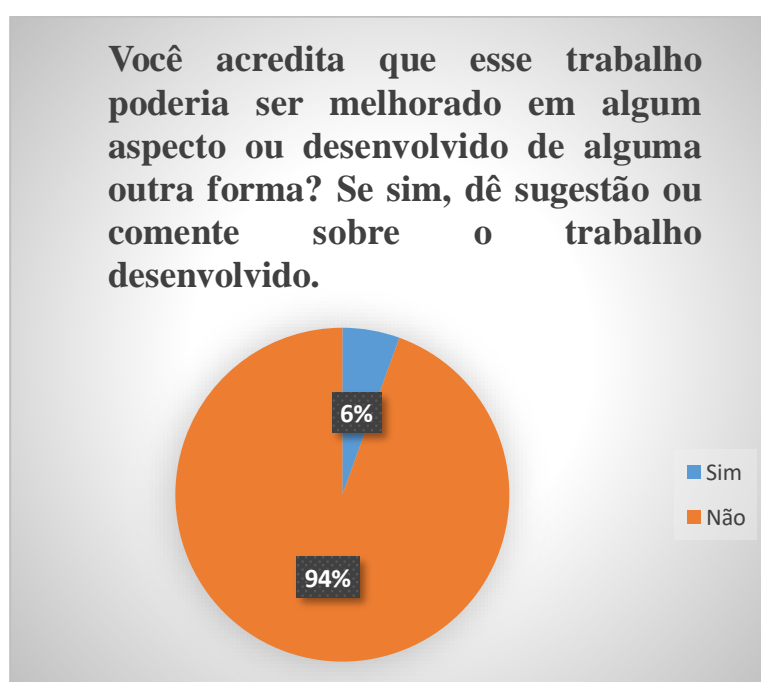
Fonte: Elaborado pela autora

A nona pergunta objetivava saber as operações que os alunos tiveram mais facilidade e dificuldade em realizar. Como era de se esperar, as operações de regularização e idealização (1ª à 4ª) foram melhor compreendidas e executadas. Na 1ª operação, apenas dois alunos afirmaram ter dificuldade em eliminar marcas interacionais, hesitações e partes de palavras; a 2ª operação, de introdução de pontuação, foi bem assimilada por 28, dos 36 alunos; a grande maioria, 30 alunos, afirmaram ter facilidade em eliminar informações repetidas, como redundâncias (3ª operação) e 26 educandos não tiveram dificuldade em introduzir paragrafação e pontuação detalhada sem modificar a ordem dos tópicos discursivos.

Já em relação às operações de transformação, do segundo grupo (5ª à 9ª) foi perceptível durante a execução das atividades e comprovado através da resolução deste questionário, que trouxeram mais dificuldade para os alunos, o que já era esperado, apesar de ter surpreendido a professora-pesquisadora, por considerar que as operações 5 a 7 foram consideravelmente bem executadas. 21 alunos afirmaram não ter apresentado dificuldade em relação à 5ª operação, que objetiva explicitude; a 6ª e a 7ª operações, de estratégia de reconstrução em função da norma escrita e de tratamento estilístico, não foram objeto de dificuldade para 27 e 23 alunos, respectivamente, dos 36 alunos participantes; já as operações oito e nove, que visam, respectivamente, à reordenação tópica do texto e reorganização da sequência argumentativa e

agrupar argumentos condensando as ideias, nitidamente trouxeram desconforto aos alunos, que necessitaram de um auxílio mais específico da professora. Apenas 6 alunos afirmaram não apresentar dificuldades nessas últimas operações, o que é relevante para uma turma de 9º ano do ensino fundamental.

**Gráfico 20** – Questionário avaliativo – Pergunta 10



Fonte: Elaborado pela autora

As respostas dessa última pergunta trouxeram alívio e satisfação à professora, pois concluiu que todo o esforço e dedicação ao longo do projeto refletiram em êxito e contentamento dos alunos. Apenas dois mostraram-se insatisfeitos em algum aspecto. Um deles afirmou que gostaria de ter participado de todas as etapas, o que de fato não ocorreu de forma direta, como já explicitado, devido ao tempo, mas todos participaram coletivamente de todo o projeto. Além disso, uma aluna destacou que poderiam ter sido realizadas outras entrevistas, o que também seria inviável, devido ao tempo e para um melhor alcance dos objetivos.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação apresentou um estudo de caso, que foi concretizado aos poucos, com a participação de todos os alunos do 9º ano do ensino fundamental, com o objetivo principal de desenvolver no educando as capacidades necessárias para melhoria da produção textual escrita, através do processo de retextualização de entrevista oral para a escrita, acerca da temática gravidez na adolescência.

Entre outras inquietações da professora-pesquisadora, como o desempenho insatisfatório em relação à produção textual dos alunos e à necessidade de serem implementados, nas aulas de Língua Portuguesa, estudos dando ênfase às duas modalidades da língua, oral e escrita, a principal indagação para a realização desta pesquisa foi: como o gênero discursivo entrevista, na oralidade e na escrita, pode contribuir para a melhoria da tessitura textual de alunos do ensino fundamental através de atividades de retextualização?

Dessa forma, concluiu-se neste trabalho a significância dos gêneros em seus mais variados contextos da comunicação. Os alunos, ao participarem da atividade de entrevista realizada com a profissional de saúde, foram capazes de se autoanalisarem em seus léxicos, como também se tornaram passíveis de apreenderem como se dá uma análise linguística da oralidade para a escrita. Somando-se a isso, o processo interacional estabelecido na aplicabilidade da entrevista foi capaz de estimular a autocrítica do adolescente ao que concerne a uma temática tão relevante para o âmbito social, característica esta do gênero entrevista jornalística, auferida nesta pesquisa; como também, o caráter sociointeracional que este tem no evento comunicativo, nos apresentando um contexto finito para investigação linguística, ou seja, num viés peculiarmente pragmático, no qual analisa a linguagem em seu contexto real de uso na comunicação e, conseqüentemente, expandindo seu conhecimento linguístico de análise e compreensão textual.

Assim, através das atividades propostas, os alunos foram apresentados ao gênero entrevista, na modalidade oral e escrita, aos códigos de transcrição, que possibilitaram a transcrição do áudio da entrevista, realizada com a enfermeira, para a modalidade escrita, bem como às operações de retextualização propostas por Marcuschi (2010). Essas atividades possibilitaram à professora-pesquisadora concluir que os alunos conseguiram realizar uma transcrição bem próxima da fala da entrevistada e, considerando os limites e especificidade de cada aluno, obtiveram êxito ao retextualizarem o texto para a modalidade escrita, preservando as informações e melhorando consideravelmente a produção textual escrita.

Outro fator de destaque foi a socialização dos alunos durante a realização do projeto.

Além do mais, o fato da entrevista em seu texto final ter sido publicada em uma rede social da escola, possibilitou que os conhecimentos adquiridos acerca da temática gravidez na adolescência pudessem ser compartilhados a toda comunidade escolar.

Conclui-se, dessa forma, mesmo tendo como parâmetro um *corpus* de atividades restrito, que os objetivos foram alcançados, visto que houve melhoria considerável na produção textual dos alunos através das atividades de retextualização.

Assim, espera-se que este trabalho inspire professores de língua portuguesa a realizar práticas pedagógicas que envolvam as modalidades oral e escrita, através de atividades com gêneros discursivos diversos, em qualquer nível de ensino. Vale ressaltar que, mesmo este estudo apresentando resultados satisfatórios, cabe ao professor adaptar a sua realidade e realizar modificações necessárias.

## REFERÊNCIAS

**Afinal, o que é Comunicação Social?** Blog ESAMC. Disponível em: <<https://esamc.br/blog/post/208/afinal-o-que-e-comunicacao-social>> Acesso em: 8 set. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa. Volume: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEB, 1998.

BAKHTIN, M. [VOLOCHINOV, V. N.]. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 4. ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 261-306.

BARBOSA, Eliana. **Gravidez na adolescência - Eliana Barbosa entrevista a Dra. Isméri Seixas**. YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SYOkwZpggZQ>> Acesso em: 05 maio 2017.

BRONCKART, Jean P. **Atividades de linguagem, textos e discursos**. São Paulo: EDUC, 1999.

\_\_\_\_\_. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. 2. reimpressão. São Paulo: EDUC, 2003.

\_\_\_\_\_. As unidades de análise da psicologia e sua interpretação: interacionismo social ou interacionismo lógico? In: \_\_\_\_\_. **Atividade de Linguagem, Discurso de Desenvolvimento Humano**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores**. Trad. Anna Rachel Machado. Campinas: Mercado das Letras. 2008.

CARVALHO, J.R.; ROMÃO, E.S.; BRETAS, S.A. **Alfabetização e Letramento**: oralidade e escrita e suas múltiplas dimensões. São Cristóvão: Editora UFS, 2014, 190 p.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de Gêneros Textuais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2009.

DELL'ISOLA, R. **Retextualização de gêneros escritos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DOLZ, J. **Escribir textos argumentativos para mejorar su comprensión. Comunicación, Lenguaje y Educación**, 26: 1995b, p. 65-77.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Os gêneros escolares – Das práticas de linguagem aos objetos de ensino. **Revista Brasileira de Educação**, ANPED, n. 11, p. 5-16, maio-ago. 1999.

\_\_\_\_\_. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 149-185.

\_\_\_\_\_. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona), In: **col. Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 41-70.

\_\_\_\_\_; NOVERRAZ, Michelle. Sequências Didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um documento. In.: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

**Entrevista com a atriz Camila Pitanga no Fantástico após morte de Domingos Montagner COMPLETO.** YouTube. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=xJKeJ6RKw\\_E](https://www.youtube.com/watch?v=xJKeJ6RKw_E)> Acesso em: 26 maio 2017.

**Entrevista com Maria Helena Vilela:** Gravidez na Adolescência. Blog da Criança. Disponível em: <<https://www.blogdacrianca.com/entrevista-com-maria-helena-vilela-gravidez-na-adolescencia/>> Acesso em 12 abril de 2017.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victorio de Oliveira. Os processos de representação da imagem pública nas entrevistas. In: PRETI, Dino (Org.). **Estudos de língua falada:** variações e confrontos. São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP, 1998. p. 153-178.

FÁVERO, Leonor Lopes. A entrevista na fala e na escrita. In: PRETI, Dino (Org.). **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP, 2000. p. 79-97.

FÁVERO, M. H.; TRAJANO, A. A. A leitura do adolescente: Mediação semiótica e compreensão textual. **Psicologia:** Teoria e Pesquisa, v. 14, 1998.

GARRETT, Annette. **A entrevista:** seus princípios e métodos. 7.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1977.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOULART, C. **As Práticas orais na escola:** o seminário como objeto de ensino. 2005. 206 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

KOCH, I. G. V. **Introdução à linguística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, I. & ELIAS, V. **Ler e escrever:** estratégias de produção textual. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_. **Ler e compreender:** os sentidos do texto. 3ª edição. São Paulo: Contexto, 2011.

MANZINI, E.J. **Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada**. In: MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE, S. (Orgs.) Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial. Londrina: eduel, 2003. p.11-25.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **A Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

\_\_\_\_\_. Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. Comunicação apresentada no IV Colóquio da Associação Latinoamericana de Analistas do Discurso. Santiago, Chile, 5 a 9 de abril de 1999.

\_\_\_\_\_. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 2 ed. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Â. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p.19-36.

\_\_\_\_\_. **A compreensão do texto falado e escrito como um ato individual de uma prática social**. Leitura: perspectivas interdisciplinares. São Paulo: ática, 2003.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Â. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

\_\_\_\_\_.; DIONISIO, A. P. **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

\_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10.ed., São Paulo: Cortez, 2010.

MARTINS, G. A. Estudo de caso: uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisas no Brasil. **Revista de Contabilidade e Organizações**, v. 2, n. 2, p. 9-18, jan./abr., 2008.

MATENCIO, M. L. M. Atividades de (re)textualização em práticas acadêmicas: um estudo do resumo. Scripta, Belo Horizonte: PUC, v. 6, n. 11, p. 109-122, 2002.

MEDINA, Cremilda de Araújo. Entrevista: o diálogo possível. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990

\_\_\_\_\_. **Entrevista: O diálogo do possível**. São Paulo: Ática, 2002.

MORIN, Edgar. **Le paradigme Perdu: la nature humaine**. Ed du Seuil, Paris 1973.

PENTEADO, H. D. Pesquisa-ensino e formação de professores. In. PENTEADO, H. D.; GARRIDO, E. (Orgs). Pesquisa-ensino: a comunicação escolar na formação do professor. São Paulo: Paulinas, p. 45-69, 2010.

PINTO, Cândida Martins. Gênero Entrevista: conceito e aplicação no ensino de português para estrangeiros. **Revista da ABRALIN**, v. 6, n. 1, p. 183-203, jan./jun. 2007.

PRETI D. (Org.) **O discurso oral culto**. v. 2, 2. ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999. 224p.

**Prova Brasil: Apresentação**. Site do Mec. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/prova-brasil>> Acesso em: 19 jun. 2017.

RODRIGUES, Thaís. **Entrevista (8)**. Blog Jovem Amor Materno. Disponível em: <<http://jovemamormaterno.blogspot.com.br/2011/06/entrevista-8.html>> Acesso em 17 abril

2017.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Os gêneros escolares**: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro: ANPED, mai/jun/jul/ago 1999 nº 11.

\_\_\_\_\_. Os Gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VAN DIJK, Teun A. **Text and context**. London: Longman, 1977.

\_\_\_\_\_. **Cognição, discurso e interação**. Apresentação e organização [de] Ingedore Villaça Koch. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2002. 207 p.

\_\_\_\_\_. (2005) 'Contextual Knowledge Management in Discourse Production. A CDA Perspective'. In R. Wodak and P. Chilton (eds) A New Agenda in (Critical) Discourse Analysis. (pp. 71-100). Amsterdam: Benjamins.

\_\_\_\_\_. **De la Gramática del Texto al Análisis Crítico del Discurso**: una breve autobiografía académica. 2006. Disponível em: <<http://www.discourses.org/cv/>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

VAZ, Tyciane Cronemberger Viana. **Jornalismo de serviço**: o gênero utilitário na mídia impressa brasileira. 2009. 198 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2009.

WACHOWICZ, Teresa Cristina. **Análise linguística nos gêneros textuais**. Curitiba: Ibepex, 2010.

WERNECK, Sandra. **Meninas**. YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XZlebR6hrGM>> Acesso em: 05 abril de 2017.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

## APÊNDICE

### APÊNDICE I – ROTEIRO DE PERGUNTAS DA ENTREVISTA REALIZADA COM A ENFERMEIRA

A adolescência, idade compreendida, segundo a Organização Mundial da Saúde, entre 10 e 19 anos, é uma época de várias descobertas. Últimos dados do IBGE, em 2011, demonstram que, no Brasil, 25 mil meninas entre 10 e 14 anos deram à luz, e 440 mil jovens entre 15 e 19 anos tiveram gestações não planejadas. Além disso, 21,5% dos partos no país são feitos em mulheres com menos de 20 anos

- ·A gravidez na adolescência é um problema de saúde pública no país? Por quê?
- Você concorda com a visão de que está havendo um aumento de adolescentes grávidas? Ou esse número diminuiu? E em nossa cidade, Itabaiana, existe algum dado que comprove?
- ·Quais os principais métodos contraceptivos? A pílula do dia seguinte pode ser usada com frequência?
- ·Que fator você acredita ser crucial para a gravidez precoce: falta de informação ou falta de responsabilidade?
- ·Sabemos que do ponto de vista físico a gravidez na adolescência é fator de risco para a mãe e para o bebê. Que riscos são esses?
- ·Como é possível diminuir o número de gestação na adolescência e, conseqüentemente, de jovens com doenças sexualmente transmissíveis? O ideal seria postergar o início precoce da vida sexual?
- ·O que pensa da criação da disciplina de Educação Sexual nas escolas?
- ·Que tipo de assistência médica essa jovem adolescente recebe ao procurar um atendimento médico público? Há atendimento psicológico para os pais?
- ·A demora para contar aos pais ou até mesmo ao parceiro de que está grávida pode retardar o atendimento pré-natal. Quais são os inconvenientes dessa demora?
- ·Os profissionais de saúde estão preparados para essa questão da gravidez na adolescência? Será que muitas vezes eles não tratam essas adolescentes com preconceitos e julgamentos?

## APÊNDICE II – QUESTIONÁRIO INVESTIGATIVO

## QUESTIONÁRIO INVESTIGATIVO

Sexo: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Ano: \_\_\_\_\_

Instruções: A fim de conhecê-lo (a) para melhor preparar nossas aulas de Língua Portuguesa no ano letivo de 2017 e para auxiliar no projeto de pesquisa intitulado **Retextualização no gênero entrevista: ressignificação da oralidade à escrita por discentes do 9º ano do ensino fundamental**, peço que responda às perguntas a seguir:

1) Observando o seu cotidiano, você conclui que as pessoas falam ou escrevem mais? Por que isso acontece?

---



---

2) Ainda em relação à fala e à escrita: você acredita que uma é mais importante que a outra? Por quê?

---



---

3) Você tem mais dificuldade em se expressar oralmente ou através da escrita? Explique.

---



---

4) Você sabia que a entrevista é um gênero textual?

(     ) sim (     ) não

5) Você já participou de alguma entrevista sendo entrevistado (a)?

(     ) sim (     ) não

6) E sendo entrevistador(a)?

(     ) sim (     ) não

7) Onde você vê entrevistas com mais frequência? (Pode assinalar mais de uma opção)

(     ) revistas e jornais impresso

(     ) televisão

(     ) livros didáticos

(     ) internet

(     ) outros. Se outros, especifique: \_\_\_\_\_

8) Você se sentiria mais à vontade, numa pesquisa, sendo:

(     ) entrevistador(a) (     ) entrevistado(a)



9) Acerca da temática “gravidez na adolescência, você acredita que seria mais interessante uma entrevista com:

(     ) um profissional da área de saúde     (     ) um profissional da área psicológica

10) Você sabe o que é retextualização? Se sim, comente o que entende sobre esse processo.

\_\_\_\_\_

### APÊNDICE III – QUESTIONÁRIO AVALIATIVO

#### QUESTIONÁRIO AVALIATIVO

Sexo: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Ano: \_\_\_\_\_

Instruções: Prezado aluno (a), agradeço a sua participação no decorrer desta pesquisa. No entanto, para finalizar este trabalho, peço que responda a este último questionário, o qual servirá como fonte de avaliação das atividades desenvolvidas.

De acordo com seus conhecimentos adquiridos ao longo dos estudos e atividades realizadas, responda às seguintes questões

1- Você acredita que as atividades desenvolvidas aprofundaram o seu conhecimento acerca do gênero textual entrevista?

(   ) Sim            (   ) Não

2- Depois das atividades realizadas, você conclui que, em relação à fala e à escrita, uma é mais importante que a outra?

(   ) Sim            (   ) Não

3- Você acredita que a escolha da temática gravidez na adolescência foi favorável para o trabalho?

(   ) Sim            (   ) Não

4- E a escolha da entrevistada, uma profissional da saúde, superou suas expectativas?

(   ) Sim            (   ) Não

5- Você gostaria de participar da realização de outra entrevista? Se sim, como entrevistador (a) ou entrevistado (a):

( ) Sim – ( ) Entrevistador ( ) Entrevistado

( ) Não

6- As atividades realizadas auxiliaram em sua capacidade de se expressar oralmente?

( ) Sim ( ) Não

7- As atividades realizadas auxiliaram em sua capacidade de se expressar através da escrita?

( ) Sim ( ) Não

8- Em relação ao uso dos códigos de transcrição da fala:

( ) tive dificuldade em usá-los ( ) não tive dificuldade em usá-los

9- Quais das operações de estratégias estudadas você teve mais facilidade de realizar? Pode assinalar mais de uma alternativa, caso necessário:

( ) 1ª operação ( ) 2ª operação ( ) 3ª operação ( ) 4ª operação

( ) 5ª operação ( ) 6ª operação ( ) 7ª operação ( ) 8ª operação ( ) 9ª operação

10- Você acredita que esse trabalho poderia ser melhorado em algum aspecto ou desenvolvido de alguma outra forma?

( ) Sim ( ) Não

Se sim, dê sugestão ou comente sobre o trabalho que foi desenvolvido.

#### APÊNDICE IV- TRANSCRIÇÃO E RETEXTUALIZAÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM A ATRIZ CAMILA PITANGA

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA	RETEXTUALIZAÇÃO DA ENTREVISTA
<b>Entrevistadora:</b> vamo começar...talvez pela parte mais difícil... queria que você	Vamos começar, talvez pela parte mais difícil, queria que você lembrasse o que foi

lembrasse o que foi aquele dia...	aquele dia.
<p><b>Entrevistada:</b> a gente acabou o dia de gravação... éh::: ... a gente tinha... meio que apalavrado... assim... de encontrar com... o Gabriel... pra tomar esse banho de rio... o Gabriel tava indo gravar... a gente tentou... falou com a Lucy Alves... mas... quando eu tava mandando mensagem pra ela... ela tava... já partindo indo embora... eu não sabia... mas acabou que... por acaso... só nós dois podíamos ir naquela hora... porque quando a gente tava indo pro hotel... a gente viu que tinha esse lugar... essa praia... que era muito claro... assim... tinham dois quiosques... a gente nem ia pra lá... a gente ia pra outro lugar... e a gente::: ... acabou achando que era mais simples ir ali... o motorista não era da região... mas ele em algum momento ele teve uma intuição... porque ele perguntou... ele falou assim... “será que a gente não pergunta?” e a gente... eu e o Domingos... a gente se olhou... e a gente falou... acho que não... porque tá tudo tão... a gente tá vazio porque é dia de semana... então::: (...) e a gente não queria chamar atenção porque quando você é ator... tem isso... a gente vai num posto de gasolina [você perde] ... você vai tomar água vira um evento... vira uma coisa maior... a gente quis ter uma certa objetividade...né... e aí a gente foi pra direita... e a gente viu que nessa direita tinha uma água meio parada... meio um</p>	<p>Nós encerramos o dia de gravação e tínhamos combinado de encontrar com o Gabriel para tomar banho de rio. Ele não pôde ir porque estava indo gravar. Tentamos falar com a Lucy Alves, mas ela já estava indo embora. Então só nós dois fomos. Quando estávamos nos direcionando para o hotel vimos a praia em que o fato aconteceu, ela tinha dois quiosques e aparentava não ser perigosa. Nós não íamos para lá, mas acreditamos ali ser um bom local para tomarmos banho de rio. O motorista não era da região, mas ele parece ter tido uma intuição e perguntou se não era melhor buscarmos informações acerca do lugar. Eu e Domingos nos olhamos e concordamos que não era necessário, pois deveria estar vazio por ser dia de semana. Além do mais, por sermos famosos, preferíamos não chamar atenção. Então viramos à direita e percebemos que tinha uma água parada, meio suja, pouco convidativa. Havia também umas pedras e Domingos subiu numa delas e disse que ali estava ótimo, que seria ideal para mergulharmos. No entanto, esse local já nos afastava do litoral. Domingos logo mergulhou e eu, por ser medrosa, fui devagarinho e notei que tinha uma pedra, que havia uma marolinha e estávamos nadando a favor de uma correnteza muito perene, tão suave, que não percebemos o perigo. Foi</p>

<p>lodo... [hunhum] meio uma coisa que não era convidativa... aí tinha umas pedras... aí Domingos subiu nessas pedras e falou... “Cá... aqui tá lindo... aqui tá ótimo... vamo... vamo mergulhar aqui”... isso já nos afastava da/do litoral... da faixa de areia....[hunhum] onde dava a pé... quando a gente mergulhou”... Domingos mergulhou logo de cabeça... e eu mais cabreira...sou mais medrosa... com essa coisa de saltar.... eu... fui devagarinho... assim... eu notei que tinha uma pedra... uma marolinha batendo... aí tem um detalhe... a gente tava nadando a FAVOR:: de uma correnteza muito perene... muito suave... que a gente não percebeu... então a gente mergulhou já num lugar que já tinha profundidade... mas o olhar:: ... pra qualquer pessoa... éh...éh de tudo parado... tem lá na frente... lá onde o rio corre... você não pode chegar... a gente não tava nessa região...</p>	<p>então que mergulhamos num local que tinha profundidade, mas quem estava de fora, não percebia, pois parecia um local tranquilo. Em outro local, mais à frente, o perigo era perceptível, mas ali não.</p>
<p><b>Entrevistadora:</b> você sentiu uma mudança na corrente?</p>	<p>Você percebeu uma mudança na corrente?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> NÃO... e qual era o meu medo?...o que que nos acendeu?... a gente pode se machucar na pedra... não foi ali... pânico... foi...vamo voltar... e ele claro... vamo voltar... e vamos nadando... o Domingos tava mais na minha frente... um tava um pouco mais próxima da/faixa de areia... a gente perdia sempre... por mais que ela fosse:: suave... a gente nadava nadava e</p>	<p>Não! O meu medo até então era nos machucarmos na pedra. Imaginei que era só voltarmos nadando. Concordamos em voltar. O Domingos estava na minha frente, mais perto da faixa de areia, mas por mais que a correnteza fosse suave, nós não conseguíamos chegar. Nadávamos, nadávamos, mas não conseguíamos. Foi um curto espaço de tempo, não ficamos exaustos.</p>

nadava e... ficava.... mas isso não se estendeu por muito tempo... só que... [não deu tempo de ter uma exaustão?]. NÃO... não deu tempo de ter uma exaustão... foi/na verdade...eu/quando eu percebi... que eu não conseguia vencer... essa ma/ essa correnteza... que era muito suave... MESMO... eu falei:: ... aí eu me desesperei... eu respirei errado... eu vi que tava respirando errado... e fiquei tentando... aí eu falei assim...não...vamo parar... ((colocou a mão no rosto))... CAMILA PARA... eu conversei comigo mesma... tudo isso que a gente falando... parece ter uma duração::: enorme ...éh tudo átomos de segundo... mas eu falei... eu tenho que me organizar... mas eu não tava tendo noção::: .... MESMO... de/do que de fato tava acontecendo.... nisso...eu vi/notei... que na nossa lateral ((gesticulando)... tinham pedras... [três...quatro metros?]. três quatro metros... eu falei... vamo/vamo pra lá... vamo/vamo se segurar na pedra... porque voltar... num tava... a gente não tava conseguindo... a gente tá falando de uma pedra... que ela não era um paredão... era uma coisa assim... então quando eu cheguei aqui ((apontando))... aqui a correnteza no/não não tinha mais nenhuma:: ... nenhuma... [força]... nenhuma força... ela não tinha o menor sentido... porque a água continuava a seguir... aí eu AI... TÁ TUDO BEM... entã/ali de fato eu me ACALMEI... eu falei... TÁ TUDO CERTO... ... vem Domingos... aqui tá tudo

Eu me desesperei e respirei errado. Parei, conversei comigo mesma para me organizar, mas ainda não tinha noção do que estava acontecendo. Então notei que na lateral, há aproximadamente quatro metros, tinham pedras, e falei de irmos para lá, nos segurarmos numa pedra, porque não estávamos conseguindo voltar. Eu consegui chegar nela e imaginei estar tudo bem, pois a correnteza não tinha mais força. Nesse momento eu me acalmei e chamei o Domingos para ir para lá. Mas ele não conseguia, não nadava e estava assustado. Então eu pensei em ir ajudá-lo, não por ser heroína, mas por achar que estava tudo tranquilo. E assim o fiz, fui até lá e peguei no antebraço dele, puxava, pedia calma, e ele não vinha. Voltei ao local sozinha, para mostrar que estava tudo tranquilo, mas ele não saía do lugar e não falava nada. Foi muito estranho porque ele nem tentou. Voltei novamente, peguei o braço dele e vim puxando, mas ele não saía do lugar. Então eu pedi para ele boiar, pois queria que ele se acalmasse. Foi então que compreendi que ele estava nervoso e respirando errado. Pedi mais uma vez que ele boiasse. Como ele não fazia, gritei pedindo socorro. Foi quando ele submergiu pela primeira vez e falava que não estava conseguindo. Engoliu água e eu pedia para ele ter calma e gritei novamente pedindo socorro, mas ninguém aparecia. Ele submergiu apenas duas vezes. Na última

certo... e tava vendo... notando... que o Domingos não conseguia se... ele não nadava... e tava assustado... então eu falei... aí eu falei... ele tá assustado... eu vou ajudar... não tinha noção do que estava acontecendo... não é... num sou heroína... nada disso... pra mim tava tudo tran-quilo... então naturalmente... se eu fui tão fácil chegar até lá ((apontando))... é fácil chegar e voltar e ajudar meu amigo que tá com medo... que tá... então saí e fui ajudar meu amigo... peguei no bra/antebraço dele... e puxava... calma... tá tudo bem... a gente/cê tá vendo... eu vou te ... e ele não vinha... soltei o braço dele... vim pra pedra... pra mostrar:: pra ele... que tava tudo bem:: ... Domingos eu tô te dizendo... aqui tá tranquilo... VEM... ele... não saiu do lugar e não falava nada [mas ele tava paralisado ou ele tava tentando sair do lugar?...]... foi muito estranho... porque... ((gaguejou))... o mais natural seria ele fazer isso ((fez gestos de nadar))... com o braço... assim:: ((gestos de braços abertos nadando))... ele... a/aparentava tá paralisado... então voltei de novo... peguei de novo no braço dele ((simulou pegando o braço))... e vim puxando... e vim puxando... e ele não saía do lugar... e ele falava... eu não tô conseguindo... Cá... eu não tô conseguindo... aí de novo voltei pra pedra... pra dizer assim... então... BÓIA... BÓIA... BÓIA... porque eu queria que ele se acalmasse ((voz ofegante))... eu entendi... ele tá nervoso... ele tá respirando

delas eu percebi a gravidade do problema e que não poderia ir até lá porque tinha algo maior do que eu estava imaginando. Eu não sabia o que era. Era um desespero entre ir e não ir. Comecei a gritar, me arranhar, me bater, a chamar, mas não tinha ninguém, apenas dois barcos na lateral. Gritava dizendo que era grave, que alguém estava dentro da água e eu sabia que não podia ir.

Eu acredito, Sônia, que provavelmente ele estava com dores, algo estava segurando a perna dele e ele, generoso que é, não quis dividir comigo.

errado... então... BÓIA... BÓIA... e comecei a gritar socorro.... pedindo socorro... foi quando ele submergiu pela primeira vez... ele falava... eu não tô conseguindo... engoliu uma água... e eu falava... CALMA...CALMA... e começava a gritar... gritar pedindo socorro...pedindo socorro... pedindo socorro ((voz ofegante))... [quantas vezes você viu ele subindo e descendo?]... foram só duas vezes ((voz de tristeza))... quando ele submergiu... e foi a última vez que ele submergiu... a-í:: eu entendi... que/aí eu entendi o problema que a gente tava vivendo... eu entendi que eu não podia ir lá ((voz de choro))... porque... tinha alguma coisa que:: ... era maior do que aquilo que eu tava imaginando... não era ele a/assustado... eu num/num/num ((mãos no rosto)) sei o que que era... era uma coisa que eu não sabia o que que era... e era... um desespero de... EU VOU... e alguma coisa que dizia NÃO VAI ((pausa e mãos no rosto))... eu comecei a gritar... e eu me... me... me... me... me arranhava e me batia... e chamava... e chamava... porque não tinha ninguém... tinham dois barcos naquela lateral... não tinha ninguém... e eu gritava... É GRAVE... É GRAVE... TEM ALGUÉM ALI DENTRO DE/DA ÁGUA... e eu sabia que eu não podia ir ((expressão de lamentação))... eu acho... Sônia...que... provavelmente... ele devia ter ( )...estar sentindo dores... alguma coisa devia tá segurando a perna dele... e ele... lindo que

<p>é... generoso que é... não dividiu a real comigo...</p>	
<p><b>Entrevistadora:</b> não passou pela sua cabeça que se você insistisse em puxá-lo... você podia ter ido junto?</p>	<p>Não passou pela sua cabeça que se você insistisse em puxá-lo, você podia ter ido junto?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> quando ele submergiu...SIM... eu queria salvar meu amigo... como também... e vi que não podia salvá-lo... saber que você não PODE...QUE NÃO DÁ... porque senão você VAI... eu pensei na minha filha... nesse átomo de segundo é tudo... parece que você vai... volta na terra...assim ((gesticulou))... tudo acontece ((mãos à cabeça))... e ele sumiu...</p>	<p>Quando ele submergiu, sim! Eu queria salvar meu amigo, mas vi que não dava, que não podia. Foi tudo muito rápido. Pensei na minha filha e de repente ele sumiu.</p>
<p><b>Entrevistadora:</b> você acha que quando ele tava ali... ele tinha noção que seria perigoso pra você... se ele tentasse... chegar</p>	<p>Você acha que ele tinha noção que seria perigoso para você tentar salvá-lo?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> acho... acho... em nenhum momento ele me pegou... ele me agarrou... ele tava tentando na verdade se segurar... por isso que ele não nadava... ele me salvou ((expressão de tristeza))... ele... eu acho que ele sabia o que tava acontecendo... e ele me deu a oportunidade de viver ((silêncio))... me deu essa chance ((silêncio))...</p>	<p>Acho, pois em nenhum momento ele me pegou. Ele estava tentando, na verdade, se segurar, por isso não nadava. Ele me salvou. Ele sabia o que estava acontecendo e me deu a oportunidade de viver.</p>
<p><b>Entrevistadora:</b> é uma coisa muito... muito generosa...</p>	<p>É uma atitude muito generosa.</p>



<p><b>Entrevistada:</b> muito generosa... muito generosa ((choro))... ele só dizia... eu num tô conseguindo... eu num tô conseguindo... e eu vi o último olhar dele ((expressão triste))... ele não tava deslumbrado... ele não queria... tinha muita tristeza... ele não queria ir... ele tava cheio de vida ((sorriso))... tava cheio de projetos... amado... por uma família linda...que eu pude conhecer... que eu tive a oportunidade de conhecer e foram extremamente generosos comigo ((choro))... que me acolheram... porque é muito duro... você relatar isso pra própria família... é muito duro... muito duro você ser testemunha disso...</p>	<p>Muito generosa. Ele só dizia que não estava conseguindo. Eu vi o último olhar dele. Ele não estava deslumbrado, ele não queria ir, estava cheio de vida, de projetos, era amado por uma família linda, que eu tive a oportunidade de conhecer e que foi extremamente generosa comigo, me acolheram, porque é muito difícil você relatar isso para própria família.</p>
<p><b>Entrevistadora:</b> você disse que você nasceu... você acha que é uma... segunda chance?</p>	<p>Você disse que nasceu. É uma segunda chance?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> é uma segunda chance... é... uma segunda chance de poder tá com meus amigos... de tá com minha filha ((choro))... de viver... é... uma segunda chance...e eu vou honrar isso... ele falava muito dos filhos... sempre falou muito da esposa... tava feliz que ia fazer uma viagem pra Cuba... e tudo mais... então quando eu entrei e vi a casa dele... as coisas dele... vi os filhos na varanda... eu falei coma Luciana... eu tava muito nervosa... mas:: ... depois foi assentando... e... ela:: ... uma firmeza... uma força... descomunal... querendo muito entender o que tinha</p>	<p>Sim. Uma segunda chance de poder estar com meus amigos, minha filha. De viver. E eu vou honrar isso. Ele falava muito dos filhos, sempre falou muito da esposa. Estava feliz porque ia fazer uma viagem pra Cuba. Então quando eu entrei e vi a casa dele, os filhos na varanda e falei coma Luciana, estava muito nervosa, mas depois fui me acalmando e ela estava muito firme, mas querendo muito entender o que tinha acontecido. relatei para ela, amigos e depois relatei para o Fernando, que é amigo-irmão do Domingos.</p>

acontecido... relatei pra ela... depois relatei pra outro grupo de amigos... depois relatei... pra... outro grupo... o Fernando... que é amigo-irmão do Domingos... quero agradecer:: ... primeiro à minha família... ao meu amor... que ficou do meu lado o tempo inteiro... isso tá me fortalecendo bastante... então é... é gratidão...	Quero agradecer, primeiro à minha família, ao meu amor, que ficou do meu lado o tempo inteiro. Isso está me fortalecendo bastante. Gratidão.
<b>Entrevistadora:</b> você vai voltar a gravar a novela?	Você vai voltar a gravar a novela?
<b>Entrevistada:</b> VOU... vamos todos... to/parte já voltou...e nós vamos tá fazendo uma homenagem a ele... então ele vai estar presente... o Santos está ALI... eu tava de costas... nós três juntos... e eu não sei se foi o Gabriel que falou... se foi o Domingos que falou... falou assim... nossa...aqui podia ser o fim da novela... a gente podia agora cada um ter uma letra... cada um se virar... f... i... m... se virar... e dizer...FIM...	Vou! Vamos todos! Uma parte já voltou e estamos fazendo uma homenagem a ele. Então ele vai estar presente.  Uma cena que gravamos e me recordo foi em que eu estava de costas, nós três juntos e não sei se foi o Gabriel que falou ou o Domingos que falou assim “Nossa, aqui podia ser o fim da novela, cada um poderia ter uma letra e se virar e dizer ‘FIM’!”

APÊNDICE V - TRANSCRIÇÃO E RETEXTUALIZAÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM A ENFERMEIRA

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA	RETEXTUALIZAÇÃO DA ENTREVISTA
<b>Entrevistador:</b> olá... boa tarde... nós somos alunos do N.C.L.... somos do nono ano da tarde... a gente tá aqui fazendo uma pesquisa... sobre gravidez na	<b>Entrevistador:</b> Boa tarde. Somos alunos do N.C.L, do 9º ano. Estamos fazendo uma pesquisa sobre gravidez na adolescência, assunto bastante discutido

adolescência... como a senhora sabe... a gravidez na adolescência é um assunto bastante falado... bastante conhecido... então vamos começar... você acha que gravidez na adolescência é um problema de saúde pública?	atualmente. Você acha que gravidez na adolescência é um problema de saúde pública?
<b>Entrevistada:</b> é... totalmente... de saúde pública...	<b>Entrevistada:</b> Sim, totalmente de saúde pública.
<b>Entrevistador:</b> por quê?	<b>Entrevistador:</b> Por quê?
<b>Entrevistada:</b> porque... é ... teoricamente falando... né? ...é ... hoje ... vinte e cin/ vinte e cinco por cento... eu acho o número de adoles/ de pessoas que engravidam...eu acho que vinte e cinco por cento...isso já é com pesquisas...né? ... é de adolescentes ... infelizmente ...é:: ... o que a gente mais atende são adolescentes de famílias desestruturadas... infelizmente também de famílias pobres... quanto mais pobre... mais a gente tem esse problema...por quê?... porque não tem estrutura familiar... porque não tem conversa entre pai e filhos... porque a grande maioria é filha de pais separados... porque a mãe... é :: ... ou trabalha fora ou também tem uma vida muito assim... é::... como é que eu posso dizer... uma vida muito desequilibrada... normalmente a mãe... a adolescente que engravida já é filha... por coincidência ou não... de mãe que já foi adolescente que	<b>Entrevistada:</b> Porque teoricamente falando, hoje, 25% das adolescentes engravidam, de acordo com as pesquisas. Atendemos com mais frequência adolescentes de famílias desestruturadas, infelizmente. São de famílias pobres e quanto mais pobres, mais o problema aumenta. Mas por quê? É um problema familiar, os pais não conversam com seus filhos e a maioria das mulheres é separada, ou trabalha fora de casa, tem uma vida desequilibrada. Geralmente a adolescente que engravida já é filha de mãe que passou pela mesma situação, coincidência ou não, ou as amigas passam pela mesma situação. Com minha prática, isso acontece por causa da puberdade, que aflora a sexualidade da adolescente. Há um enorme desequilíbrio familiar, muitas não querem estudar e acabam se entregando a essa situação. Chegam aqui adolescentes

<p>engravidou... também assim... quando na adolescência... é::... ou as amigas engravidam... é::... isso eu acho que é porque... eu acredito... né?... na minha prática...do meu dia a dia... que assim ... chega... sai da puberdade... entra na adolescência... quando entra na adolescência... parece que a parte hormonal... aguçada da parte sexual... né?... muito ativa... como não tem... um equilíbrio familiar e o mundo que você vive é muito assim... é::... muito desequilibrado... não estudam... a maioria não quer estudar muito... então... aí... elas se entregam muito... a isso... olhe... eu tive adolescentes de nove anos grávidas... que nem menstruaram ainda... eu tive adolescentes... a última que eu peguei assim dessas mais assim...é::... de onze... dezessete é comum...quinze já é comum... já virou rotina... agora ... as que mais me espantaram foram essas duas... estudar... provavelmente abdicam do estudo... né?... abdicam do estudo porque têm que criar... ficam analfabetas... e não pensam...não pensam... no dia do amanhã...</p>	<p>de 9 anos de idade, que nem menstruaram ainda, 11 anos, 17, 15. São muitos casos, já virou rotina. Geralmente essas jovens deixam de estudar, ficam analfabetas e não pensam no amanhã.</p>
<p><b>Entrevistador:</b> você concorda com a visão de que está havendo um aumento de adolescentes grávidas?</p>	<p><b>Entrevistador:</b> Você concorda com a visão de que está havendo um aumento de adolescentes grávidas?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> muito...</p>	<p><b>Entrevistada:</b> Sim, muito.</p>

<b>Entrevistador:</b> esse número diminuiu?	<b>Entrevistador:</b> E esse número diminuiu?
<b>Entrevistada:</b> não... muito pelo contrário...	<b>Entrevistada:</b> Não, muito pelo contrário.
<b>Entrevistador:</b> e a nossa cidade Itabaiana... existe algum dado que comprove... esse aumento?	<b>Entrevistador:</b> Em Itabaiana – SE, existe algum dado que comprove esse aumento?
<b>Entrevistada:</b> a:... a gente... no caso... enfermeiros de:... de:... saúde pública... a gente tem base... vamos supor... eu atendo... é:... eu hoje estou na parte do Chiara... então são pessoas mais instruídas... então isso você reduz muito... eu tava trabalhando até alguns anos atrás na parte dali da Invasão... bairro São Cristóvão... ali é que é um número alto... então ali você tem... como você atende... você tem... é:... que documentar... você tem que acompanhar... tem que documentar... então você tem como fazer mais... se você chegasse hoje... nas equipe do PSF... todas... todas as enfermeiras quando você faz a somatória... elas têm que ter a idade... né?... e a localização onde mora... se você for olhar... vamos supor... eu atendo Chiara... essa enfermeira atende a Invasão... aquela enfermeira atende Coruja... que são bairros mais assim... né? ...é:... então você vai ver ...que a mi/o meu número de/de gestantes reduz... e o número de idade aumenta... o dela aumenta em quantidade de pessoas e reduz na idade... então isso	<b>Entrevistada:</b> Nós, enfermeiros, que somos da saúde pública, temos uma base. Eu, hoje, atendo no bairro Chiara, então são pessoas mais instruídas e isso reduz muito o número de jovens grávidas. Já trabalhei no São Cristóvão, na época da invasão, que é um bairro pobre, então lá tem um número muito alto de pessoas com casos como esse. Tudo deve ser documentado, acompanhado, pela equipe do PSF. Se compararmos, por exemplo, os dados do Chiara, que é um bairro mais instruído, com a Invasão e a Coruja, que são bairros mais pobres, percebe-se que o número de gestantes no Chiara é menor. Já nos outros dois, aumenta a quantidade e a idade diminui. Isso mostra que educação, infraestrutura e saúde são fatores determinantes.

<p>mostra que INFELIZmente a infraestrutura... educação e saúde é o que tá mais pesando...</p>	
<p><b>Entrevistador:</b> quais os principais métodos contraceptivos?</p>	<p><b>Entrevistador:</b> Quais os principais métodos contraceptivos?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> bem...é ::... são cinco... o que a gente mais assim... são cinco... o primeiro... que devia ser bem usado... camisinha... por quê?... além de você evitar uma gravidez indesejada... provavelmente você vai evitar uma DST... aí vem o segundo... anticoncepcional... que você... evita a gravidez e regula sua menstruação... é UMA das formas de você regular... vem o DIU... que é uma barreira... né?... tem um dispositivo... que você coloca no útero... que você evita que o espermatozoide entre em contato com seu óvulo... terceiro... aí vem pro terceiro...é:: ... eu falei... um dois três... acho que tô no terceiro agora... né?... que é... o quarto... pronto... então... aí vem pro quarto... que é... o injetável... anticoncepcional injetável... que tem trimestral... e tem o mensal... e o quinto... que é::... o anticoncep/o... contraceptivo definitivo... que é a ligadura e a vasectomia... são os principais...</p>	<p><b>Entrevistada:</b> São cinco, mas o mais importante é a camisinha, pois além de evitar a gravidez, evita DST. O segundo é o anticoncepcional, que evita a gravidez e regula a menstruação. E tem o DIU, que é uma barreira, um dispositivo que evita a fecundação do espermatozoide no óvulo. Tem o quarto, que é o injetável, existe o que toma de 3 em 3 meses e o mensal. E o quinto, que é um contraceptivo definitivo, os principais são a ligadura e a vasectomia.</p>
<p><b>Entrevistador:</b> a pílula do dia seguinte pode ser usada com frequência?</p>	<p><b>Entrevistador:</b> A pílula do dia seguinte pode ser usada com frequência?</p>

<p><b>Entrevistada:</b> não... não...porque a pílula do dia seguinte...ela é uma dosagem muito grande de hormônio... né? ... então você tem que ter consciência de que... independente de idade... independente de qualquer coisa que você esteja fazendo... por quê? porque... olhe... a pílula do dia seguinte... até setenta e duas horas... em doze horas... até setenta e duas horas você tem que introduz/você introduz... o que você introduz em um mês... de hormônio... quer dizer... ela vai de seis a VINTE vezes mais quantidade de hormônio pra o organismo da mulher... e quanto mais você usa a eficácia diminui... por quê?... porque você vai e introduz hormônio... aí se vem outro erro... você introduz hormônio... você vai aumentar seu sangramento... não é fluxo menstrual... é sangramento que eu tô falando... né?... e isso vai fazer com quê... quanto mais hormônio você vai introduzindo... o seu organismo cria um vício... então a eficácia vai reduzir... além do quê... ela vai causar muito náuseas... cansaço na mulher... um cansaço assim... sem você... sem você... sem causa... aparente.... muito enjojo... consequentemente.... vai criar um distúrbio ENORME no organismo da mulher... se ela bem soubesse... ela procurava ter conhecimento de... de... de... né?... de médico... de barreira... de</p>	<p><b>Entrevistada:</b> Não, a pílula do dia seguinte possui uma dosagem muito grande de hormônio, então a jovem deve ter consciência quando for tomar, independente da idade. A pílula do dia seguinte tem efeito até 72 horas após o uso e injeta de seis até 20 vezes mais hormônio no corpo da mulher que faz seu uso, sendo que quanto mais usa, mais a eficácia diminui, pois o organismo fica viciado. Além disso, causa um distúrbio enorme no corpo da mulher, aumenta o sangramento (mas não é sangramento de fluxo menstrual), causa náuseas, cansaço sem causa aparente. Se ela bem soubesse, procuraria médico para auxiliá-la na escolha de um contraceptivo e evitaria problemas.</p>
---	--

contraceptivos... pra que isso não acontecesse... é prático?... É... evita... um problema grande adiante... mas que é sério... é... ( )...	
<b>Entrevistador:</b> que fator você acredita ser crucial para a gravidez precoce?	<b>Entrevistador:</b> Que fator você acredita ser crucial para a gravidez precoce?
<b>Entrevistada:</b> como é?	<b>Entrevistada:</b> Não entendi.
<b>Entrevistador:</b> que fator você acredita ser crucial para a gravidez precoce?... a falta de informação... ou a falta de responsabilidade?	<b>Entrevistador:</b> Que fator você acredita ser crucial para a gravidez precoce, a falta de informação ou a falta de responsabilidade?
<b>Entrevistador:</b> ave Maria... eu acho que é falta de informação... eu acho que quando a adolescente hoje se torna adolescente... que a gente hoje considera adolescência... de dez a menor de vinte... né?... que são vinte anos incompleto... no caso... eu acho que... ela não tem... às vezes...né? ... não tem muita consciência... do::... do que é uma gravidez precoce... que::... aquela... aquele ato... né?... in/inconsequente... vai lhe dar sérios problemas amanhã... vai privar... eu acho que a palavra é essa... vai privar você de MUITA coisa... na sua vida... “hoje eu me empolgo com você ... eu sou bonita... sou jovem... desinformada”... mas aí acontece um problema desse e::... e as consequências futuras são grandes... você... não/num...	<b>Entrevistador:</b> Acho que é a falta de informação. Quando a jovem chega à adolescência, que é de 10 a 20 anos incompletos, ela não pensa nesse assunto. Não tem consciência e a gravidez precoce é um ato inconsequente que a privará de muitas coisas e não é bom para o futuro. Ela pode se empolgar por ser bonita, jovem, mas não tem informação e uma gravidez indesejada pode trazer graves consequências, como não concluir os estudos. Percebe-se que essa falta de informação ocorre com mais frequência em famílias de pais separados, onde tem violência doméstica e drogas. Estudos comprovam que em famílias na qual os pais trabalham, existe religiosidade e comunicação familiar, principalmente em



<p>talvez... né?... não conclua um estudo...sei lá... ensino médio... num sei onde que a pessoa tá... em que época da fase da vida... você não conclui estudo... você:... é:... eu não sei dizer a palavra... peraí... às vezes... eu acho que de uma forma... nem é só às vezes... eu acho que é de uma forma geral... você pode perceber que essa falta de informação são em famílias onde existem pais separados... violência doméstica... é:... uma grande maioria vive em um mundo de drogas... onde... onde aquele mundo é o mundo que ela conhece... é:...e... estudos... estudos.... já comprovaram que... onde pais trabalham... onde existe religiosidade... e onde existe comunicação familiar... principalmente nessa parte sexual... a redução do número de gravidez precoce é muito maior... família desequilibrada... violência doméstica... é:... ambiente onde existe... como eu tava falando... a parte assim de drogas... isso daí é mais comum onde você percebe isso... trinta e nove por cento desse meio... onde essas crian/essas adolescentes engravidam... trinta por cento voltam pra escola... quando voltam é atrasada... tem o problema que tem o filho em casa... “minha mãe não pode cuidar”... falta às aulas... e nove por cento não voltam a estudar... isso é sério... entendeu? ... isso não é brincadei/... isso aqui é em qualquer lugar... a gente tá</p>	<p>relação à sexualidade, há redução de gravidez precoce. De 39% das adolescentes que engravidam, só 30% voltam para a escola e ainda com atraso, pois tem que criar o filho. Elas alegam que as mães não podem ajudá-las. Somente 9% delas voltam a estudar e isso é muito sério.</p>
---	--

<p>generalizando porque já são pesquisas feitas... e isso é triste pra vocês hoje... nove por cento de vocês (vão) voltar a estudar... e trinta por cento voltando... o estudo atrasado... isso não é legal... né?...</p>	
<p><b>Entrevistador:</b> sabemos que do ponto de vista físico... a gravidez na adolescência é fator de risco para mãe e para o bebê...que riscos são esses?</p>	<p><b>Entrevistador:</b> Do ponto de vista físico a gravidez na adolescência é fator de risco para mãe e para o bebê? Quais são esses riscos?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> olhe... é::... eu vou falar assim... eu vou falando... ( ) mãe x... bebê tal... olhe... pra mãe... é::... eclampsia e pré-eclampsia... que::... no caso... pré-eclampsia é... pro/pró telúrica... é problema renal... no caso é pressão alta... eclampsia... já entra mais a convulsão... é... crianças de baixo peso... criança subnutrida... é::... rejeição da criança... muito acontece isso... depressão pós-parto Demais... porque ela NÃO tá com a cabeça preparada praquilo... quando nasce se vê numa responsabilidade que não era pra ser ainda... não tava na época ((ruído))... anemia... são... é... adolescente tem muita anemia... talvez o fato de ser de uma... eu não sei se é a alimentação que conta porque realmente não tem o que comer... entendeu?... é::... se tiver menos de quarenta e cinco quilos... normalmente a criança é baixo peso... se ela for gordinha... a adolescente normalmente... a criança futuramente pode vir a ter diabetes</p>	<p><b>Entrevistada:</b> Eu vou falar dos problemas para a mãe e para o bebê. A mãe pode ter problema de eclampsia, convulsão, problema renal e pressão alta. E às vezes ocorre anemia, talvez por uma má alimentação ou não ter o que comer ou a mãe pode estar acima do peso e desenvolver diabetes no bebê. Se a mãe tiver menos de quarenta e cinco quilos, normalmente a criança nasce abaixo do peso e pode vir a ter diabetes. A depressão pós-parto ocorre muito, porque a jovem não está com o psicológico preparado e quando o bebê nasce, ela percebe a responsabilidade que ainda não era para estar tendo. Infecção urinária também é muito comum na mãe.</p>

<p>e a própria mãe... tem pressão alta e tem diabetes... é::... quê mais? ... deixe eu ver ... eu já falei o quê? ... infecção urinária mu::ito comum na mãe...</p>	
<p><b>Entrevistador:</b> mas tem cuidado a infecção urinária?</p>	<p><b>Entrevistador:</b> Mas tem cura a infecção urinária?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> tem... tem cuidado... porque... na época... quando você engravida... com a transformação hormonal... a vagina ela tenta criar uma umidade maior... o que faz com um acúmulo de bactérias... entendeu?... é como você pegar uma roupa molhada e colocar num canto... num vai criar aquela umidade?... bem assim é... e principalmente quando a gente é adolescente... como tá na época de transformação hormonal... tenta causar mais isso ainda... eu acho que é mais isso... ( )</p>	<p><b>Entrevistada:</b> Sim. É porque durante a gravidez, com a transformação hormonal, a vagina tende a criar mais umidade, o que acumula bactérias. É igual colocar roupa molhada num canto, cria umidade. Quando adolescente isso ocorre com mais frequência, pois os hormônios são em maior quantidade.</p>
<p><b>Entrevistador:</b> como é possível diminuir o número de gestação na adolescência... e consequentemente de jovens que têm doenças sexualmente transmissíveis?</p>	<p><b>Entrevistador:</b> É possível diminuir o número de gestação na adolescência e, consequentemente, os casos de DST?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> eu acho que através da educação... eu acho que a... que tá faltando mais compromisso... eu não vou generalizar ...assim... profissionais não... viu?... eu acho que tá faltando mais</p>	<p><b>Entrevistada:</b> Eu acho que sim, através da educação. Está faltando mais compromisso dos profissionais, principalmente da área da prevenção, da saúde pública. Eu trabalho na saúde</p>

<p>compromisso dos profissionais... principalmente da:... da área da prevenção... que no caso é saúde pública... eu sou saúde pública... AMO saúde pública... entendeu?... mas assim... tá faltando mais compromisso... a gente precisava mais formar grupo... médico... enfermeiro... o técnico da equipe... os agentes de saúde... e visitar mais as escolas... e... e... fazer palestras... eu acho que tá faltando isso... tá faltando...tá faltando o que não tem em casa... infelizmente... tentar... tem que tentar fazer isso nas escolas... porque a gente sabe... se... aonde tá acontecendo mais isso é onde não tem diálogo... tem que levar esse diálogo pra a escola... já que você tá indo para a escola AINDA... você tá conseguindo trazer esse adolescente pra escola... tá faltando a gente ir pra lá e ter esse feedback... entendeu?... tá faltando isso... eu acho que é compromisso... o que tá faltando...</p>	<p>pública, amo, mas é necessário nos unirmos, médicos, enfermeiros, agentes de saúde, o técnico da equipe. É preciso visitar as escolas, fazer palestras, faltando o que não tem em casa, que é diálogo. Deve haver diálogo na escola, está faltando um feedback, compromisso.</p>
<p><b>Entrevistador:</b> o ideal... o ideal seria... postergar o início precoce da vida sexual?</p>	<p><b>Entrevistador:</b> O ideal é adiar o início da vida sexual?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> eu acho isso muito complexo... eu acho... eu... eu... eu... acho que SIM... não... eu acho que a gente teria que... nessa/nesse compromisso de ir à escola... tentar... é:... orientar... quanto mais tardio... isso... melhor pra vocês...</p>	<p><b>Entrevistada:</b> Eu acho que sim, apesar de bem complexo. Nós, da saúde, deveríamos ir às escolas e orientar vocês, pois essa gravidez indesejada, imatura, geralmente acontece em famílias mais pobres, o que piora a situação, pois é mais um ser para</p>

<p>entendeu?... porque... se/tem que ter maturidade na hora que isso acontecer... então tá acontecendo sem maturidade... consequentemente... essa gravidez indesejada... não todos os casos... mas a gente vai... é... quanto mais... pobre... maior esse problema... né?... quanto mais pobre... maior o problema... e quanto/quando isso acontece... mais problema vai vir... porque você vai ter mais um ser... pra acrescentar na sua vida... então muita coisa como vai ser... é bloqueada na sua vida... no caso... eu acho que você tem que ter essa maturidade... então é a hora da gente ir.... tentar... fazer com que retarde esse processo do adolescente... porque você namorar... você criar vínculo... é uma coisa... mas você... fazer uma família... sem estrutura... pelo amor de Deus...</p>	<p>sustentar e a jovem vai ter que renunciar muita coisa. Devemos fazer nossa parte e tentar retardar esse processo. Os jovens podem namorar, mas constituir uma família sem estrutura não é o caminho.</p>
<p><b>Entrevistador:</b> o que você pensa da criação da disciplina de Educação Sexual nas escolas?</p>	<p><b>Entrevistador:</b> O que você pensa da criação da disciplina de Educação Sexual nas escolas?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> eu concordo...</p>	<p><b>Entrevistada:</b> Concordo.</p>
<p><b>Entrevistador:</b> por quê?</p>	<p><b>Entrevistador:</b> Por quê?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> eu concordo por::que::... a gente... é... só aprende quando é cobrado... se eu chegasse... como eu tava falando... né?... se eu chegasse pra dar aula de</p>	<p><b>Entrevistada:</b> Eu concordo, pois só aprendemos quando somos cobrados. Se eu, por exemplo, desse aula de orientação sexual, talvez eles não se interessassem da</p>

<p>orientação sexual... talvez não desperte o interesse em todos da mesma forma... e não vai... né? ... claro que cada um tem seu interesse particular... a partir do momento que eu cobro... o interesse não vai ser igual pra todo mundo... mas eu acredito que assimila de uma forma melhor... é::... abre a cabeça... cria um despertar diferente pra o assunto... cria uma maturidade que talvez... até então... não era percebida... cria... mostra... responsabilidade... de alguma... de... nessa área... mostra consequências ... então... e você quando cobra... talvez assi/assim... cria mais... é:: ... é::... conhecimento... é... cria mais... é... desperta mais o interesse e talvez até maturidade... eu acre/talvez crie mais maturidade cobrando isso... tendo esse assunto em sala de aula...</p>	<p>mesma forma, dependeria do interesse particular. Talvez a disciplina despertasse interesse nos jovens, porque assimilaria de uma forma melhor. A disciplina mostraria as consequências, despertaria maturidade se fosse cobrado em sala de aula.</p>
<p><b>Entrevistador:</b> que tipo de assistência médica essa jovem adolescente recebe ao procurar um atendimento médico público?</p>	<p><b>Entrevistador:</b> Que tipo de assistência médica essa jovem adolescente recebe ao procurar um atendimento médico público?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> bem... quando ela chega na unidade de saúde... é::...ela é encaminhada PRIMEIRO pra o enfermeiro... eh::... por quê? ...porque é preciso ter a assistência ((ruído)) da gente... e é preciso ter ...eh::... pra assistência... pra assistência à adolescente... a qualquer gestante... por quê?... porque a adolescente... a gestante... ela tem que ter a assistência... vamos</p>	<p><b>Entrevistada:</b> Quando chega à unidade de saúde, a jovem é encaminhada para o enfermeiro, que também atua como um psicólogo para elas. Ganhamos muita confiança, atendemos com mais cuidado, conversamos, ouvimos o bebê, medimos a barriga. Já o médico é mais seco, mais frio. Nós conquistamos a paciente, que se sente à vontade, faz questão de vir. A</p>

<p>             supor... aos nove meses... uma consulta com o enfermeiro... uma com o médico... uma com o enfermeiro... uma com o médico... A GENte como enfermeiro... é um pouco de psicólogo pra elas... elas têm MUI/MUITA confiança ... a gente atende de uma forma mais delicada... a gente conversa... mede barriga... ouve neném... o médico ele é mais... ele é mais seco... ele é mais cru... ele é mais direto... "tá bem?" "tá bom?"... sabe... então... a gente já... eu acho que já o dia a dia... faz/traz... a gente traz essa paciente pra gente... que faz questão de vim... aí se precisar... pronto... ela teve uma gravidez indesejada... ela é uma adolescente... ela tem quinze anos... não queria... aconteceu... então... tem psicólogo na rede?... sim... se essa paciente precisar de assistência ou a família precisar de assistência... tem o psicólogo na rede... aí a gente faz o quê?... faz... isso já existe um documento... né?... já padronizado... a gente encaminha com a história... se tiver acesso a psicóloga conta a conversa com a psicóloga... conta o que tá acontecendo pra essa paciente ficar vindo pra gente... e pra ela... e pra o médico... ele é imprescindível também... ele é obstetra... ele é imprescindível... então...com relação a essa parte dessa assistência integral à paciente... isso a gente não tem problema não... psicólogo... enfermeiro e médico... não tem           </p>	<p>             jovem teve uma gravidez indesejada, está precisando de apoio, então também temos psicólogos na rede. Através de um documento padronizado, encaminhamos contando a história ou, até mesmo, conversamos com esse profissional e até com o obstetra, que são imprescindíveis. Não temos esse problema. Elas têm assistência integral de psicólogo, enfermeiro e médico.           </p>
--	---

problema...	
<b>Entrevistador:</b> então há atendimento psicológico?	<b>Entrevistador:</b> Há atendimento psicológico?
<b>Entrevistada:</b> com certeza... isso a gente tá... bem equipado...	<b>Entrevistada:</b> Sim, e é bem equipado.
<b>Entrevistador:</b> a demora para contar aos pais ou até a seus parceiros de que está grávida... pode retardar o atendimento pré-natal? ... quais são os inconvenientes dessa demora?	<b>Entrevistador:</b> A demora em comunicar a gravidez ao parceiro e familiares pode atrapalhar o pré-natal? Quais os inconvenientes?
<b>Entrevistada:</b> pode... pode porque... na verdade... é::... teria que ter seis consultas... quando você retarda... porque existe o primeiro trimestre... o segundo e o terceiro... e cada fase de cada trimestre você tem problemas diferentes... entendeu?... vamos supor que você retardando essa assistência daí... tem problemas que no primeiro trimestre eu resolveria com facilidade que não vou poder resolver mais no segundo... é::... você pede... é::... quan/no caso... você pede os exames do primeiro trimestre... se você diagnosticar naquela época... das doenças... você pode tratar o que talvez não possa tratar no segundo... você pode tratar quando é embrião o que não pode tratar quando é feto... você pode tratar quando é feto...o que você não pode fazer quando é embrião... então tem coisas que	<b>Entrevistada:</b> Sim, porque são seis consultas, e quando retarda prejudica o primeiro trimestre e todos os demais terão problemas. Existem problemas que no primeiro trimestre eu resolveria facilmente, mas não consigo resolver no segundo. Por exemplo, você pode conseguir tratar quando é embrião, mas pode não conseguir se já for feto. Existem coisas que não podem ser deixadas para depois. Já que engravidou, tem que resolver os problemas. DSTs são um dos grandes problemas, como sífilis e condinoma. Esta se tornou uma doença comum para a adolescente, por isso hoje existe a vacina contra o HPV, já que pode levar ao câncer do colo de útero, corrimentos vaginais severos. Uma infecção pode ser tratada a qualquer momento da gravidez, mas tem

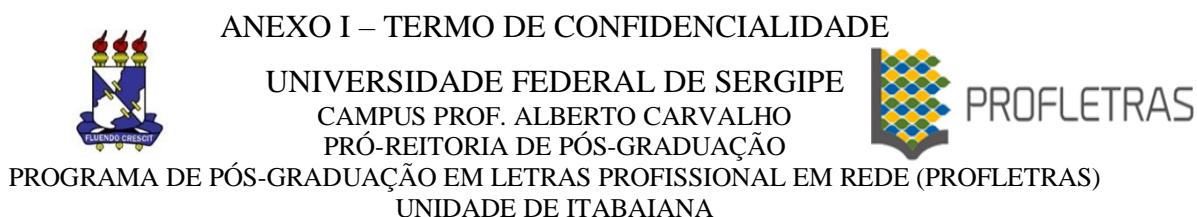


<p>             você não pode deixar passar... aconteceu?... aconteceu... então vamos resolver os problemas... medicações que você não pode usar no segundo trimestre... então... se você vier com esse problema e a gente diagnosticar esse problema agora... esse problema pode permanecer e... piorar... e eu vou poder tratar porque eu estou no segundo trimestre... que no caso é o terceiro... do primeiro ao terceiro... do terceiro ao sexto... e do sexto ao nono mês... e eu não vou poder tratar... quando eu vier... pra... no caso... sete meses... um exemplo... depois dos seis meses... pode ter se estendido... né?... sífilis... é um dos grandes problemas... DSTs... é::... condinoma... hoje infelizmente o condiloma se tornou uma doença... no adolescente... comum... por isso hoje tem a vacina do HPV... porque o condiloma leva você a ter um câncer de colo de útero... quer dizer... a/é::... corrimentos vaginais SEVEROS... porque uma coisa é você ter uma infecção... a gente trata ( ) em qualquer momento da gravidez... mas tem corrimentos que você não pode tratar... na::... no segundo trimestre ou no terceiro... teria que tratar no primeiro... então... quanto mais você retarda a assistência... pior pode ser a situação... entendeu?...           </p>	<p>             corrimentos que só podem ser tratados no primeiro semestre, por exemplo. Então quanto mais retarda, pior pode ficar a situação.           </p>
<p><b>Entrevistador:</b> os profissionais de saúde</p>	<p><b>Entrevistador:</b> Os profissionais de saúde</p>

<p>estão preparados para essa questão de gravidez na adolescência?... será que muitas vezes eles não tratam essas adolescentes com preconceitos e julgamentos?</p>	<p>estão preparados para essa questão de gravidez na adolescência? Eles julgam e têm preconceito?</p>
<p><b>Entrevistada:</b> olhe... eu acho que isso é muito pessoal... porque existem profissionais e profissionais... PREparado... não sei se a palavra é essa... a gente não é preparado pra trabalhar... mas a gente hoje... tá virando uma rotina tão GRANde... que você é obrigado a estar preparado... entendeu?... pra cui/cuidar... eu acho que a palavra é um pouco disso... cuidar dessas adolescentes... eu só acho que tá faltando mais compromisso... com alguns... pra lidar melhor com essa situação... eh::... a gente não vai consertar o mundo não... mas se existisse um/uma... eu não sei se... eh... ( ) se existisse eu acho que união... um/uma... um diálogo... eh:: ...se... se... chegasse assim... eh... ( ) se as equipes se unissem mais... pra poder trabalhar melhor... pra poder as ideias fluírem melhor... eu ter uma ideia... você ter outra... e a gente trabalhar numa forma ma::is somada... eu acho que a coisa poderia fluir mais... preconceito e julgamento eu acho que a gente não pode e nem deve fazer... a gente não tá aqui pra fazer isso... julgar... ter preconceito... não... a gente tá aqui pra ajudar e somar...</p>	<p><b>Entrevistada:</b> Eu acho muito pessoal e estamos aqui para somar. Porque existem profissionais e profissionais e já virou rotina e somos obrigados a estarmos preparados. Está faltando mais compromisso para lidar com essa situação. Não podemos consertar o mundo, mas deve haver mais união, diálogo, as equipes se unirem para as ideias fluírem. Preconceito e julgamento não podemos e nem devemos ter. Estamos aqui para somar.</p>

<p>"o que é que eu posso fazer por você?" ... é isso?... então vamos fazer isso... certo?</p>	
<p><b>Entrevistador:</b> obrigada por se disponibilizar a nos responder... nos ajudou bastante... agradeço em nome do colégio ... obrigada mesmo... gostaríamos de saber se tem algo a acrescentar...</p>	<p><b>Entrevistador:</b> Obrigado por colaborar. Agradecemos em nome do colégio. Gostaríamos de saber se deseja complementar alguma informação.</p>
<p><b>Entrevistada:</b> não... não.. eu que agradeço... qualquer coisa estou à disposição...</p>	<p><b>Entrevistada:</b> Eu que agradeço. Não tenho nenhuma informação a acrescentar, mas estou à disposição.</p>

## ANEXOS



### TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

**Título do projeto:** Retextualização no gênero entrevista: ressignificação da oralidade à escrita por discentes do 9º ano do ensino fundamental.

**Pesquisador responsável:** Carla Magda da Cunha Sousa

**Orientador:** Prof. Dr. José Ricardo Carvalho da Silva

**Instituição/Departamento:** Universidade Federal de Sergipe/Unidade Itabaiana

**Local da coleta de dados:** Colégio Estadual Professor Nestor Carvalho Lima

A pesquisadora do projeto “Retextualização no gênero entrevista: ressignificação da oralidade à escrita por discentes do 9º ano do ensino fundamental” compromete-se a preservar a privacidade dos sujeitos da pesquisa, cujos dados serão coletados através de questionários, gravações ou filmagens. A pesquisadora também concorda com a utilização dos dados única e exclusivamente para a execução do presente projeto. A divulgação das informações só será realizada de forma anônima e os dados coletados, bem como os Termos de Consentimento Livre Esclarecido e o Termo de Compromisso de Coleta, serão mantidos sob a guarda do Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede, da Unidade de Itabaiana da Universidade Federal de Sergipe, por um período de (cinco anos), sob a responsabilidade do professor Dr. José Ricardo Carvalho da Silva. Após este período, os dados serão destruídos.

Itabaiana, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

NOME DA EQUIPE EXECUTORA	ASSINATURAS
Carla Magda da Cunha Sousa	
José Ricardo Carvalho da Silva (orientador)	

Unidade Itabaiana

## ANEXO II – TERMO DE COMPROMISSO PARA COLETA DE DADOS EM ARQUIVOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO



PROFLETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL EM REDE (PROFLETRAS)  
UNIDADE DE ITABAIANA

## TERMO DE COMPROMISSO PARA COLETA DE DADOS EM ARQUIVOS

**Título do projeto:** Retextualização no gênero entrevista: ressignificação da oralidade à escrita por discentes do 9º ano do ensino fundamental.

**Pesquisador responsável:** Carla Magda da Cunha Sousa

**Orientador:** Prof. Dr. José Ricardo Carvalho da Silva

**Instituição/Departamento:** Universidade Federal de Sergipe/Unidade Itabaiana

**Telefone para contato:** (79) 99826-4770

A pesquisadora do projeto acima declara estar ciente das normas, resoluções e leis brasileiras que normatizam a utilização de documentos para coleta de dados identificados e, na impossibilidade de obtenção do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), devido a óbitos de informantes, assume o compromisso de:

- I. Preservar a privacidade dos sujeitos, cujos dados serão coletados;
- II. Assegurar que as informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do projeto em questão;
- III. Assegurar que as informações obtidas serão divulgadas de forma anônima, não sendo usadas iniciais ou quaisquer outras indicações que possam identificar os sujeitos da pesquisa.

Itabaiana, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

Unidade Itabaiana

NOME DA EQUIPE EXECUTORA	ASSINATURAS
Carla Magda da Cunha Sousa	
José Ricardo Carvalho da Silva (orientador)	

## ANEXO III – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO



PROFLETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL EM REDE (PROFLETRAS)  
UNIDADE DE ITABAIANA

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO**

Eu, \_\_\_\_\_, aluno(a) do nono ano do ensino fundamental, do Colégio Estadual Professor Nestor Carvalho Lima, localizado no município de Itabaiana/SE, autorizo a professora Carla Magda da Cunha Sousa a utilizar minha imagem e minhas produções referentes às atividades relacionadas ao projeto “Retextualização no gênero entrevista: ressignificação da oralidade à escrita por discentes do 9º ano do ensino fundamental”, desenvolvido pela mesma, em uma pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, junto à Universidade Federal de Sergipe.

Estou ciente de que as produções serão despersonalizadas e de que minha identidade será mantida em sigilo.

Itabaiana, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

---

Assinatura por extenso

Como tenho menos de 18 anos, meu responsável legal também assina o documento.

## ANEXO IV – CESSÃO DE DIREITOS DA PRODUÇÃO DO ALUNO



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL EM REDE (PPLP)  
UNIDADE ITABAIANA



PROFLETRAS

Eu, \_\_\_\_\_, residente na cidade de \_\_\_\_\_, no Estado de Sergipe, assino a cessão de direitos da produção do aluno acima identificado, desde que seja preservado o sigilo como manda o Conselho Nacional de Ética em Pesquisa, resolução 196/96 versão 2012.

Itabaiana, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

---

Assinatura por extenso